

LUIZA FRANCISCA FERREIRA DA SILVA

**A PERÍFRASE CONJUNCIONAL *SÓ QUE*: GRAMATICALIZAÇÃO E  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE LETRAS – UFMG  
FEVEREIRO – 2017

LUIZA FRANCISCA FERREIRA DA SILVA

**A PERÍFRASE CONJUNCIONAL *SÓ QUE*: GRAMATICALIZAÇÃO E  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor orientador deste trabalho pelo apoio e incentivo prestados. Devo dizer que ele sempre se mostrou disposto a me ajudar, mesmo quando eu parecia já desanimada com os rumos que a pesquisa estava tomando, situação bem típica aos variacionistas e até previsível para aqueles que atuam nessa área tão intrigante. Poder contar com o auxílio de alguém cujos textos costumava ler na graduação e admirar pela consistência dos trabalhos foi realmente gratificante.

Agradeço profundamente também à professora Jânia Ramos, uma das mais notáveis variacionistas do Brasil. Ter me ajudado, mesmo estando aposentada, quando poderia desfrutar de seu merecido descanso, só justifica o fato de essa pesquisadora ter alcançado o prestígio e o respeito que alcançou.

Preciso agradecer também à minha família pelo suporte durante todos estes anos na Faculdade de Letras da UFMG. Sei que muitas foram as vezes em que tive que me desculpar pelas constantes ausências e pelo também constante cansaço, mas, seguramente, posso afirmar que a compreensão do meu marido Igor, da minha mãe Edir, do meu pai Luiz, da minha irmã Bárbara e do meu cunhado Saulo foi essencial. Agradeço ainda aos amigos que sempre acreditaram no meu potencial, insistindo para que eu ingressasse no Poslin, e, por isso, contribuíram também para que esta dissertação pudesse ser realizada.

Igor, eu te amo!

Dedico este trabalho ao professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral, que me fez enxergar e entender que, com esforço, dedicação e solidariedade, podemos nos tornar pesquisadores.

*Quando todos os outros resultados confirmam a hipótese original, um único resultado que não se encaixa no padrão esperado pode atrair nossa atenção para rumos novos e proveitosos.*

William Labov

## RESUMO

A perífrase conjuncional *só que* do português brasileiro contemporâneo é fruto de um processo de gramaticalização, segundo o qual, grosso modo, categorias lexicais tornam-se gramaticais ou categorias gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Neste caso, a gramaticalização foi responsável por unir a palavra denotativa de exclusão *só* e a conjunção integrante *que*. Essa perífrase conjuncional – ou locução conjuntiva adversativa, dentro da tradição gramatical – encontra-se num processo de variação com a conjunção adversativa *mas*. Ambas podem funcionar como marcadoras da quebra de expectativa e coocorrem nessa função, já que possuem o mesmo valor de verdade. Definiremos a quebra de expectativa como o cancelamento de uma informação anteriormente dada pelo locutor, ao adicionar uma nova informação, que rompe o pressuposto criado na primeira mensagem. Neste trabalho, dentro de uma perspectiva laboviana, elaboramos uma análise quantitativa das ocorrências de *só que*, comparando-as com as de *mas*, com base em 36 gravações de fala espontânea realizadas com 40 falantes do dialeto mineiro, sobretudo moradores da cidade de Belo Horizonte. Nesse estudo, foi-nos possível apontar algumas tendências, como o fato de *só que* – por ser mais utilizado por falantes escolarizados – ser uma forma não estigmatizada socialmente. Vale lembrar ainda que o corpus utilizado nesta pesquisa pertence ao projeto C-Oral-Brasil I, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

**Palavras-chave:** só que; mas; gramaticalização; variação linguística.

## ABSTRACT

The conjunctive periphrasis *só que* of the Brazilian Portuguese language is the result of a grammaticalization process, in which lexical categories become grammatical, or grammatical categories become even more grammatical. In this case, grammaticalization was responsible for joining the denotative exclusion word *só* and the integral conjunction *que*. This conjunctive periphrasis – or adversative conjunctive locution – within the grammatical tradition – is in a process of variation with the adversative conjunction *but*. Both can act as markers of expectation breach and co-occur in this function, since they have the same truth value. We will define the breach of expectation as the cancellation of information previously given by the speaker, by adding new information, which breaks the assumption created in the first message. In this work, from a Labovian perspective, we elaborated a quantitative analysis of the occurrences of *só que*, comparing them with those of *mas*, based on 36 recordings of spontaneous speech performed with 40 speakers of the dialect of Minas Gerais, mostly residents of the city of Belo Horizonte. In this study, it was possible to point out some tendencies, such as the fact that, because it is more used by educated speakers, it is a form that is not socially stigmatized. It is also worth remembering that the corpus used in this research belongs to the C-Oral-Brasil I project, from the Faculty of Letters of the Federal University of Minas Gerais (UFMG).

**Keywords:** *só que*; *mas*; grammaticalization; language variation.

## LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

<b>Figura 1:</b> Percurso histórico de <i>mas</i> e <i>só que</i> .....	25
<b>Quadro 1:</b> Domínios da gramaticalização, conforme Heine (1993) .....	45
<b>Quadro 2:</b> Caracteres não ortográficos utilizados na transcrição do Projeto C-oral-Brasil I .....	58
<b>Quadro 3:</b> Distribuição dos falantes de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade .....	60
<b>Gráfico 1:</b> Distribuição dos falantes de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade .....	61
<b>Quadro 4:</b> Distribuição das ocorrências de <i>mas</i> e <i>só que</i> de acordo com o sexo dos falantes .....	62
<b>Quadro 5:</b> Distribuição das ocorrências de <i>mas</i> e <i>só que</i> de acordo com a faixa etária dos falantes .....	63
<b>Quadro 6:</b> Nível de escolaridade dos falantes em relação à faixa etária .....	65
<b>Quadro 7:</b> Distribuição das ocorrências de <i>mas</i> e <i>só que</i> de acordo com o nível de escolaridade dos falantes .....	66
<b>Quadro 8:</b> Distribuição das ocorrências de <i>só que</i> de acordo com o nível de escolaridade dos falantes .....	66
<b>Quadro 9:</b> códigos utilizados na rodagem dos dados no Programa Goldvarb X .....	68
<b>Quadro 10:</b> Uso da perífrase <i>só que</i> em relação à faixa etária .....	69
<b>Quadro 11:</b> Uso da perífrase <i>só que</i> em relação ao nível de escolaridade .....	69
<b>Quadro 12:</b> Uso da perífrase <i>só que</i> em relação a sua posição na sentença .....	70



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A PERÍFRASE <i>SÓ QUE</i></b> .....	17
2.1 A partícula <i>só</i> .....	23
2.2 O item <i>que</i> .....	27
2.3 Os significados e usos de <i>só que</i> .....	29
<b>3. OS ESTUDOS DE GRAMATICALIZAÇÃO</b> .....	35
3.1 Princípios da gramaticalização .....	42
<b>4. ANÁLISE VARIACIONISTA</b> .....	50
4.1 Gramaticalização e mudança linguística .....	54
4.2 O corpus .....	57
4.3 Metodologia e análise dos dados .....	59
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	72
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	75
<b>ANEXOS</b>	
Anexo 1: Ocorrências de <i>só que</i> coletadas para este trabalho .....	80
Anexo 2: Ocorrências de <i>mas</i> coletadas para este trabalho .....	82

## 1. INTRODUÇÃO

As conjunções configuram-se como classes gramaticais extremamente favoráveis a inovações e a mudanças linguísticas ao longo de sua existência numa determinada língua. Para Meillet (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 81),

embora todas as condições pareçam favorecer a estabilidade das conjunções no curso evolutivo das línguas, elas são palavras sujeitas à constante renovação e até ao desaparecimento.

Assim, podemos supor que itens pertencentes a essa classe no Português Brasileiro (PB) sejam afetados por processos de mudança.

A perífrase *só que* – fruto da junção da palavra denotativa *só* e da conjunção integrante *que* – é resultado justamente de inovações operadas no PB que, recorrendo a elementos já disponíveis, formou uma expressão conjuncional de valor adversativo, em frases como:

(1) tava no repertório // *só que* nós tiramos porque já tem uma quantidade / boa de música (BFAMCV14)<sup>1</sup>.

Neste trabalho, consideraremos a hipótese de que a perífrase em questão configurou-se a partir de um fenômeno de gramaticalização, em que, grosso modo, categorias lexicais tornam-se gramaticais ou categorias gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais. Além disso, devemos considerar também a possibilidade de tal perífrase estar num processo de variação linguística com outra forma adversativa prototípica da língua portuguesa, a conjunção *mas*, que ocorre em sentenças como:

(2) Mauro e Filhos é um time muito legal / eu gostaria que eles continuassem /*mas* eles não são veteranos (BFAMCV01).

---

<sup>1</sup> Conforme veremos no capítulo 4 deste trabalho, os exemplos foram retirados do corpus do projeto C-oral Brasil, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O código entre parênteses obedece à catalogação original, que também será esmiuçada no capítulo 4.

Ambas são as formas mais utilizadas pelos falantes do português brasileiro para exprimir a quebra de expectativa, tradicionalmente chamada de *adversatividade*.

Até 1970, a gramaticalização foi vista estritamente como ramo da linguística diacrônica que servia de instrumento para analisar as transformações sofridas por determinada língua ou mesmo para recuperar a história de uma língua ou de um grupo de línguas. Tempos depois, surgiu uma nova perspectiva de análise, criada por Givón (*apud* CESARIO; ALONSO, 2013 p. 19), que sistematizava o seguinte percurso para o processo de gramaticalização:

Discurso → sintaxe → morfologia → morfofonêmica → zero

Para criar esse percurso, Givón (1995) considerou alguns pressupostos iniciais, dentre os quais podemos destacar:

- i) a linguagem é uma atividade sócio-cultural;
- ii) as estruturas linguísticas têm funções comunicativas;
- iii) tais estruturas não são arbitrárias, mas motivadas;
- iv) mudança e variação estão sempre presentes;
- v) o significado é contextual;
- vi) as gramáticas são emergentes;
- vii) as regras gramaticais são permissivas.

Desse modo, vê-se que Givón admite que os processos de transformação pelos quais passa uma determinada língua são motivados pelo uso, isto é, para ele, a gramática, a estrutura gramatical de uma língua, emergiria de seu discurso, do uso que se faz dessa estrutura. Portanto:

discourse over time gives rise to the emergence of syntactic constructions, which in turn over time become morphologized. Progressive phonological erosion and lexicalization eventually lead to the loss of overt grammatical material. (KRUG, 2000, p. 9)

Nota-se ainda que o percurso de análise criado por Givón desvincula os processos de gramaticalização exclusivamente da diacronia e evidencia a possibilidade de analisarmos

fenômenos de mudança também sincronicamente. Sobre essas abordagens sincrônica e diacrônica, Gonçalves (2013, p. 327) considera:

Givón (1995) postula que o processo de gramaticalização pode ser visto tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Para ele, uma construção linguística pode desenvolver-se gradualmente no tempo, passando por estágios diversos até chegar a uma gramaticalização plena, resultando em um processo diacrônico. Do ponto de vista cognitivo, a gramaticalização é um processo instantâneo, envolvendo um ato mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida, ou seja, um item lexical, em determinado contexto, pode ter um uso gramatical. Assim, teremos um processo sincrônico. Assim como Givón, Hopper & Traugott (1993) postulam que os estudos empreendidos acerca da gramaticalização podem ser observados tanto sob uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica. Em uma perspectiva sincrônica, a gramaticalização é entendida como um fenômeno morfossintático discursivo. Em português, por exemplo, temos as formas verbais de futuro sintético que convivem com as formas do futuro perifrástico, ou seja, há mais de uma possibilidade para expressar a mesma categoria gramatical, comprovando, desta forma, a dinamicidade dos usos linguísticos. Por uma perspectiva diacrônica, podemos observar em que estágios da língua itens lexicais tornaram-se gramaticais e quais itens gramaticais tornaram-se mais gramaticais ainda.

Ao conceituar a gramaticalização, Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 46) afirmam tratar-se de um termo “que tem sido usado com vários sentidos”, entretanto, destacam a noção de que se trata de um processo:

unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática.

Nesse sentido, a unidirecionalidade se mostra como um relevante aspecto da gramaticalização. Haspelmath (2004 *apud* MARTELOTTA, 2010) a considera uma importante propriedade universal característica de todo e qualquer processo de gramaticalização e seleciona sete fatores favorecedores para que esse processo seja considerado em apenas uma direção. São eles:

- a) iconicidade;
- b) frequência;
- c) necessidade de expressar domínios abstratos da cognição em termos de domínios concretos;
- d) competição entre as motivações de economia e clareza;
- e) tendência dos falantes de usar expressões novas e extravagantes;
- f) tendência dos ouvintes de selecionar estruturas consideradas ótimas;
- g) negociação do sentido por falante e ouvinte no ato da comunicação.

Esses fatores serão oportunamente detalhados no capítulo 3 deste trabalho, entretanto, de antemão, podemos ressaltar, a partir deles, que a gramaticalização não está ligada apenas a fatores internos à língua, mas também se relaciona a aspectos concernentes àqueles que fazem uso dessa língua, constituindo-se um fenômeno linguístico de grande importância.

No entanto, apesar do arcabouço teórico, ainda se pode dizer que a gramaticalização carece de um lugar teórico definido. A respeito dessas questões, Vitral e Ramos (2006, p. 9) tecem as seguintes considerações:

na literatura recente, encontra-se muito fecunda a discussão acerca da questão de saber se a gramaticalização constitui, epistemologicamente, um modelo teórico de pleno direito ou se, ao contrário, os chamados Processos de Gramaticalização são, tão-somente, epifenômenos que poderiam ser deduzidos de enunciados oriundos de outros quadros teóricos. A questão é, evidentemente, complexa e envolve tomada de decisões que, seguramente, ultrapassam o campo da Linguística, estritamente considerada.

Portanto, nota-se, diante da relevância e da complexidade que esses estudos têm assumido atualmente na literatura, que é de extrema importância que as novas formas gramaticalizadas surgidas na língua portuguesa, como a perífrase conjuncional *só que*, sejam analisadas.

Sobre isso, podemos dizer ainda que, conforme SOUSA e VITRAL (2010, p. 9),

a Teoria da Variação e Mudança, por avaliar uma possível mudança em curso, com a apresentação de fatores externos e internos que demonstram sua estabilidade ou não, apresenta uma metodologia que pode contribuir para a avaliação de um processo de gramaticalização. Se os resultados de uma análise nessa metodologia indicam mudança em progresso para uma forma que tende a tornar-se mais gramatical, trata-se de um perfil compatível com as etapas previstas por um processo de gramaticalização. Por outro lado, se há estabilidade no uso das formas ditas concorrentes, pode-se supor que tais formas caminham para funções diferentes, isto é, sofreram recategorização, o que poderia indicar também a gramaticalização de uma das formas.

Logo, a Teoria da Variação torna-se um instrumento de análise do fenômeno da gramaticalização. Conforme Vitral, Viegas e Oliveira (2010, p. 202):

o fenômeno da mudança linguística é ainda objeto de descrição e análise da perspectiva teórica que se serve da noção de gramaticalização. Por meio dessa noção, ao observar estágios diferentes de uma língua, captamos o fato de uma forma funcionar, inicialmente, como um item de natureza lexical e, em seguida, passar a funcionar também como um item de natureza lexical.

Neste trabalho, buscamos explicitar, dentre outros aspectos, justamente essa interface entre os campos da gramaticalização e da sociolinguística variacionista, para verificarmos a gramaticalização da perífrase *só que* e sua variação com a conjunção *mas*.

Pretende-se, primeiramente, demonstrar que a perífrase conjuncional *só que* do português brasileiro contemporâneo é fruto de um processo de gramaticalização que uniu a conjunção subordinativa prototípica *que* e a forma adjetiva do português arcaico *sola*, que funcionava, esporadicamente, como palavra denotadora, como em:

(3) *en hũa persona sola & de hũa en outra* ( “em uma pessoa só e de uma em outra” – tradução nossa)<sup>2</sup>

Em seguida, à luz da Sociolinguística Variacionista, pretende-se demonstrar que existe uma variação entre a forma conservadora *mas* e a inovadora *só que*, já que a segunda adquire o valor adversativo ou de *quebra de expectativa*, que é normalmente expresso pela primeira, deixando-as, pois, com o mesmo valor de verdade. Além disso, pretende-se verificar, com base em mostras de língua falada, se existe a tendência de a forma inovadora suplantar a conservadora.

<sup>2</sup> Os exemplos em latim foram retirados de Longhin-Thomazi (2002).

Sobre essa possibilidade, Vitral, Viegas e Oliveira (2010) afirmam que

a produção das formas de uma língua pelos falantes pode ser variável, o que é tratado, inicialmente, por meio da noção de regra variável e tem, como consequência, a coocorrência de formas intercambiáveis sem que o significado que se intenta veicular seja prejudicado. De acordo com a fórmula tornada célebre, das formas coocorrentes e concorrentes deve ser aferido o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, o que é condição imprescindível para que ocorra a mudança linguística.

Vê-se, portanto, que, inicialmente já teríamos alguns requisitos cumpridos para levar nossa hipótese adiante, na medida em que *mas* e *só que*, não só possuem o mesmo valor de verdade, como também coocorrem no PB.

Para fundamentarmos nossas suposições, vamos dissertar sobre a gramaticalização, a fim de compreendermos as características do processo no qual a perífrase em estudo se insere. Faremos também brevemente um histórico das conjunções na língua portuguesa, de modo a demonstrar a junção dos termos *só* e *que* como um processo natural e até previsível para a formação de novas perífrases conjuncionais. Além disso, será necessário, ainda, expor o percurso histórico percorrido pelas formas *só* e *que* até que se configurassem na perífrase conjuncional em estudo neste trabalho.

Após essa exposição, vamos comparar as ocorrências de *só que* e de *mas*. Essa comparação nos dará os elementos necessários para verificarmos ou não a possível concorrência entre as duas formas da língua portuguesa. Para tanto, vamos recorrer a amostras de língua falada que evidenciem o uso dessas estruturas na fala cotidiana dos brasileiros.

Como nossa análise tem forte ligação com a Sociolinguística, para finalizar esta introdução, não podemos perder de vista as considerações de um de seus precursores sobre o trabalho com a língua vernacular:

o sociolinguista busca coletar um grande número de dados por meio de gravações de amostras de fala de um número considerável de informantes, por meio de entrevista de experiência pessoal, para que o envolvimento emocional com o assunto os leve a produzir um discurso informal e espontâneo. Labov (2008[1972], p.110) discute a técnicas para se estender o aspecto formal da entrevista, assim como a importância de ir além da situação para que se consiga “capturar a fala cotidiana que o informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos”, uma vez que o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser o de descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas (SALOMÃO, 2011, p. 192).

Desse modo, ressalta-se que, neste trabalho, nossa análise comparativa entre *mas* e *só que* está pautada na fala, na língua vernacular – natural e espontânea – justamente por serem, como dito, as duas formas mais utilizadas no PB para marcar a quebra de expectativa. Além do mais, vemos que o interesse da sociolinguística é analisar o estilo em que “o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala”, constituindo-se o objeto de estudo a “a língua com que se conversa com os amigos ou se conta uma piada, ou seja, o uso linguístico espontâneo” (COAN; FREITAG, 2010, p. 183).



## 2. A PERÍFRASE *SÓ QUE*

Nosso objeto de estudo, a perífrase *só que*, insere-se no quadro tradicional das conjunções e locuções conjuntivas coordenadas adversativas. Halliday e Hasan (1976 *apud* NEVES, 2006, p. 223) definem a conjunção (ou junção) como um processo coesivo: “é uma relação semântica (difícil de definir em termos claros) pela qual se especifica a conexão que existe entre o que vem depois e o que vem antes em um enunciado”. Segundo a tradição gramatical, as conjunções são as “expressões que ligam orações ou, dentro da mesma oração, palavras que tenham o mesmo valor ou função” (BECHARA, 1973, p. 159). Para Said Ali (1971, p. 219),

não tem a conjunção valor de simples elo mecânico posto entre orações; mas serve à linguagem para evitar que duas proposições se apresentem ambas como iniciais. A partícula dá a uma delas o caráter de sequente, parecendo-se de alguma sorte o seu papel com o dos sinais com que em meio de um trecho musical se anuncia mudança da tonalidade. Mas a conjunção faz mais: assinala a relação lógica em que a sequente está para com a inicial. É pois uma partícula que exerce sua influência, não como o advérbio e a preposição sobre um vocábulo, mas sobre uma oração em conjunto.

Sobre as locuções conjuntivas ainda acrescenta:

a linguagem não teria criado vocábulos especiais para construir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios *que*, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença; e serviram também pronomes do tipo relativo-interrogativo, ou temas pronominais acrescidos de novos elementos (...). A falta das demais partículas suprimiu na criação novas, isto é, advérbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como o amplo emprego de *que*, simples, ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial (...). Este processo criador de novas conjunções ou locuções conjuncionais revela-se sobretudo fecundo nas combinações de advérbios e dizeres de caráter adverbial com a partícula *que*: *a fim que* (português hodierno *a fim de que*), *sem embargo que*, *contanto que*, *ante(s) que*, *depois que*, etc. Nestas, como em outras locuções conjuncionais, o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar um verbo, mas afasta-se dele, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova espécie (SAID ALI, 1971, pp. 220-222).

Vê-se, pois, que o processo que originou a perífrase *só que*, vinda do advérbio arcaico *solamente*, que se uniu a *que*, é bastante produtivo na língua portuguesa. Desse modo, nota-se inclusive, de acordo com as ideias de Said Ali, o surgimento de uma nova espécie, na medida em que a junção dos dois termos origina uma perífrase conjuncional de valor adversativo.

Para Meillet (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2003, p. 81), a expressividade vai comandar o surgimento de novas conjunções. Segundo ele, “o valor expressivo das palavras é sempre transitório” e, nesse contexto, dois fatores são atuantes para a perda de expressividade de uma palavra e a conseqüente necessidade de sua substituição por outra mais carregada de conteúdo. O primeiro fator diz respeito à perda de conteúdo fonético. Nesse caso, segue-se a tendência natural de as línguas perderem substância fonética devido ao uso constante pelos falantes. Estes tendem, pelo princípio da economia linguística, a “simplificar” as palavras em sua fala cotidiana de modo a dar mais dinamismo ao processo de comunicação. Essa redução, entretanto, leva inevitavelmente a uma perda semântica, já que a palavra deixa de possuir também partes significativas em seu processo de redução.

O segundo fator determinante é a frequência de emprego do item. Meillet (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 10) diz que quanto mais um termo é empregado, mais desgastado ele fica. Como dito, esse desgaste faz com que o item aos poucos tenha o seu significado básico esquecido, sendo necessária a criação de um novo termo que o substitua nesse significado básico. Quando isso ocorre, é bem provável que esses itens que receberam novas funções caiam também em desgaste, percam expressividade e sejam substituídos por novas formas, que, por sua vez, também assumirão novas funções. Desse modo, vê-se que o ciclo de renovação de uma língua é infinito.

Sobre isso Langacker (1977 *apud* MARTELOTTA, 2010, p. 143) considera que:

não seria inteiramente inapropriado observar a língua em seu aspecto diacrônico como uma máquina gigante de compactar expressões (...) que requer como input um fluxo contínuo de expressões criativamente produzidas formadas por inovações lexicais (...). A máquina faz o que pode para desgastar as expressões que entram nela. Ela enfraquece metáforas standartizando-as e, usando-as repetidamente, ataca expressões de todo tipo com erosão fonética, desbota itens lexicais da maior parte de seu conteúdo semântico e os força a servir como marcadores gramaticais (...). A máquina tem um apetite voraz (...)

Nesse sentido, dois aspectos fundamentais ao desenvolvimento das conjunções são apontados (MEILLET *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, pp. 82-83):

i) as conjunções constituem uma classe de palavras dominada por uma necessidade contínua de transformação;

ii) palavras de classes diferentes podem ser recrutadas para assumir o papel de conjunção, por meio de mudanças semânticas pressionadas pelo contexto de uso.

Com relação a isso, Longhin-Thomazzi (2002, p. 106) acrescenta dois pontos complementares:

iii) o português habilitou palavras de natureza diversa - adverbial, preposicional, pronominal e nominal - ao papel de conjunção.

iv) o português generalizou o processo - iniciado no latim vulgar - que consiste em combinar a partícula subordinativa *que* com palavras de diferentes categorias, para a formação de perífrases conjuncionais.

No caso de *porém*, por exemplo, trata-se de uma forma filiada ao advérbio latino *per inde*, que dava o sentido de causa/explicação às orações que ligava, como em:

(4) “*E vtry-se tam toste que o nom poderedes já oje acalçar. E porende vos louvaria de ficardes* (E vai tão cedo que já não podes alcançar. Por isso acho bom que fiques).

Para Said Ali (1966, pp. 187-188),

a língua usual privilegiou o uso do termo mais curto, condenando *porende* ao desaparecimento. Com o tempo, o emprego de *porém* em contextos específicos de contrajunção (assinalados principalmente pela presença da negativa) levou-o a uma transformação semântica: em lugar de significar "por isso", "por essa razão", passa a significar "apesar disso", "mas", "contudo". *E ainda que quando o levaram diante del-rei desmaiou, não defalleceu porem em sua firmeza, mas foi hum natural pejo*. Assim, enquanto anafórico, *porém* era advérbio ("por isso"), mas a partir do momento em que co-ocorre com a negação, esse primitivo advérbio começa a funcionar como conjunção adversativa. De seu elemento fonte (o advérbio *per inde*), a conjunção *porém* só conservou a mobilidade característica dos advérbios, que lhe garante emprego no início, intercalada ou no final de sentenças.

Vemos, portanto, em *porém*, um caso em que a necessidade de expressão comanda o surgimento de uma nova conjunção, a partir de uma outra classe gramatical, nesse caso, um advérbio.

Quanto à classificação teórica da coordenação, Matthiessen e Thompson (1988, p. 310) conceituam as orações coordenadas por meio de sua diferenciação das subordinadas:

both co-ordination and subordination involve the linking of units of the same rank; but in co-ordination the units are constituents at the same level of constituent structure, whereas in subordination they form a hierarchy, the subordinate unit being a constituent of the subordinate unit.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 865) consideram a construção coordenada como composta por “dois ou mais membros funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação”. Desse modo, os termos participantes de uma estrutura coordenativa não apresentam hierarquias diferentes, possuindo, então, o mesmo status. As autoras reforçam ainda a necessidade de que termos coordenados tenham funções semântica, sintática e pragmática iguais, para que possam ser considerados funcionalmente equivalentes. Vejamos um exemplo de nosso corpus:

(5) de repente tem uma / gemendo / e chorando do lado / do meu lado  
(BFAMCV09)

No exemplo (5), os termos *gemendo* e *chorando* estão coordenados explicitamente pela conjunção *e*. Pode-se dizer que são equivalentes porque ambos são verbos que selecionam um mesmo papel temático para seus argumentos – por exemplo, o de experienciador para seus argumentos externos – sendo ainda o foco das sentenças, o que dá a eles, respectivamente, um mesmo status sintático, semântico e pragmático, deixando-os equivalentes do ponto de vista funcional.

Vale lembrar que estamos considerando o exemplo (5) como um caso explícito de coordenação porque é possível que as construções coordenadas apareçam de forma justaposta, caso em que o mecanismo de ligação não está expresso, como em:

(6) papai já sabia / mamãe já sabia (BFAMCV09)

Em (6), há a coordenação de duas orações equivalentes, que apresentam inclusive a mesma estrutura – mudando apenas os nomes – mas não há um elemento sintaticamente presente para ligá-las.

Ramat e Mauri (2011, p. 654) dedicam-se, no capítulo *The grammaticalization of coordinating interclausal connectives*, a discutir justamente de que forma a noção de gramaticalização, um dos eixos teóricos deste trabalho, influenciaria o quadro das conjunções e locuções conjuntivas coordenadas. Para as autoras, os conectivos coordenativos se caracterizam por sua habilidade de estabelecer uma relação de coordenação, isto é, de independência sintática, entre duas orações. Nesse caso, as orações coordenadas mantêm autonomia cognitiva (HASPELMATH, 2004, p. 34 *apud* RAMAT; MAURI, 2011, p. 654).

As autoras destacam, ainda, a existência de três possíveis tipos de coordenação, que seriam a *conjuntiva* – que daria ideia de soma – a *disjuntiva* – que daria ideia de exclusão – e, por fim, a *adversativa* – que daria ideia de contraste. No PB, os marcadores prototípicos dessas noções seriam respectivamente: *e*, *ou* e *mas*. Vejamos exemplos desses três tipos em nosso corpus:

i) coordenação conjuntiva:

(7) ele saiu fora *e* foi morar sozinho (BFAMMN33).

ii) coordenação disjuntiva:

(8) normalmente / quem sabe nadar / *ou* quer aparecer / *ou* bebe / *ou* / não respeita o mar (BFAMMN36).

iii) coordenação adversativa:

(9) eu tava escrevendo em inglês / *mas* eu / deixava a pessoa escrever em espanhol (BFAMMN33).

Para diferenciar os três tipos, primeiramente, Ramat e Mauri (2011, p. 655) destacam que as conjunções adversativas costumam apresentar maior variabilidade que as conjuntivas e disjuntivas. No francês, por exemplo, enquanto haveria apenas *et* para a conjunção e *ou* (*ou bien*) para a disjunção, haveria uma quantidade significativa para as relações de contraste:

*toutefois, mais, par contre, alors que, pourtant* etc. No PB, Neves (2006, p. 254) considera que *mas* “tem um papel bastante significativo na organização textual”:

É o elemento de eleição privilegiada na abertura de caminhos novos, que ele marca como, de algum modo, divergentes ou discrepantes. Com ele se sugerem novos e diferentes temas, diferentes focos, diferentes lugares, diferentes tempos, enfim, com ele se abrem novas cenas que, deixando outras para trás – com a marca explícita da alteração – conduzem o texto para rumos marcadamente desviantes.

Em segundo lugar, conforme Meillet (1958, pp. 171-172 *apud* RAMAT e MAURI, 2011, p. 655), os marcadores adversativos seriam os mais fácil e rapidamente renováveis entre os três. Nas línguas românicas, por exemplo, preservou-se, no francês, no italiano e no espanhol, o *et* latino para a conjunção (*et, e, y*) e o *aut* para disjunção (*ou, o, o*). Entretanto, nenhum conectivo adversativo latino sobreviveu nas três línguas em questão.

Nesse sentido, os conectivos adversativos são também mais facilmente apagáveis que os outros dois, o que favorece, como dissemos anteriormente, o surgimento de novos marcadores adversativos, como a perífrase *só que*. Sobre isso Ramat e Mauri (2011, p. 655) afirmam:

Adversative connectives are crucial to the expressive potential of speakers, and therefore speakers are constantly in search of new and expressive ways of conveying contrast, determining a high synchronic intra-linguistic variation and a quicker renewal. Conjunctive and disjunctive connectives, on the other hand, are rather connected to the organization/description of the linked states of affairs and are thus characterized by a lesser degree of intersubjectivity, which in turn determines a less urgent need for expressivity and renewal.

Para finalizar sua análise, as autoras concluem que a gramaticalização de conectivos coordenativos é caracterizada pelo aumento da abstração, processo em que se desenvolvem significados gramaticais a partir de advérbios, verbos, nomes, sintagmas preposicionais e partículas de maior referência concreta. No caso dos conectivos adversativos, o processo de abstração ligar-se-ia ao aumento da subjetividade (RAMAT; MAURI, 2011, p. 661). Conforme veremos no capítulo 3 deste trabalho, esse processo poderia ser observado, por exemplo, na extensão da palavra *braço*, de membro do corpo (ideia concreta), para *braço direito*, que envolve uma noção bastante subjetiva.

## 2.1 A partícula só

Tradicionalmente, o item *só* pertenceria à classe das palavras denotativas, classe esta que englobaria os termos que não se puderam encaixar nas categorias tradicionais, como a do substantivo e a do adjetivo, por exemplo. Desse modo, classificava-se como palavra denotativa todo item que não se conseguia conceptualizar em outra classe. Sobre essa categoria, chamada por Cunha e Cintra (2007, p. 566) de “palavras de classificação à parte”, afirma-se: “certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial (grifo dos autores)”. São palavras que denotariam, por exemplo:

i) inclusão:

(10) e quem sabe / pedir <*até* uma ajuda sua / (BFAMCV14).

ii) exclusão:

(11) *cê só* vai seguir a Prudente reto / e pegar a Contorno (BFAMCV14).

iii) realce:

(12) *ocê* descendo a Raja / *aí é que* eu nu tenho certeza / (BFAMCV14).

iv) situação:

(13) *então* / como sempre eu faço de última hora (BFAMCV14).

Dentro das palavras denotativas, o item *só* que nos interessa encaixar-se-ia nas de exclusão, restrição ou limitação, no sentido de “exceto”, “somente”, “apenas”, como em:

(14) é outro tipo de câimbra // mas dá em uma parte *só* do corpo (BFAMMN36)

No exemplo (14), vê-se que, ao diferenciar os tipos de câimbras, um dos falantes usa o termo *só* para mostrar que, especificamente, esse tipo de câimbra da qual fala afeta *apenas, somente* uma parte do corpo. Por isso podemos dizer que o item *só* classifica-se, na tradição gramatical, como palavra denotativa de exclusão.

Etimologicamente, observa-se que, primeiramente, havia no latim a forma adjetiva *solus*, que possuía o feminino *sola* e o neutro *solum*. Estas duas frequentemente fundiam-se com outras estruturas, formando novas construções: *non solum ... sed etiam* (não só... mas também) ainda no latim, e *tã solamente por fartar ao apetito* (tão somente satisfazer ao apetite), encontrada já no português arcaico do século XIV<sup>3</sup>.

Como não encontramos *solus* ou *solum* no português, apenas no latim, mas encontramos *sola* no português arcaico, temos pistas para acreditar que a forma latina *sola* predominou sobre a neutra e a masculina, fundiu-se com *-mente*, formando, num primeiro momento, *sola mente*, que depois de tornou *solamente*, e deu origem a *só*, palavra denotativa no português contemporâneo.

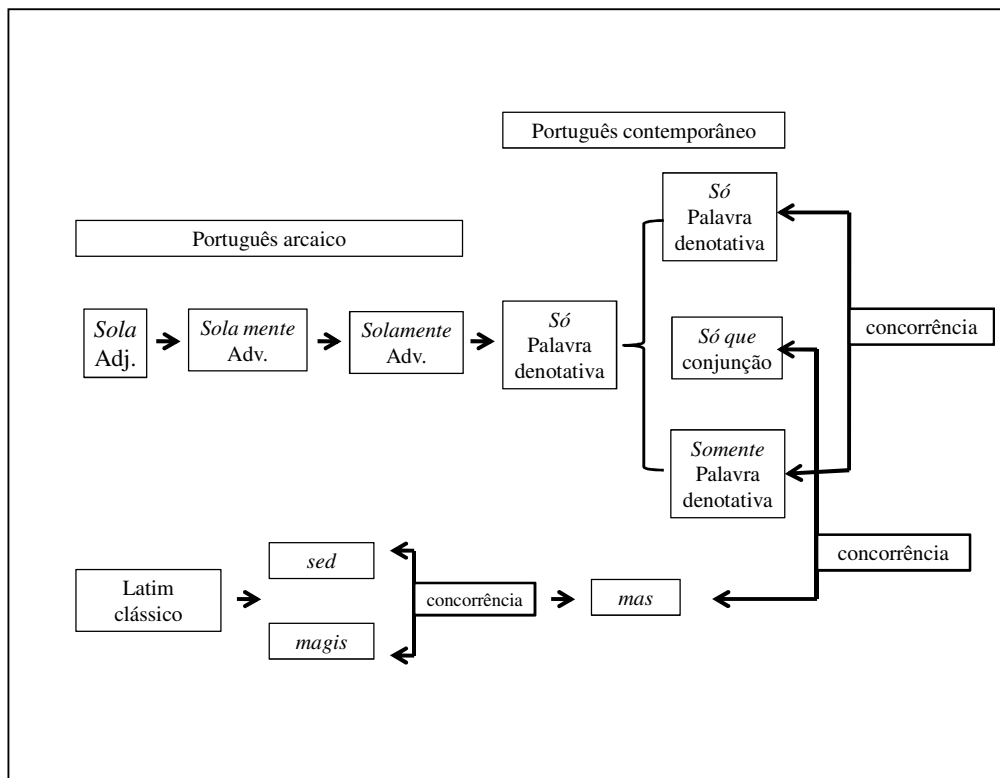
A seguir, expomos uma figura que acreditamos ilustrar o percurso percorrido por esse item até se tornar o *só* atual, palavra denotativa.

---

<sup>3</sup> A pesquisa do português arcaico foi realizada no endereço eletrônico <http://www.corpusdoportugues.org>, idealizado por Mark Davies e Michael Ferreira, pesquisadores do United States National Endowment for the Humanities.



**Figura 1: Percurso histórico de *mas* e *só que***



Representamos, na figura acima, não apenas o que acreditamos ser a trajetória do adjetivo *sola*, até se tornar a partícula denotadora *só*, e do advérbio latino *magis*, que deu origem à conjunção *mas*, como também a questão da concorrência de formas geradas a partir desse processo:

(i) entre *só que* e *mas*, que será explorada no capítulo 4; e

(ii) entre *só* e *somente*, que, no entanto, não será discutida nesse trabalho.

Nesse sentido, parece-nos pertinente explorar um pouco também a trajetória de *mas*. Como dito, a conjunção adversativa *mas* deriva do advérbio latino *magis*, que era empregado para formar comparativos de superioridade perifrásticos, como em:

(15) *dilexerunt enim gloriam hominum magis quam gloria Dei* (amaram pois a glória dos homens mais do que a glória de Deus).

Havia uma concorrência de *magis* com *sed*, conjunção adversativa latina, já que a primeira forma era usada para indicar preferência de uma coisa sobre outra. Essas formas ocorriam inclusive juntas, numa mesma sentença, como em:

(16) *sed magis gratiarum actio* (mas antes ação de graças, no sentido de preferir-se a ação de graças).

Com o passar do tempo, *magis* acaba substituindo *sed*, o que corrobora inclusive a visão de Meillet (1958), anteriormente dita, de que as conjunções latinas adversativas não sobreviveram, como é o caso de *sed*.

Em outras palavras, a conjunção adversativa *mas* é produto de transformações metonímicas que fizeram com que seu antepassado *magis* perdesse suas propriedades de advérbio de inclusão e assumisse as propriedades de conjunção adversativa. O valor contrajuntivo parece ter derivado em contextos de negação, em que *mas* co-ocorria com uma partícula negativa. Posteriormente, a noção de negação foi assimilada pelo item, que passou a estabelecer adversidade mesmo na articulação de sentenças afirmativas (PEZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 914).

Vale ressaltar ainda que encontramos mostras de uma forma *so* no português arcaico do século XIV, mas, como funcionava sempre como preposição, como em: “*nõ façam y outra maliçia so pea da almotaçarya*” (não façam outra malícia *sob* pena de taxação), excluímos dessa forma a responsabilidade por derivar a palavra denotativa *só*. Isso também porque a forma adjetiva *sola* funcionava, como vimos, esporadicamente como denotadora, o que não ocorreu com a preposição arcaica *so*.

Portanto acreditamos que *sola*, por funcionar às vezes como denotação no português arcaico, deu origem ao atual *só* palavra denotativa. Além disso, a partícula *só*, isoladamente, pode igualmente exprimir quebra de expectativa, em situações como:

(17) *mas ele na tá ativo ainda não / ele só ta instalado // só //* (BFAMDL05).

No exemplo acima, prevalece a refutação seguida por uma retificação, algo típico da quebra de expectativa. Nesse caso, o falante nega o fato de o elevador estar ativo, rompendo a

expectativa ao dizer que ele se encontra apenas instalado. Essa característica provavelmente foi conservada no processo de gramaticalização sofrido pela perífrase *só que* e transmitida a ela. Sobre isso Longhin-Thomazi (2002, p. 193) considera:

como *só* é fundamentalmente um operador de foco, que permite a inferência de contraste por quebra de expectativa, e como a perífrase conjuncional *só que* (...) preserva sempre seu sentido pragmático de quebra de expectativa, além de veicular preferencialmente informação nova, sendo, por isso, uma partícula tipicamente focalizadora, fica clara a relação existente entre o conector *só que* e o operador *só*: o uso de *só* como focalizador e marcador de quebra de expectativa é preservado e transferido para *só que*, que termina por estendê-lo em inúmeras variantes contextuais. Já no que diz respeito ao *que*, provavelmente não passa de uma conjunção integrante que, com a cristalização gradual da perífrase, perde a transparência e passa a funcionar simplesmente como segundo membro da construção gramaticalizada.

Aproveitando, pois, a menção de Longhin-Thomazi ao item *que*, que também compõe nossa perífrase, vamos, neste momento, dissertar um pouco sobre o percurso dessa forma.

## 2.2 O item *que*

O latim clássico conservou a antiga partícula enclítica *que*, que servia para unir palavras ou orações que apresentavam estreitas relações de sentido entre si, como:

(18) *domi bellique* (em casa e na guerra); e

(19) *senatus populusque* (o senado e o povo);

ou ainda para dar a um termo da oração a ideia expressa em outro termo, como em:

(20) *ille numquam i/la dicet jacta fortuito naturalemque rationem omnium reddet* (ele nunca dirá aquelas coisas feitas por acaso e chegará à razão natural de tudo) (LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 84).

A estreita relação que o *que* estabelecia entre os termos os quais encadeava era tamanha que essa partícula colocava-se em posição enclítica em relação a esses termos. Essa dependência dos itens a *que* fez com que essa partícula se configurasse como uma referência no quadro das conjunções latinas. Tanto que ocorria em vários casos clássicos, como em:

(21) *atque haec urbs atque imperium* (esta cidade e até este império);

(22) *quoque qua de causa Helvetii quoque* (por essa razão os Helvécios também).

No latim vulgar, entretanto, as diversas conjunções da língua clássica não foram adotadas. Nesse sentido, as línguas românicas trataram de criar novas construções. Para a subordinação, a língua vulgar dispunha de poucas conjunções e “passou a usar por toda parte um *quod* (que posteriormente sofreu concorrência de *quia* e de *quid*) para assinalar as diversas formas de subordinação” (LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 95). Essas formas se tornaram, então, a conjunção subordinativa por excelência do latim vulgar. “Quando necessitava de uma nova conjunção, a língua tendia a formar perífrases ou locuções conjuncionais a partir da combinação de uma base preposicional/adverbial com *quod*” (LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 103). Esse fenômeno teve ainda mais produtividade nas línguas românicas.

Câmara Jr. (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 105) descreve a prevalência de *que* a partir de *quid* da seguinte maneira:

o advento da conjunção subordinativa *que* resultou primordialmente de um esvaziamento da significação pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e sua coalescência com a outra forma neutra *quod*, reservada ao pronome relativo. Secundariamente, houve a convergência da evolução fonética da partícula de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod*. De tudo isso, resultou uma partícula multifuncional *que* para os mais variados padrões frasais.

Considerando, então, esse caráter “multifuncional” de *que*, vemos que a língua portuguesa generalizou o processo - iniciado no latim vulgar - que consiste em combinar a partícula subordinativa *que* com palavras de diferentes categorias, para a formação de perífrases conjuncionais. Para Paul (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 108) inclusive, uma perífrase conjuncional baseada em *que*

nasce da fusão entre uma partícula pertencente à oração principal e outra pertencente à oração subordinada, sendo ambas de algum modo relacionáveis. Mais tarde o resultado dessa fusão passa a ser usado com certa regularidade, e a "sensibilidade linguística" a considera uma autêntica conjunção.

No caso das concessivas, por exemplo, foram criadas várias locuções conjuncionais baseadas em *que* (*ainda que, mesmo que, apesar de que*; fr. *bien que, quoique, encore que, malgré que*; esp. *si bien que, por más que*) (LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 103). Outros casos de formação de perífrases baseadas em *que* são:

- i) Advérbio + *que*: *ainda que, logo que, sempre que, depois que, antes que, já que, assim que, mesmo que*;
- ii) Preposição + *que*: *até que, desde que, sem que, para que*;
- iii) Preposição + nome + *que*: *de sorte que, de modo que, ao passo que, de forma que, à medida que, ao tempo que*;
- iv) Particípio + *que*: *dado que, posto que, suposto que, visto que*.

Logo, sendo *que* a conjunção referência das línguas românicas para a formação de perífrases, na medida em que se tornou um *transpositor* cuja responsabilidade era definir a categoria funcional e juntar-se a um elemento (ou conjunto de elementos) (NEVES, 2006, p. 261), era de se esperar que essa tendência continuasse produtiva nos dias atuais, dando origem à locução *só que*.

### 2.3 Os significados e usos de *só que*

A perífrase *só que*, como dissemos, possui o sentido básico de oposição por quebra de expectativa, que ocorre quando, na concepção do falante, há uma dissonância entre o que se diz e o que é considerado normal, aceitável. A expectativa é construída, portanto, com base no que o falante considera como normalidade. Essa normalidade nada mais é do que a

familiaridade com que o falante admite seu universo. Ele considera normal o que tem em mente e percebe como válido ou o que pensa que seu interlocutor tem em mente e percebe como válido num contexto significativo para ambos.

A partir do momento, pois, que admitimos que os falantes têm percepções diferentes do mundo e, portanto, diferentes valores de normalidade, devemos considerar também a frequente possibilidade de romperem expectativas entre si. Daí a grande ocorrência de marcadores de quebra de expectativa nas línguas.

Van Dijk (1977 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 121) faz uma importante contribuição para o conceito de marcador de quebra de expectativa. Para ele, esses conectivos “podem indicar estados ou eventos que são meramente inesperados ou indesejados”. Para melhor ilustrar seu raciocínio, ele dá o seguinte exemplo:

(23) Fui pescar, *mas* não peguei nada.

Nesse caso, parece que o falante espera logicamente pescar peixes durante a pescaria, como isso não ocorre, sente-se frustrado pelo fato indesejado/inesperado de não pescar nada quando estava lá justamente para fazê-lo.

Outro ponto interessante de Van Dijk é que, para ele, os marcadores de expectativa “podem ser usados para expressar a não satisfação de condições possíveis, prováveis ou necessárias” (1977 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 121). Sobre isso, outro exemplo deste autor por nós traduzido seria:

(24) Peter quer comprar um carro, *mas* não tem dinheiro nenhum.

Nesse caso, a quebra de expectativa está no fato de a condição básica inicial para comprar um carro – que é ter dinheiro – não ser suprida. Portanto nota-se que a subjetividade do falante é determinante na construção da quebra de expectativa.

Pragmaticamente falando, uma vez que a perífrase *só que* é capaz de cancelar uma pressuposição estabelecida pelos falantes, podemos considerá-la um operador de foco. Isso porque efetiva a introdução de informações novas no discurso e permite o cancelamento, a quebra dessas informações. Daí a função de focalizar o que é dito. Com relação a isso, consideremos a seguinte sentença:

(25) uma das> camelas / ela pare o filhote / *só que* ela rejeita o filhote (FAMCV22).

Nesse caso, a primeira informação dada é o fato de o camelo fêmea gerar um filhote. A segunda informação dada é o fato de essa mãe rejeitar a cria. O foco em questão é justamente essa segunda informação, que adiciona algo novo à primeira, portanto, o falante focaliza o fato de a fêmea recusar seu filhote.

Outro exemplo seria:

(26) é uma moça bonita // *só que* a boca dea é muito fina (BFAMDL27).

Em (26), a primeira informação dada pela falante está no fato de ela considerar a beleza da moça de quem fala. Em seguida, ela quebra a expectativa dada com essa primeira informação ao considerar a boca dessa referente “fina”, característica que contrastaria com o seu ideal de beleza. Esse contraste seria justamente a quebra de expectativa expressa pela segunda informação, o foco.

Com relação a isso, LONGHIN-THOMAZI (2002, p. 142) propõe o seguinte esquema:

*só que* funciona como um operador de foco, que acrescenta uma circunstância em geral nova, não considerada até o momento, e que apresenta esta circunstância como sendo a única que se justifica adicionar. Esse elemento novo contrasta com tudo mais no tipo de conclusão que autoriza e é suficiente para tomar inválida uma generalização previamente considerada.

Sobre isso Sweetser (1991 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 158) acrescenta que:

alguns itens linguísticos, em particular as conjunções, podem receber diferentes interpretações conforme seus diferentes usos. A ambiguidade não é inerente ao item em si, mas ao domínio ou contexto pragmático em que este item está inserido.

Heine *et al.* (1991 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, 120) também dão suas contribuições sobre a quebra de expectativa. Segundo eles, todas as línguas possuem estruturas capazes de estabelecer a quebra de expectativa. Eles inclusive postulam como características desses marcadores:

i) o fato de estabelecerem comparações entre o que é afirmado por um lado e o que é pressuposto, esperado por outro e

ii) o fato de relacionarem elementos em conflito.

Para Bally (1965[1944] *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2002, p. 172) inclusive conectivos coordenativos que marcam quebra de expectativa teriam “a propriedade de retomar, por elipse, todo o conteúdo imediatamente anterior que, na realidade, constitui o tema”. Transpondo-se essa definição a *só que*, pode-se dizer que essa perífrase vai retomar o tema para acrescentar a ele a “informação comunicativamente mais importante”.

Ramat e Mauri (2011, p. 660) também afirmam que conectivos adversativos expressam um reforço à segunda oração. Nesse caso, é dado um foco especial de oposição à primeira cláusula. Observemos o exemplo 7 abaixo:

(27) caranguejo até / eu como / *mas* siri não //

Nesse exemplo, a oposição dada pelo segundo membro reside no fato de, no primeiro, o falante afirmar que come caranguejo e, em seguida, afirmar que não come siri. Portanto, reforça-se a primeira oração, opondo-se os dois crustáceos.

Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, pp. 915-917) afirmam que as conjunções adversativas *mas* e *só que*, nossos objetos de estudo, nunca articulam mais do que dois membros. Nesse processo de articulação, cada um dos participantes constitui um ato de enunciação, seguindo mais ou menos o padrão tema-rema, em que, o primeiro membro daria a informação considerada ponto de partida da comunicação e o segundo membro traria a informação nova, o comentário a respeito do tema anteriormente dado. Observemos o exemplo a seguir:

(28) ele só nũ &s [1] explorou bem o / lado diva dele / *mas* é uma diva (BFAMCV09).

Nesse exemplo, ao mencionar um colega, a falante, primeiramente afirma que esse colega não explorou seu lado “diva”. Essa informação se torna o ponto de partida para, em seguida, comentar que, apesar de não ter demonstrado, o colega é uma “diva”, independentemente de mostrar ou não.



Para finalizar nosso raciocínio, podemos pensar nos tipos de conexões que se estabelecem por meio da *adversatividade*. Segundo Longhin-Thomazi (2002, p. 118), *só que*, sintaticamente, pode articular:

(i) orações:

(29) a panela não encosta no vidro // *só que* cê tem que escorrer bem a água dele.

(ii) oração + constituinte oracional:

(30) cê quer vender // eu falei / quero // *só que* tá complicado.

(iii) sequências discursivas:

(31) continua indo no sentido da rodoviária / cê vai sair lá perto do hospital <que sua avó tava> // <é / *só que* eu tô> pensando em uma coisa // por causa do horário / é melhor a / Amazonas.

Semântica e pragmaticamente, Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 919) consideram que poderia haver três grupos de *adversatividade*, conforme o tipo de contraste expressado:

a) adversativas de conteúdo: nelas haveria uma oposição explícita, reforçada inclusive pela presença de palavras opostas ou por um contexto negativo.

(32) deu o nome pra ela // *só que* ã deu por escrito (BFAMCV19).

Nesse caso, o item negativo *ñ* reforça a oposição explícita entre dar o nome e não registrá-lo. Por isso se pode dizer que a *adversatividade* reside no conteúdo estrutural da sentença.

b) adversativas epistêmicas: nelas há cancelamento de expectativas, um rompimento do que é esperado.

(33) o nosso interesse é os balconistas // *só que* a gente não pode dar // treinamento pos balconistas / (BFAMMN16).

Em (33), quando o falante reconhece que seu interesse está no treinamento dos balconistas, espera-se que ele leve sua vontade à diante, formulando meios de treinar a essa classe. Entretanto, contrariando a expectativa, ele reconhece a dificuldade em efetivar o que quer, dizendo não poder dar tal treinamento. Daí o caráter epistêmico da sentença.

c) adversativas de atos de fala: nelas há um propósito de atenuação antecipada ou de polidez por parte do falante.

(34) <hoje / cê tem curso> de informática na [/1] qualquer esquina <*só que* é aquela coisa / eu nã posso esperar crescer dentro disso (BFAMCV16).

Já em (34), o falante usa a *adversatividade* presente em *só que* quase como um marcador discursivo, pois sua intenção, ao juntar a perífrase com “aquela coisa”, é antecipar sua crítica às escolas pouco profissionais, sem contudo, parecer rude.

Por fim, convém-nos encerrar esta seção sobre os diferentes tipos de *só que*, destacando que as classificações acima expostas estão longe de ser estáticas e excludentes. Nas próprias palavras de Pezatti e Longhin-Thomazi (2008, p. 919) “entre esses diferentes usos não há uma separação nítida. Pelo contrário, o limite entre um e outro é fluido e há casos que poderiam se enquadrar em mais de um tipo”. Logo, é importante que reconheçamos, mais uma vez, a complexidade dos fenômenos linguísticos sem reducionismos.

Retomemos, pois, o que dissemos anteriormente sobre a possibilidade de o item *só*, vindo de *solamente* – que no português arcaico apresentava-se com valor denotativo de exclusão – ter transmitido esse valor à perífrase *só que*, durante o processo de gramaticalização sofrido por ela. Para melhor entendermos essa possibilidade, convém-nos discutir a noção de gramaticalização, tema do capítulo a seguir.

### 3. OS ESTUDOS DE GRAMATICALIZAÇÃO

A gramaticalização é um processo linguístico que implica a mudança de estatuto de um item lexical ou de uma construção sintática para um item ou construção essencialmente gramatical. Uma vez gramaticalizado, esse item continua a desenvolver novas funções ainda mais gramaticais (MARTELOTTA; VOTRE e CEZARIO, 1996, p. 24). Nesse processo, quanto mais o elemento avança para a gramática, mais regular e previsível ele se torna, pois abandona o nível da criatividade eventual do discurso para assumir funções restritas ao nível gramatical.

Uma das definições consideradas clássicas para o fenômeno da gramaticalização é dada por Kurylowicz (1975, p. 52 *apud* Krug, 2000, p. 13), que define gramaticalização como sendo:

a ampliação dos limites de um morfema, cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional.

A essa definição Vitral (2006, p. 29) acrescenta que “gramaticalização é, então, a mudança de estatuto de um termo da língua: ao perder ‘significado’, um item passa a ter uma função gramatical”.

Frajzyngier (2008, p. 64) conceitua o fenômeno contrastando-o com a lexicalização. Para ele, o termo gramaticalização deve ser entendido como um “processo evolutivo pelo qual uma língua desenvolve significados gramaticais para codificar vários domínios funcionais, sejam eles formais, semânticos ou pragmáticos”. Já a lexicalização se referiria ao “desenvolvimento de vários significados lexicais para codificar as mesmas funções”.

Como fundador dos estudos modernos sobre gramaticalização e introdutor do termo, Meillet (*apud* CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 18) defendia que esse conceito servia para definir um processo responsável por originar novas formas linguísticas, na medida em que seria “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (*apud* HOPPER, 1991, p. 17). Para Meillet, então, esse processo levaria à transformação do sistema geral das línguas, ao introduzir novas categorias para suprir expressões linguísticas até então inexistentes. Nesse sentido, Meillet postulou dois eixos principais que permeariam o fenômeno da gramaticalização:

- i) usos gramaticais provêm de usos mais lexicais;
- ii) há um contínuo no processo que vai do concreto ao abstrato.

Quanto ao primeiro eixo, podemos entendê-lo como o fato de um termo lexical, mais flexível dentro da cláusula, perder sua expressividade pelo uso recorrente e transformar-se num termo gramatical, mais preso na sentença e mais vazio de sentido. Sobre isso Klausenburger (2000, p. 136) considera o paradoxo da gramaticalização. Segundo esse autor, tal paradoxo residiria em dois níveis, quais sejam:

- a) a comunicação efetiva se torna inefetiva, precisando de compensação por novos reforços;
- b) todo continuum de gramaticalização parece programado para a autodestruição.

Desse modo, ter-se-ia que a própria comunicação motivaria o enfraquecimento de um item, que deixaria de ser efetivo, precisando ser substituído por outro de mesmo valor, pois “os falantes escolhem novas formas de dizer velhas coisas” (KLAUSENBURGUER, 2000, p. 136). Por esse processo ser cíclico e sistemático, diz-se que a gramaticalização já nasce fadada, na medida em que o ciclo prevê a redução do item até o estágio *zero*. Esse foi o caminho, por exemplo, do item *ir* em português. Usado inicialmente como verbo pleno, que dá ideia de deslocamento de um lugar para outro, em frases, como *ele vai ao shopping*, devido ao uso frequente e ao conseqüente desgaste dessa ideia de movimento, passa também a funcionar no português como auxiliar, em frases como: *ele vai fazer o trabalho*.

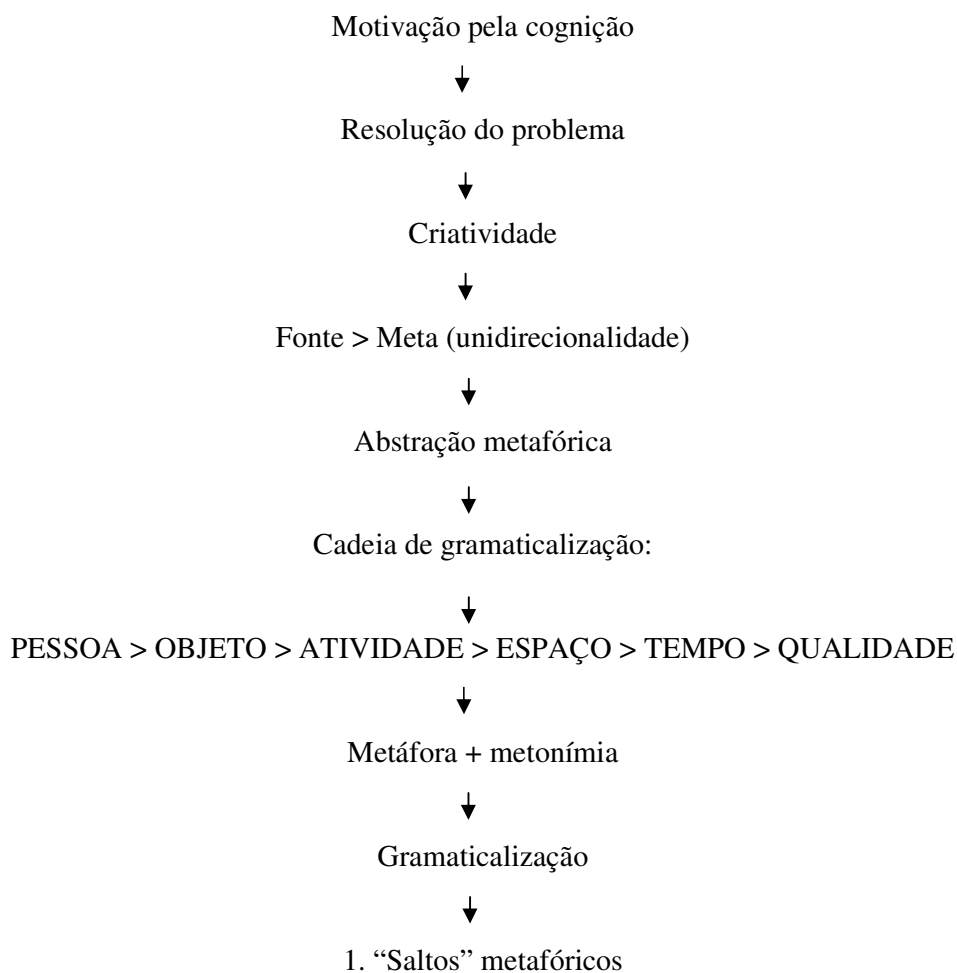
Neste caso, *ir* esvazia seu sentido inicial de movimento e passa a ser entendido semanticamente de acordo com o significado do verbo que acompanha, nesse caso, *fazer*. Além disso, o auxiliar torna-se mais estático dentro da sentença, precisando necessariamente estar junto ao verbo principal, o que não acontece quando *vai* funciona como verbo pleno, podendo se deslocar no interior da sentença, por exemplo: *ao shopping ele vai*, o que não ocorre com o auxiliar: *\*ele vai o trabalho fazer*.

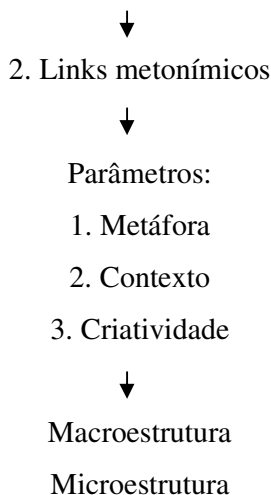
Quanto ao segundo eixo postulado por Meillet, vale lembrar que o processo de gramaticalização envolve a abstratização, “já que o significado não-gramatical pode ser descrito como mais concreto do que o significado gramatical” (NEVES, 1997, p. 131). Isso porque a abstratização metafórica é comumente vista como um processo que implica um salto de um domínio concreto a outro abstrato. Nesse sentido, pode-se dizer que a gramaticalização é um fenômeno de base metafórica, na medida em que envolve a “conceptualização obtida na

expressão de uma coisa por outra” (NEVES, 1997, p. 133). Segundo esse princípio, o processo de gramaticalização se daria do concreto para o abstrato, do lexical para o gramatical, e não o contrário.

Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 27) argumentam a favor de que elementos mais concretos, justamente por serem mais fáceis de serem conceitualizados, são utilizados para expressar noções abstratas, por sua vez mais difíceis de serem sistematizadas. Os autores ilustram esse fenômeno com o fato de partes do corpo serem utilizadas para expressar noções abstratas. Isso é o que ocorre, por exemplo, com a palavra *braço*, que servindo originalmente para expressar um membro do corpo, passa a expressar objetos, como *braço da cadeira* e, avançando no processo, expressa noções metafóricas, como *braço direito*.

Considerando isso, Heine et al. (1991 *apud* KLAUSENBURGER, 2000, p. 18) propõem o seguinte esquema para demonstrar o percurso de um item lexical ao ser reutilizado para novas funções ou acepções:





Esse esquema demonstra a complexidade que perpassa o fenômeno da gramaticalização. Entretanto, interessa-nos mais a cadeia destacada pelo autor, que vai da ideia de pessoa à de qualidade, isto é, da noção mais concreta possível à mais abstrata possível. Isso porque, como dissemos, o processo de construção gramatical do falante de uma língua é recorrer a conceitos mais facilmente acessíveis, como os seres que o rodeiam, e, a partir desses conceitos, reconstruí-los de modo a expressar abstrações.

Logo, conforme Heine (1993, p. 96), quanto mais gramatical um item, mais abstrato ele seria, pois não teria a capacidade de referir-se a objetos ou processos do mundo físico, ficando restrito a sua função discursiva apenas. Para Sweetser (*apud* HEINE, 1993, p. 96), a gramaticalização implicaria uma espécie de “transferência do ‘mundo real’, o mundo das entidades referenciais e das atividades cinéticas, ao mundo do discurso, isto é, das entidades que têm existência no ato de fala”.

Retomando o esvaziamento semântico a que está sujeito um item a ser gramaticalizado, pode-se dizer que esse esvaziamento está muito ligado à frequência de uso do item lexical. Bybee (*apud* CEZARIO; ALONSO, 2013, p. 22) considera que sequências de palavras ou morfemas frequentemente usados se tornam automáticos:

a frequência leva a uma automatização das formas, que podem reduzir-se foneticamente e também costumam emancipar-se no sentido de preencher novas funções em novos contextos. Um item muito usado num determinado contexto linguístico torna-se previsível, automático e geralmente tem sua forma fonológica reduzida.

Martelotta (2010, p. 147) também descreve muito bem esse processo:

um item – ou uma construção – começa a ser utilizado com muita frequência em um determinado contexto. Nesse caso, pela força do hábito, o usuário trabalha com o item ou com a construção mais automaticamente. Com isso o item – ou a construção – perde estrutura fonética. Quanto mais frequente – e consequentemente mais previsível – em um determinado contexto é a informação transmitida por um elemento linguístico, mais ele tende a ter sua estrutura fonética reduzida, até por uma questão de economia.

Novamente Bybee, desta vez com Pagliuca (1985 *apud* HEINE, 1993, p. 110), dá suas contribuições a esse aspecto: “it is their high frequency of use that makes certain lexemes eligible candidates for grammaticalization”. Pensando nisso, HEINE (1993, p. 111) elabora o seguinte percurso:

Dessemantização > alta frequência de uso > perda de valor informacional > erosão

No caso de *só que*, vê-se a dessemantização de *solamente* com o uso constante, a perda de seu valor adverbial e, com a junção dessa partícula a *que*, a erosão sonora.

Outro ponto que devemos considerar é o fato de nosso objeto de estudo, a perífrase *só que*, não ser composto de um elemento lexical apenas, mas sim de dois elementos que se juntaram para formá-lo. Cezario e Alonso (2013, p. 29) reconhecem que

o processo de gramaticalização pode ser também analisado não apenas a partir de palavras e morfemas, mas também a partir de unidades morfossintáticas mais complexas, como construções de mais de uma palavra. É o caso, em português, de *apenas* (resultante da gramaticalização das unidades *a* e *penas*), *agora* (de *hac ora*), *embora* (de *em boa hora*) etc. (...) Ao longo do tempo, itens específicos vão sendo usados com outros para expressar novas funções comunicativas; a partir daí, padrões de uso vão se modificando pragmaticamente e se cristalizando em pareamentos de forma e sentido. Uma sequência de itens não se torna necessariamente uma única palavra. Unidades linguísticas maiores podem ser consideradas, nesse sentido, construções oriundas de gramaticalização. Do mesmo modo que formamos itens do léxico, como *planalto*, *Maria-vai-com-as-outras*, *guarda-roupa*, também formamos itens da gramática, como *apesar de*, *embora*, *talvez*.

Quanto a isso, Heine (1993, p. 30) argumenta que o caminho mais natural ao falante de uma língua é recorrer a elementos já conhecidos para, com base neles, criar novos significados para suprir necessidades comunicativas que surgem em seu cotidiano. “Essa

estratégia segue o princípio de que conceitos concretos são utilizados para descrever conceitos menos concretos e mais difíceis de serem conceptualizados”:

In most works on grammaticalization, there appears to be an assumption to the effect that this process affects only single lexical items. This is in line with the by now classical definition volunteered by Kurylowicz (1965, p. 52), according to which grammaticalization ‘consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status’. In such studies, the important fact tends to be ignored that many instances of the process involve at the same time more than one linguistic item. In fact, quite a number of conceptual processes leading to the development of grammatical categories do not concern linguistic units such as words or morphemes but rather more complex conceptual entities. (HEINE, 1993, p. 30)

Heine inclusive exemplifica suas considerações a respeito de o processo de gramaticalização poder envolver categorias complexas com a gramaticalização da forma verbal latina *habere*, responsável pela formação do futuro em línguas românicas como o francês e o espanhol.

Outro ponto fundamental da teoria da gramaticalização é o conceito de unidirecionalidade, anteriormente ilustrado por meio da escala de abstração de Heine et al. (1991). Segundo esse princípio, o processo de gramaticalização se daria do concreto para o abstrato, do lexical para o gramatical, e não o contrário. Nesse sentido, os pontos de partida do processo de gramaticalização, conforme Heine et al. (*apud* MARTELOTTA; VOTRE e CEZARIO, 1996, p. 51) tendem a se identificar com:

- a) partes do corpo (braço, cabeça, pé, etc);
- b) processos (ir, vir, dar, etc);
- c) verbos de postura (estar, ficar, etc);
- d) verbos de percepção sensorial (ver, perceber, etc);
- e) verbos de processo mental (saber, entender, etc);
- f) quantificadores (muitos, poucos, etc);
- g) elementos dêiticos (aí, lá, assim, etc);
- h) pronomes demonstrativos (isso, este, aquela, etc) e interrogativos (quem, que, etc).



Complementando essa análise, Haspelmath (1999) e Traugott e Dasher (2005) (*apud* MARTELOTTA, 2010, p. 145) propõem os seguintes fatores que favoreceriam a gramaticalização:

- a) iconicidade;
- b) efeitos de frequência;
- c) necessidade de expressar domínios abstratos da cognição em termos de domínios concretos;
- d) competição entre as motivações de economia e clareza;
- e) tendência dos falantes para usar expressões novas e extravagantes;
- f) tendência dos ouvintes para selecionar estruturas ótimas;
- g) negociação do sentido por falante e ouvinte no ato da comunicação.

Apesar de já termos mencionado, mesmo que indiretamente, alguns desses fatores ao longo deste trabalho, parece-nos adequado reforçar alguns conceitos. Primeiramente, sobre a iconicidade, devemos dizer que “informações maiores, mais importantes ou menos previsíveis tendem a ser expressas com maior quantidade de material linguístico” (MARTELOTTA, 2010, p. 146). Em relação a isso, Neves (2004, p. 107) argumenta sobre o princípio da quantidade, segundo o qual “um texto maior deve conter mais informação do que um texto menor, já que, admitida a relação icônica entre forma e organização do conteúdo, maior quantidade de matéria fônica deve corresponder a maior quantidade de informação”. Além disso, Hopper e Traugott (1993 *apud* VITRAL, 2012, p. 2) afirmam que “há uma tendência de as formas analíticas substituírem as formas sintéticas quando se observam estágios destacados de uma língua ou mesmo a relação de parentesco entre línguas”.

Nesse processo, Vitral (2012, p. 2) conclui que “a forma perifrástica termina por competir com a forma sintética, podendo ou não causar o desaparecimento da forma sintética com o mesmo valor de verdade”. Se pensarmos, pois, em nossa locução *só que*, ao propormos neste trabalho que ela estaria concorrendo com *mas*, forma sintética de quebra de expectativa, poderíamos considerar a possibilidade de a forma sintética vir a perder espaço para a analítica, pois, sendo aquela mais usada pelos falantes, é também mais passível ao desgaste, sendo substituída pela forma perifrástica, mais carregada de sentido.

Falemos, neste momento, dos princípios que norteiam o fenômeno da gramaticalização e nos ajudam a melhor compreender os pressupostos teóricos desse processo.

### 3.1 Princípios da gramaticalização

Parece-nos pertinente, neste momento, dissertar um pouco sobre os princípios que norteiam o processo de gramaticalização.

Heine (1993, p. 53), ao defender uma abordagem ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica do fenômeno em questão, propõe o que chama de *cadeias de gramaticalização*. Para o autor, uma cadeia de gramaticalização pode ser entendida como o processo global sofrido pelos itens ou construções em sua trajetória para o nível mais gramatical. Essa visão encadeada do processo nos parece bastante adequada ao pensarmos nosso objeto de estudo, a perífrase conjuncional *só que*, na medida em que ela, como dito, origina-se a partir de dois elementos provenientes do latim, que foram avançando no processo para tornarem-se cada vez mais gramaticais.

Uma cadeia de gramaticalização teria as seguintes características:

- a) envolve pelo menos a sequência de dois distintos usos, onde um será a fonte e o outro será a meta;
- b) a relação entre a fonte e a meta é que a fonte seria historicamente anterior e menos gramaticalizada que a meta;
- c) o motivo para pensar o processo como uma cadeia está no fato de ele afetar todos os componentes relevantes do sistema linguístico, da semântica à morfossintaxe, passando pelo componente fonológico;
- d) durante o processo, a presença inevitável de sobreposições é responsável por:
  - i) tornar as categorias gramaticais inerentemente ambíguas em certos usos;
  - ii) demonstrar a unidirecionalidade, estendendo o item do historicamente anteriormente/menos gramaticalizado ao posteriormente/mais gramaticalizado.
- e) uma cadeia de gramaticalização tem dimensão sincrônica e diacrônica; a diacrônica resulta na mudança linguística e a sincrônica resulta na variedade de usos sincronicamente definidos do item;
- f) a cadeia é uma estruturada família de categorias semelhantes.

Como dito, podemos pensar nosso objeto de estudo em relação à cadeia de gramaticalização proposta por Heine. Nesse caso, como vimos no capítulo anterior, o item fonte seria a forma *solamente* do português arcaico, que se gramaticalizou em *só*, item meta,

sendo este, obviamente, historicamente posterior àquele e sincronicamente mais gramaticalizado. Além disso, pode-se dizer que esse processo, conforme prevê a cadeia, afeta os componentes semântico, morfossintático e fonológico, devido à redução e à resignificação sofrida pelo item.

De modo a detalhar essas transformações semânticas, morfossintáticas e fonológicas implicadas pela cadeia, Heine (1993, p. 54) estabelece quatro parâmetros da gramaticalização, quais sejam:

- i) dessemantização
- ii) decategorialização
- iii) cliticização
- iv) erosão

A *dessemantização*, como o nome indica, refere-se às perdas semânticas ocorridas com um item durante seu processo de gramaticalização. Também chamado de “desbotamento” ou “branqueamento” (*bleaching*), esse processo indica que um item lexical é esvaziado semanticamente ao adquirir função gramatical. No caso de nossa perífrase, vindo ela de *sola*, forma adjetiva do português arcaico, em frases como:

(35) fique en hũa persona *sola* & de hũa en outra por que se se ouuese de deujdir entre herdeyros seria,

percebemos que ela perde essa função caracterizadora, para tornar-se *solamente*, de valor adverbial, posteriormente evoluindo para *só que*, que não mais preserva os traços do adjetivo *sola* ou do advérbio *solamente*.

A *decategorização*, por sua vez, foi definida por Hopper e Thompson (1984) e Hopper (1991), que propõem que formas em processo de gramaticalização tendem a perder ou neutralizar suas marcas morfológicas e seus privilégios sintáticos de categorias plenas – como nome e verbo – para assumir atributos de categorias secundárias, como adjetivo, particípio, preposição, etc (*apud* HEINE, 1993, p. 55). No caso de nossa perífrase, vemos a *decategorização* ainda mais avançada, pois esta sai da categoria do adjetivo para a do complementizador.

A *cliticização*, por sua vez, pressupõe que o elemento no processo de gramaticalização ganha status de morfema, necessitando cada vez mais de outros elementos que o acompanhem (HEINE, 1993, pp. 56-57).

Por fim, a *erosão*, considerada, por Heine (1993, p. 56), o parâmetro fonético dentre os três anteriores, é exemplificada por esse autor ao observar a mudança de verbo pleno a auxiliar. Nesse caso, Heine considera três estágios envolvendo a *erosão*, que podem ser pensados independentemente da classe dos verbos, podendo ser estendida essa análise para demais itens que estejam no processo de gramaticalização. São eles:

I. o item tem sua forma fonológica completa → II. a substância fonológica do item tende a erodir → III. O item perde sua habilidade de carregar traços fônicos distintivos.

No caso da perífrase *só que*, percebemos que o processo de *erosão* pode ser verificado não só na redução material de *solamente* para *só*, como também na perda sonora vista na própria partícula *só*, que, na presença de *que*, torna-se mais fraca, pois “its phonological substance is likely to be reduced in some way and to become more dependent on surrounding phonetic material” (HEINE, 1993, p. 106). Ainda segundo Heine (1993, p. 106), as evidências da *erosão* seriam:

- a) itens polissilábicos reduzem-se a monossilábicos;
- b) grupos sonoros são substituídos por sons simples;
- c) fonemas longos são substituídos por curtos;
- d) sons complexos tornam-se simples;
- e) fonemas segmentais dão lugar a não segmentais ou são perdidos por completo;
- f) vogais nasais tendem a ser trocadas por orais;
- g) tons que variavam em baixo-alto tendem a assumir apenas o baixo.

Desse modo, é nítida a *erosão* sofrida por *solamente* até chegar a *só*, monossilábico, simples, curto e com vogal oral.

De modo a concluir sua análise sobre esses estágios que envolvem a gramaticalização, Heine (1993, p. 87) propõe o seguinte quadro elucidativo, adaptado neste trabalho para pensarmos nossa perífrase:

**Quadro 1: Domínios da gramaticalização, conforme Heine (1993)**

<b>Domínio</b>	<b>Ponto de partida</b>	<b>Ponto final</b>
<b>Semântico</b>	Significado verbal pleno	Função gramatical
<b>Sintático</b>	Alto grau de variabilidade	Posição fixa
<b>Morfológico</b>	Palavra livre	Elemento invariável
<b>Fonológico</b>	Forma completa	Forma reduzida

Portanto, sintetizando nossa ideia, podemos dizer que, semanticamente, o item adverbial de significado pleno *solamente*, do português arcaico, torna-se *só*, que, diante do item *que*, perde sua propriedade adverbial; sintaticamente, o item pleno *solamente*, posteriormente reduzido a *só*, torna-se fixo quando funciona como locução conjuntiva, devendo ocorrer, necessariamente no início de orações, como em:

(36) a panela não encosta no vidro // *só que* cê tem que escorrer bem a água dele  
(BFAMCV 11).

Além disso, morfológicamente, a forma adjetiva *solus*, que possuía as variações do feminino *sola* e o neutro *solum*, invariabiliza-se ao evoluir a *solamente* e em sequência a *só*. Por fim, fonologicamente considerando nossa perífrase, nota-se que, o item *só*, quando está diante do *que*, torna-se sonoramente menos expressivo, inclusive porque, dentro da locução, ele não encontra um significado a parte, devendo, ambos os termos que compõem a locução, ocorrer juntos (*só + que*).

É importante finalizar essa análise dos quatro estágios anteriormente mencionados considerando que, conforme Heine (1993, p. 120), a ocorrência de um estágio não interrompe por completo o acontecimento do outro anterior a ele; os processos são simultâneos e co-existem, e não se autoexcluem.

Nesse sentido, parece-nos pertinente retomar as ideias de Heine (1993) e de Cezario e Alonso (2013), já mencionadas, a respeito da gramaticalização de itens complexos, compostos por mais de um elemento, como é o caso de *só que*. Como sabemos, o processo de gramaticalização envolve necessariamente um ponto de partida e um ponto de chegada (domínio fonte → domínio meta). Isso foi inclusive demonstrado no quadro elucidativo de

Heine (1993, p. 87), exposto linhas atrás. De modo a ampliar essa discussão, Heine (1993, p. 89) vai propor três modelos em que categorias complexas poder-se-iam encaixar. São eles:

- i)  $ab > b$ : *bleaching-model*
- ii)  $ab > bc$ : *loss-and-gain model*
- iii)  $ab > bc > cd$ : *implicature model*

onde *a* representaria o conteúdo semântico “desbotado”, *b* representaria o conteúdo preservado e *c* e *d* representariam estruturas conceituais completamente novas surgidas em decorrência do processo.

Resumidamente, o *bleaching-model* é tido por seus defensores como o modelo sobre o qual “todas as instâncias de gramaticalização poderiam ser descritas” (HEINE, 1993, p. 89). Segundo essa representação, haveria, por um lado, a perda de traços semânticos concretos dos elementos gramaticalizados e sua redução para um núcleo semântico mais básico, e, por outro lado, a distribuição desse núcleo genérico a mais contextos. Para exemplificar, Heine sugere a proposta de Dik (1987), segundo o qual o desenvolvimento do past perfect do inglês para o past tense, ou seja, do mais complexo para o mais simples, seria fruto da simplificação semântica, vinda dessa distribuição de um núcleo semântico comum mais básico e mais genérico.

Já o modelo de perdas e ganhos (ii) é muito bem definido por Herring (1991 *apud* HEINE, 1993, p. 93):

It has also been claimed that grammaticalization involves semantic bleaching, or weakening of lexical meaning, and that this process, too, is unidirectional. The validity of this claim is, however, far less evident than that for increasing abstraction, since not all meaning change necessarily involves bleaching, and in numerous instances, as is demonstrated by Traugott and König, the exact opposite process, that of semantic strengthening, may also take place. A more comprehensive view would seem to be that weakening and strengthening in grammaticalization in any given instance.

Portanto, vê-se que, se, por um lado, a gramaticalização envolve “perdas” semânticas, por outro, ela envolve também ganhos, com o fortalecimento (strengthening) de outras propriedades que são adquiridas pelos termos que se gramaticalizam. Sweetser (1988 *apud* HEINE, 1993, p. 94) exemplifica as perdas e os ganhos a partir da gramaticalização do verbo

*go* do inglês. Segundo a autora, se, nesse processo, o verbo *go* perde a noção de movimento, ele ganha, por outro lado, um novo significado de predição futura.

We thus cannot be said to have merely ‘lost’ meaning; we have, rather, exchanged the embedding of this image-schema in a concrete, spatial domain of meaning for its embedding in a more abstract and possibly more subjective domain (SWEETSER, 1988, p. 392 *apud* HEINE, 1993, p. 94).

Finalmente, conforme o modelo (iii), de implicaturas, no curso da gramaticalização, a substância conceitual inteira é eliminada para dar lugar a uma estrutura completamente nova (HEINE, 1993, p. 94). Esse parece ser o caso de nossa perífrase, que, como dito, veio, por um lado, de uma forma adverbial plena, que se reduz e se esvazia, tornando-se *só*, e, por outro lado, de uma partícula somativa, que se invariabiliza em conjunção integrante *que*. Portanto, as ideias iniciais que compunham nossa locução são abandonadas, para que ela assuma, contemporaneamente, a função de locução conjuntiva adversativa, segundo a tradição gramatical.

Vale lembrar também que Heine, ao finalizar a análise dos três modelos, reconhece que eles estão intimamente ligados, na medida em que o *bleaching model* estaria contido no *loss-and-gain model*, que, por sua vez, estaria contido no *implicature model*. Portanto, não nos parece adequado e tampouco pertinente isolar os três modelos, mas sim vê-los sob a ótica de que se complementam mutuamente. Essa noção reforça, inclusive, o caráter cíclico da gramaticalização, pois “after this logical endpoint, but possibly also before, a new cycle of grammaticalization may be triggered, beginning with another discourse stage” (KLAUSENBURGUER, 2000, p. 20).

Pensando, então, nessa possibilidade de que um item gramaticalizado possa tornar-se ainda mais gramatical ou de que, acabado o processo, do discurso emerja um novo elemento que vai passar pelo processo, convém-nos voltar a expor o ciclo de Heine (1991 *apud* KLAUSENBURGUER, 2000, p. 20):

Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero (> discurso)

Segundo esse esquema, podemos pensar que a necessidade discursiva fez o uso da forma *solamente* aumentar no português arcaico, do século XIV para o XV. Isso porque

encontramos 13 ocorrências desse item no séc. XIV e 207 no séc. XV. Esse aumento no uso desgastou semanticamente o item, que sintaticamente separa-se, tornando-se *sola mente*, reduzindo-se até chegar a *só*, sofrendo também reduções fonêmicas. Sobre isso, Bybee et al. (*apud* KLAUSENBURGUER, 2000, p. 22) acrescentam que haveria uma relação entre frequência de uso e material fonético. Nesse caso, itens mais frequentemente utilizados, sejam eles gramaticais ou lexicais, tendem a ser mais curtos (foneticamente reduzidos) em relação a itens menos utilizados.

Lehmann (1985 *apud* HOPPER, 1991, p. 20), por sua vez, considera os seguintes preceitos da gramaticalização:

- i) paradigmatização: a tendência de as novas formas gramaticalizadas se arranjam em paradigmas;
- ii) obrigatoriedade: a tendência de formas opcionais de tornarem obrigatórias;
- iii) condensação: o encurtamento das formas;
- iv) coalescência: capacidade da forma de reduzir outras adjacentes a ela;
- v) fixação: o ordenamento livre dos itens torna-se fixo.

Já Hopper (1991, p. 22) estabelece outros cinco princípios:

- i) estratificação: a forma gramaticalizada não elimina a forma já existente na língua que desempenhe mesma função.
- ii) divergência: a forma gramaticalizada e sua fonte coexistem.
- iii) especialização: com a perda semântica típica do processo de gramaticalização, o item gramaticalizado assume significados gramaticais mais genéricos.
- iv) persistência: é a permanência de traços da fonte no item gramaticalizado.



v) decategorização: como dito anteriormente, é a diminuição do estatuto categorial dos itens gramaticalizados, que tendem a perder os privilégios de categorias plenas para assumir características de categorias secundárias.

Nota-se, portanto, que os vários parâmetros da gramaticalização defendidos por diversos autores demonstram a consistência desse campo teórico. Desse modo, a complexidade do fenômeno da gramaticalização pode nos servir inclusive para pensarmos os processos de mudança linguística, pois seria justamente esse o nosso objetivo ao, primeiramente, comprovarmos que a perífrase conjuncional *só que* seria fruto da gramaticalização e que, além disso, estaria num processo de variação com outra forma adversativa, a conjunção *mas*.

Vejamos, pois, uma análise variacionista entre as formas *mas* e *só que*.

#### 4. ANÁLISE VARIACIONISTA

A análise variacionista é uma metodologia de trabalho que combina técnicas da linguística, da antropologia e da estatística para investigar o uso e a estrutura de uma determinada língua (POPLACK, 1993, p. 251 *apud* TAGLIAMONTE, 2006, p. 1). Para melhor entender essa noção, alguns pressupostos básicos devem ser retomados:

- i) o estudo da língua está associado ao contexto social em que essa língua é utilizada;
- ii) há uma relação intrínseca entre língua e sociedade;
- iii) há uma correlação entre variáveis linguísticas dependentes e variáveis linguísticas independentes.

De acordo com esses pressupostos, portanto, devemos reconhecer que o estudo da língua não pode estar dissociado das pessoas que utilizam essa língua para se comunicar e realizar as tarefas de seu dia a dia. Somado a isso está o fato de podermos (e devermos) analisar os diversos fenômenos que envolvem esse uso da língua, considerando fatores externos e internos a ela. É, pois, desse modo que a análise variacionista de encaixa na sociolinguística, na medida em que pega como ponto de partida as regras gramaticais de uma língua e analisa como essas regras dialogam com a sociedade que faz uso delas:

the variationist enterprise is essentially, and foremost, the study of the interplay between variation, social meaning and the evolution and development of the linguistic system itself (...) In my view variationist sociolinguistic is most aptly described as the branch of linguistics which studies the foremost characteristics of language in balance with each other – linguistic structure and social structure; grammatical meaning and social meaning – those properties of language which require reference to both external (social) and internal (systemic) factors in their explanation (TAGLIAMONTE, 2006, p. 5).

Nesse sentido, parece-nos imprescindível, ainda, recuperar outras três noções fundamentais à linguística variacionista:

- i) a noção de heterogeneidade ordenada;
- ii) a noção de que a língua muda constantemente;
- iii) a noção de que a língua transmite mais do que significados de palavras.

Sobre esses fatores, devemos retomar o que Labov chamou de “sistematicidade do caos aparente”. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975] *apud* SALOMÃO, 2011, p. 190) afirmam que estruturas heterogêneas são parte da competência linguística do falante, ou seja, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua e o indivíduo tem capacidade de codificar e decodificar essa heterogeneidade. Assim, para os variacionistas, a variação e a mudança são inerentes às línguas. A variação não pode ser vista, pois, como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, e não é assistemática. Assim, vê-se que estudar uma língua requer reconhecer a complexidade e a amplitude dela, não interpretando os fenômenos linguísticos como obra da casualidade.

Nesse sentido, assumindo que um dos objetivos da análise variacionista é buscar uma “possível relação com a mudança linguística por meio de análises quantitativas de um corpus, escolhido a partir de certas características sociais correlacionadas a uma variável linguística – que pode ser fonético-fonológica, morfossintática, entre outras” (SALOMÃO, 2011, p. 191), convém-nos dissertar um pouco acerca da noção de mudança linguística.

Primeiramente, Labov (2008, p. 152) percebe o processo de mudança a partir de três estágios:

Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes.

Weinreich, Labov e Herzog, (2006[1975] *apud* SALOMÃO, 2011, p. 191) mencionam ainda cinco questões ligadas à mudança linguística. São elas:

- a) Fatores condicionantes: busca-se compreender quais são as condições para a mudança em dada estrutura, que podem advir de fatores de ordem social e de ordem linguística.

b) Encaixamento da variação: busca-se atentar para outras mudanças associadas a determinadas mudanças ou variação das formas em observação na matriz dos concomitantes linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos da estrutura social.

c) Avaliação das mudanças: busca-se estudar os possíveis efeitos da variação sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre um amplo conjunto de categorias não representacionais (inclusive interacionais, discursivas e pragmáticas) envolvidas na fala.

d) Transição: busca-se compreender os estágios intervenientes entre dois estados da língua. Como um falante aprende uma forma alternante, o tempo em que as duas formas co-existem e o tempo em que uma das formas prevalece sobre a outra.

e) Implementação: busca-se analisar os fatores responsáveis pela implementação da mudança e a razão pela qual as mudanças em um aspecto estrutural ocorrem em determinada língua em um dado momento, mas não em outra língua com o mesmo aspecto, ou na mesma língua, em outras épocas.

Sobre os *fatores condicionantes*, neste trabalho, veremos que a variação entre *mas* e *só que* será observada a partir não só de elementos internos à língua – como a posição em que esses termos ocorrem dentro da sentença – mas também a partir de aspectos externos – como a idade, o sexo e a escolaridade dos falantes. Quanto ao *encaixamento*, por sua vez, podemos pensar, por exemplo, as ocorrências da forma *mas só que*, em frases como:

(37) aquele / processo de / cortar os círculos / e / franzir / né / aquilo é fuxico // *mas só que* é de uma maneira mais sofisticada (BFAMCV19),

que comprovam as transformações estruturais de todo o sistema linguístico a partir da entrada de um novo item, como *só que*, a forma inovadora. Na medida em que, inclusive, o *mas* em *mas só que* parece mais reduzido ou átono, já que seu “s” parece elidido com o “s” de *só*, esse processo inclusive se referiria ao fator *avaliação das mudanças*, posto que buscamos entender como essas transformações afetam o uso que os falantes fazem de sua língua. Na seção 4.3 Metodologia e Análise dos Dados, procuramos melhor explicar nossas observações a respeito

dessas transformações, pensando, por exemplo, no fato de falantes mais jovens utilizarem mais a forma inovadora que falantes de idade mediana.

Vale lembrar que os dois últimos fatores em questão, a *transição* e a *implementação*, também estão ligados a essa ideia de transformação sofrida pela língua nos processos de mudança. A ocorrência de *mas só que* inclusive pode atestar a transição da forma conservadora para a inovadora, pois, tornando-se aquela mais desgastada, aproxima-se desta, hospedando-se nela para recobrar sua força significativa. Quanto à *implementação*, podemos pensar, por exemplo, nos processos anteriormente mencionados em que haveria a tendência de a forma perifrástica – no caso *só que* – iconicamente mais significativa, competir com a sintética – *mas* – menos carregada de material linguístico.

Sobre isso, Weinreich, Labov e Herzog (2006, pp. 124-125) traçam o seguinte percurso para a mudança linguística:

uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social – simbolizando os valores sociais associados àquele grupo. Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradualmente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. Novos grupos entram na comunidade de fala, de tal modo que uma das mudanças secundárias se torna primária. Destas alternâncias da mudança linguística e social provém a extraordinária complexidade das estruturas sociolinguísticas encontradas em estudos recentes. O avanço da mudança linguística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Por fim, a completação da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar pela perda de qualquer significação social que o traço possuía. O alto grau de regularidade que a mudança sonora exhibe é o produto desta perda de significação nas alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante.

Desse modo, vê-se que a mudança, além de ser um processo gradual, acontece quando uma diferenciação entre dois fenômenos deixa de ser particular e restrita para assumir um caráter genérico e ordenado.

Considerando, pois, essas ideias preliminares, retomemos, neste momento, a ligação entre os conceitos de mudança linguística e gramaticalização, dois importantes eixos teóricos deste trabalho.

#### 4.1 Gramaticalização e mudança linguística

Visões já consolidadas no campo da linguística têm assumido a gramaticalização como um importante fenômeno de mudança. Para Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 7), “o surgimento de elementos gramaticais a partir da extensão do uso de itens lexicais diz respeito à gramaticalização”. Nesse sentido, os autores consideram que a gramaticalização estaria ligada a sete diferentes tipos de mudança linguística, exemplificadas no PB da seguinte forma:

a) A trajetória de elemento linguístico do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a verbo auxiliar, como ocorre com o verbo de movimento *ir* (de perto para longe do falante), que passa a designar futuro como auxiliar (*vou à praia X vou viajar para a praia*).

b) A trajetória de vocábulo a morfema, que ocorre, por exemplo, com a passagem *amar + hei > amarei* e *tranquila + mente > tranquilamente*.

c) A trajetória de elemento linguístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular), como acontece, por exemplo, com *seja > seje* e *menos > menas*, por influência forte da analogia.

d) A trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referentes extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto, como ocorre com o operador argumentativo *logo*, que inicialmente apresentava valor de advérbio espacial (do latim *locu-*), passando, posteriormente, a assumir função argumentativa como conjunção conclusiva.

e) A trajetória que leva uma construção sintática a se especializar em expressar função gramatical, como, por exemplo, a construção verbo-sujeito, que funciona como introdutora de informação nova e de sujeito não-tópico (*Maria*, o carro dela quebrou [KATO, 1989, p. 109]).

f) A trajetória dos processos de repetição do discurso, no âmbito da criação e da intenção, em direção à gramática, através de sua regularização e sistematização (*vossa mercê* → *você* → *cê*... [VITRAL; RAMOS, 2006]).

g) A trajetória que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas: (*não* → *num* → *nã* → *n'* [SOUSA; VITRAL, 2010]).

Kuteva (2008, p. 193) considera que uma mudança linguística gramatical pode ser atribuída a processos universais, cognitivos e internos à língua, que culminariam na gramaticalização, o que tornaria esse fenômeno um processo natural de mudança. Por outro lado, ela avalia que o contato linguístico, também responsável por mudanças, seria um processo de mudança externo e não natural:

linguistic changes may come in two different types. Some forms of linguistic change may be relatively 'natural', in the sense that they are liable to occur in all linguistic systems, at all times. (KUTEVA, 2008, p. 193)

Nota-se que essa visão de Kuteva reforça inclusive o fato de a gramaticalização, conforme dito, ser um processo bastante produtivo e frequente não só no PB, mas em todas as línguas, dado o seu caráter universal. Para Vitral, Viegas e Oliveira (2010, pp. 201-202), “a produção das formas de uma língua pelos falantes pode ser variável”, isto é, dada a heterogeneidade que se observa nas línguas em geral, os falantes podem recorrer a diferentes formas para expressar uma mesma mensagem. Essas diferentes formas de se dizer a mesma coisa são o pressuposto para a variação linguística. Se duas formas são intercambiáveis, se têm o “mesmo valor de verdade no mesmo contexto”, pode-se dizer que essas formas concorrem numa língua. Essa concorrência pode se manifestar de duas formas distintas. Se os itens simplesmente se alternam na fala dos falantes, que podem optar ora por um ora por outro, diz-se que há uma variação linguística estável. Por outro lado, se, num determinado momento, os falantes passam a optar por uma forma em detrimento da outra, diz-se que há mudança linguística, segundo a qual um termo suplanta o outro.

Ao analisar a mudança linguística no português brasileiro, Coelho (*apud* Vitral; Viegas; Oliveira, 2010, p. 202) a exemplifica pela aparente eliminação da forma sintética dos

verbos do pretérito mais-que-perfeito em favor da forma analítica, isto é, a preferência por formas como “eu *tinha saído* quando você entrou” em detrimento de “eu *saíra* quando você entrou”, por exemplo. Ela também considera a formação dos verbos auxiliares *ter* e *haver* na língua portuguesa. No português arcaico, esses verbos eram empregados com o conteúdo semântico de posse, como em:

(38) *com nouas e melhores estiduras que cada huum tinha; e*

(39) *os reis cristãos houverom seu acordo que fossem partidos em duas partes.*

Como previsto pelo processo de gramaticalização, esses verbos perderam exclusivamente esse conteúdo de posse e ganharam um caráter gramatical, ao funcionarem como auxiliares, como em:

(40) ele *tinha* feito as entregas.

(41) ele *havia* feito as entregas.

Portanto, nota-se inclusive que esse processo está em conformidade com os princípios da *divergência* e da *estratificação* de Hopper (1992 *apud* Vitral, Viegas e Oliveira, 2010, p. 206). Em relação à *divergência*, que pressupõe que o novo item gramatical conviva com a forma lexical que lhe deu origem, nota-se, sobretudo quanto ao verbo *ter*, pois estão presentes no PB contemporâneo tanto o uso lexical de posse (42), quanto o uso mais gramatical, de auxiliar (43):

(42) Pedro tem duas bicicletas.

(43) Pedro tem comprado muitas coisas.

Em relação à *estratificação*, que prevê que o novo item gramatical conviva com outro gramatical de mesma função, percebe-se inclusive a coexistência de *ter* e *haver* como auxiliares em um mesmo contexto, conforme demonstram os exemplos (40) e (41). Há que se observar ainda que esses dois princípios de Hopper podem inclusive ilustrar nossa perífrase conjuncional. Isso porque *só que* convive com a partícula denotadora de exclusão *só*, que lhe



deu origem, evidenciando a *divergência*, além de variar com outra forma de adversatividade, a conjunção *mas*, o que mostra a *estratificação*. Sobre esses processos, os autores concluem:

é possível, assim, considerar que, em relação à estratificação, haja fenômenos de variação estável no sentido laboviano que, como se admite, podem persistir por tempo indeterminado ou, a partir de um certo momento, começar a se desenvolver na direção de eliminar uma das formas equivalentes. (VITRAL; VIEGAS; OLIVEIRA, 2010, p. 206).

Conforme veremos na seção 4.3 Metodologia e Análise dos Dados, ainda não temos evidências suficientes que nos permitam afirmar seguramente que a variação entre *só que* e *mas* irá evoluir a ponto de a forma inovadora suplantar a conservadora. O que sabemos até agora é que a forma conservadora é bem mais frequente que a inovadora. Em nosso corpus, encontramos um total de 198 ocorrências de *mas* em contraste com 14 ocorrências da perífrase conjuncional *só que*. Sabemos ainda que a frequência é um importante instrumento para a análise variacionista e também para os processos de gramaticalização. Nesse sentido, como vimos no capítulo 3, quanto mais frequente é um item, maiores as chances de ele se desgastar semanticamente. Esse desgaste faz com que a forma aos poucos tenha o seu significado básico enfraquecido, sendo usual a cooptação de um novo item que a substitua nesse significado básico.

Se esse processo se confirmar na variação entre *só que* e *mas*, estaria ele dentro do esperado: *mas*, sendo bem mais frequente que *só que*, desgastar-se-ia por esse uso frequente, já que é a conjunção prototípica da língua portuguesa para a quebra de expectativa. A língua já tratou, assim, de criar uma forma inovadora *só que*, vindo do adjetivo latino *sola* e da conjunção integrante *que*, com mesmo valor de verdade que *mas*. Como mostramos, *mas* e *só que* já coocorrem na língua portuguesa. Portanto, falta-nos agora avaliar se há a possibilidade de, futuramente, uma forma suplantar ou não a outra.

Vejamos nosso corpus de análise.

## 4.2 O Corpus

Conforme dissemos na introdução deste trabalho, o corpus utilizado nesta pesquisa pertence ao Projeto C-oral-Brasil informal, produto principal do projeto C-ORAL-BRASIL,

desenvolvido no Núcleo de Estudos em Linguagem, Cognição e Cultura (NELC) e no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a coordenação dos professores Thommaso Raso e Heliana Mello (2012, p. 51), que assim o descrevem:

O C-ORAL-BRASIL é um *corpus* balanceado, representativo das três principais tipologias da fala – diálogos, monólogos e conversações –, em contextos públicos e privados. Sua amostragem é de cerca de 1.500 palavras por texto. As especificações do *corpus* seguem as orientações internacionais do Text Encoding Initiative (TEI) e usufruem das especificações técnicas previamente testadas e recomendadas pelo C-ORAL-ROM para compilação de um *corpus* representativo da fala espontânea (cf. Cresti; Moneglia, 2005). Cada um dos textos gravados é apresentado no *corpus* através de seu arquivo de som, em formato wav, acompanhado de sua transcrição em formato rtf, devidamente segmentada em unidades tonais (quebras terminais e não terminais), e de seu arquivo de alinhamento texto-som em formato xml, obtido via *software* WinPitch (Martin, 2005). Cada um dos textos apresenta também o seu arquivo de metadados, seguindo os padrões TEI, e suas versões txt e xml etiquetadas morfossintaticamente via anotador sintático PALAVRAS (Bick, 2000).

Como se trata de um corpus que se preocupa com a prosódia, alguns símbolos e caracteres não ortográficos utilizados na transcrição e expostos ao longo deste trabalho, nos exemplos por nós citados, merecem ser elucidados:

#### **Quadro 2: Caracteres não ortográficos utilizados na transcrição do Projeto C-oral-Brasil I**

<b>Símbolo</b>	<b>Significado</b>
&	palavras interrompidas
/	quebra não terminal, delimita unidades prosódicas internas ao enunciado
//	quebra terminal, delimita enunciados concluídos

No C-oral-Brasil, os falantes foram estratificados segundo sua idade, sexo e nível de escolaridade.

Quanto ao fator idade, dividiram-se os entrevistados em cinco faixas:

A: 18 a 25 anos;

B: 26 a 40 anos;

C: 41 a 60 anos;

D: maiores de 60 anos.

Quanto ao fator sexo, foram divididos em:

i) masculino;

ii) feminino.

Por fim, quanto ao nível de escolaridade, foram agrupados nas seguintes categorias:

faixa 1: ausência de escolarização ou escolarização até o nível primário incompleto (não mais de 7 anos de escolarização);

faixa 2: terceiro grau completo, não atuante em sua área de formação;

faixa 3: terceiro grau completo, atuante em sua área de formação.

Observando o fator nível de escolaridade sob uma ótica objetiva, vemos que as faixas 2 e 3 têm a mesma escolarização, diferenciando-se os falantes apenas em relação a sua atuação profissional ou não em sua área de graduação. Como não nos parece pertinente, para os objetivos deste trabalho, essa estratificação de acordo com o mercado de trabalho, optamos por considerar as faixas 2 e 3 como uma só. Assim, em nosso trabalho, teremos apenas duas faixas de escolarização, quais sejam:

Faixa 1: ausência de escolarização ou escolarização até o nível primário incompleto (não mais de 7 anos de escolarização);

Faixa 2: terceiro grau completo.

Vejamos, a seguir, o que obtivemos com a coleta dos dados.

#### **4.3 Metodologia e Análise dos Dados**

Neste trabalho, selecionamos 36 gravações de fala espontânea realizadas com 40 falantes mineiros, moradores de Belo Horizonte e região metropolitana. Em nossa coleta, foram encontradas 14 ocorrências da perífrase *só que* e 198 da conjunção *mas*. Como nosso objeto de estudo são essas duas formas na função de marcadoras de quebra de expectativa ou *adversatividade*, na tradição gramatical, foram excluídas as ocorrências desses itens que representassem outros tipos de usos, como os casos de *só que* que não atuassem como perífrase, como no exemplo (44), em que *só* é palavra denotativa de exclusão, apesar de aparecer diante de *que*:

(44) querer *só que* a pessoa muda (BFAMCV23)

e as ocorrências de *mas* como marcador de realce, por exemplo, em:

(45) pegou ele / *mas* pegou até (BFAMCV13).

Em nossas 36 entrevistas, havia 20 homens. Dentre eles, 5 pertenciam à faixa etária A, 5 à faixa B, 5 à faixa C e 5 à D. Dentre estes, 5 possuíam até 7 anos de escolarização e 15 eram graduados. Quanto às mulheres, também foram selecionadas 20 ao todo. 5 pertencentes à faixa etária A, 5 à faixa B, 5 à faixa C e, por fim, 5 à faixa D. Além disso, 3 possuíam ensino fundamental incompleto e 17 possuíam ensino superior completo.

A seguir elucidamos esses números para um maior esclarecimento:

### Quadro 3: Distribuição dos falantes de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade

<b>Fx. Etária e escolaridade</b>	<b>Homens</b>	<b>% Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
<b>Fx. A Esc. 1</b>	1	5	0	0
<b>Fx. A Esc. 2</b>	4	20	5	25
<b>Fx. B Esc. 1</b>	1	5	0	0
<b>Fx. B Esc. 2</b>	4	20	5	25
<b>Fx. C Esc. 1</b>	1	5	1	5
<b>Fx. C Esc. 2</b>	4	20	4	20
<b>Fx. D Esc. 1</b>	2	10	2	10
<b>Fx. D Esc. 2</b>	3	15	3	15
<b>Total</b>	20	100	20	100

Considerando que o quadro acima apresenta todos os fatores externos relacionados nesta pesquisa, vejamos essa distribuição no gráfico a seguir, a fim de visualizarmos a organização de nossa amostra:

**Gráfico 1: Distribuição dos falantes de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade**



Quanto aos fatores sexo e faixa etária, pode-se dizer que os falantes encontram-se distribuídos harmonicamente, já que há exatos 5 representantes de cada sexo para cada faixa etária. Entretanto, o mesmo não se dá se levarmos em conta os fatores sexo e escolaridade. Nesse caso, pode-se dizer que a maioria de nossos falantes é escolarizada, pois, dentre os 20 homens, 5 se encaixam na escolaridade 1 e 15 na 2; dentre as 20 mulheres, 3 se encontram na faixa 1 e 17 na faixa 2.

Após essa análise global, cabe-nos detalhar mais algumas possíveis distribuições de nossos dados. Com relação ao fator **sexo**, os homens realizaram *mas* 77 vezes e *só que* 7 vezes; já as mulheres realizaram *mas* 121 vezes e *só que* 7 vezes. Vejamos tais números:

**Quadro 4: Distribuição das ocorrências de *mas* e *só que* de acordo com o sexo dos falantes**

<b>Forma</b>	<b>Homens</b>	<b>% Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>% Mulheres</b>
<b>mas</b>	77	91.7	121	94.5
<b>só que</b>	7	8.3	7	5.5
<b>Total</b>	84	100.0	128	100.0

Vê-se que as mulheres realizaram *mas* quase o dobro de vezes em comparação com os homens, ao passo que a quantidade de ocorrências de *só que* foi a mesma entre os sexos. Disso pode-se depreender que tanto *mas* quanto *só que* são formas livres de estigma social, na medida em que são usadas livremente por ambos os sexos. Nesse sentido, é já uma noção assentada no campo da Sociolinguística que as mulheres, na fala monitorada, usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis ao padrão de prestígio, “mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais” (LABOV, 2008, p. 282). Além disso, no caso da mudança em andamento, as mulheres têm papel crucial no processo: “as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada” (LABOV, 2008, p. 346).

Por que as mulheres fazem isso? Não pode ser apenas a sua sensibilidade às formas de prestígio, já que isso explica somente metade do padrão. Podemos dizer que elas são mais sensíveis aos padrões de prestígio, mas por que, desde o início, elas avançam mais rápido em primeiro lugar? Nossas respostas no momento não passam de especulações, mas é óbvio que tal comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência. Parece provável que o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo (...) A generalização correta, então, não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística (LABOV, 2008, pp. 347-348).

Holmes (2008, p. 160) considera que “women and men do not use completely different forms. They use different quantities or frequencies of the same forms”. Esse parece ser justamente o caso de *só que* e *mas*, em que houve um maior uso de *mas* pelas mulheres e, no entanto, como dissemos, um uso equilibrado de *só que* entre homens e mulheres.

Vale justificar ainda o porquê de estarmos tratando neste trabalho esse fator como *sexo*, e não *gênero*, conforme se vê em trabalhos mais recentes. Sabendo que essa é uma discussão sobre a qual ainda não se chegou a um consenso, parece-nos pertinente adotar a visão de Holmes (2008) e de outros autores, os quais afirmam que se deve chamar o fator de sexo, nunca deixando de explicá-lo por meio da noção de gênero, dada a complexidade do tema. “Linguistic differences between the speech of women and men may be just one dimension of more extensive differences reflecting the social hierarchy as a whole” (HOLMES, 2008, p. 159).

Com relação à idade, a faixa A realizou *mas* 52 vezes e *só que* 6 vezes; a faixa B realizou *mas* 28 vezes e *só que* 1 vez; a faixa C realizou *mas* 57 vezes e *só que* 1 vez, e, por fim, a faixa D realizou *mas* 61 vezes e *só que* 6 vezes. No quadro 5, dispomos tais resultados:

**Quadro 5: Distribuição das ocorrências de *mas* e *só que* de acordo com a faixa etária dos falantes**

Forma	Fx. A	% Fx. A	Fx. B	% Fx. B	Fx. C	% Fx. C	Fx. D	% Fx. F
<b>mas</b>	52	89.7	28	96.6	57	98.3	61	91.0
<b>só que</b>	6	10.3	1	3.4	1	1.7	6	9.0
<b>Total</b>	58	100.0	29	100.0	58	100.0	67	100.0

Se observarmos o percentual de uso da forma *mas*, veremos uma distribuição relativamente equilibrada, já que todas as faixas o usam em torno de 90% em comparação com *só que*. Entretanto, nesse quadro, o que mais nos parece intrigante é o paralelismo ocorrido entre os dois extremos etários, as faixas A e D, de um lado – que usaram a perífrase em torno de 8% em comparação com *mas*; e as faixas B e C, de outro, que a usaram, por sua vez, em torno de 1% em comparação com *mas*. O esperado era que – por se tratar de uma forma inovadora – *só que* ocorresse mais entre os jovens e menos entre os idosos, conforme prevê Holmes (2008, p. 178):

When a linguistic change is spreading through a community, there will be a regular increase or decrease in the use of the linguistic form over time. For an innovation – a form on the increase – this will show up in a graph as a low use of the form by older people and a higher use among young people.

Paiva e Duarte (2003, p. 179) complementam essa visão da seguinte forma:

A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração.

Por fim, Coelho et al. observam:

Nem toda variação na fala representa mudança linguística em progresso. Existem casos em que o uso linguístico diferenciado pelas faixas etárias não revela mudança, mas variação estável. Essa variação pode ser observada, em geral, quando jovens e velhos apresentam o mesmo comportamento linguístico, e esse comportamento se contrasta com o exibido pela população de meia idade, principalmente pela população que estiver no mercado de trabalho. Esta costuma usar uma linguagem mais monitorada, mais condizente com as variedades cultas. Isso significa dizer que os indivíduos podem mudar sua língua no decorrer dos anos, e esse comportamento pode se mostrar estável na comunidade. Nesse caso, o indivíduo muda seu comportamento linguístico durante a sua vida, mas a comunidade à qual pertence permanece estável (Coelho et al., 2015, p. 88).

Conforme cotejado no início deste trabalho, estamos, pois, diante de duas possibilidades: a variação entre *mas* e *só que* pode evoluir a ponto de esta forma superar aquela ou, segundo preveem Coelho et al., trata-se de um caso de variação estável, observada em nosso corpus pelo fato de jovens e idosos usarem a forma inovadora semelhantemente. Prossigamos nossa análise de modo a optar por uma ou outra possibilidade.

Em nosso corpus, há apenas 1 jovem pertencente à faixa 1 de escolaridade e 9 pertencentes à faixa 2. Já em relação aos idosos, há 4 pertencentes à faixa 1 e 6 pertencentes à faixa 2. Portanto, temos, em nossa amostra, mais jovens e idosos escolarizados. Isso, por sua vez, pode sugerir dois aspectos:



i) a forma perifrástica de quebra de expectativa realmente não é estigmatizada socialmente, já que é usada por falantes que costumam lançar mão de formas consideradas mais cultas;

ii) *só que* realmente é uma forma inovadora, pois é mais usada por falantes jovens; e, como em nossa amostra a maioria dos idosos é bem escolarizada, estando no mercado de trabalho (lembramos que no C-Oral-Brasil os falantes foram agrupados em escolarizados atuantes e não atuantes em sua área de formação), provavelmente em contato com jovens, eles utilizam a perífrase inovadora, corroborando a visão de Raumolin-Brunberg e Nurmi (2011) de que, ainda que o ser humano estabilize sua linguagem após a adolescência, essa estabilização não é definitiva. O indivíduo pode sim agregar novas formas ao seu linguajar, mesmo estando em idades avançadas.

stabilization is not absolute, and that people can change (and some do change) their language even later in life (e.g. Raumolin-Brunberg 2005; 2009). Further research is needed to find out whether this type of change only means quantitative increase in the use of the new forms, as Tagliamonte and D'Arcey (2007) have argued, or whether adults also change grammatical constraints. In any case, the main findings obtained from the studies of the linguistic behaviour of individuals across their lifespans show that age plays a significant role in their participation in ongoing linguistic changes. (RAUMOLIN-BRUNBERG, NURMI, 2011, p. 253)

Diante disso, resolvemos fazer o seguinte cruzamento dos dados, elucidado no Quadro 6 adiante:

**Quadro 6: Nível de escolaridade dos falantes em relação à faixa etária**

Nível de escolaridade	Fx. A	% Fx. A	Fx. B	% Fx. B	Fx. C	% Fx. C	Fx. D	% Fx. D
<b>1</b>	1	10	1	10	2	20	4	40
<b>2</b>	9	90	9	90	8	80	6	60
<b>Total</b>	10	100	10	100	10	100	10	100

Vemos que, dentre todas as faixas etárias, a dos idosos é a que possui mais falantes de pouca escolarização. Apesar disso, a faixa D possui maioria escolarizada, o que pode explicar, como dito, o fato de ela usar *só que* como os jovens.

Com relação ao fator nível de escolaridade, a faixa 1 realizou *mas* 61 vezes e *só que* 1 vez e a faixa 2 realizou *mas* 137 vezes e *só que* 13 vezes, conforme o quadro a seguir:

**Quadro 7: Distribuição das ocorrências de *mas* e *só que* de acordo com o nível de escolaridade dos falantes**

Forma	Nível 1	% Nível 1	Nível 2	% Nível 2
<b>mas</b>	61	98.4	137	91.3
<b>só que</b>	1	1.6	13	8.7
<b>Total</b>	62	100.0	150	100.0

Vemos, de acordo com o quadro 7, que falantes mais escolarizados tendem a usar mais *só que* do que falantes menos escolarizados. Entretanto não podemos cair na ingenuidade de olhar apenas a quantidade de ocorrência das formas, já que temos mais falantes escolarizados que menos escolarizados, sendo, portanto, óbvio que ocorresse mais neste nível. Diante disso, parece-nos mais adequado determo-nos nos percentuais, em vez de nos concentrarmos na quantidade de casos. Nesse sentido, se observarmos apenas as ocorrências de *só que* em relação ao nível de escolaridade, obteremos o seguinte:

**Quadro 8: Distribuição das ocorrências de *só que* de acordo com o nível de escolaridade dos falantes**

Só que	Qtde. de ocorrências	%
<b>nível 1</b>	1	7.1
<b>nível 2</b>	13	92.9
<b>Total</b>	14	100.0

Agora parece-nos mais claro que a perífrase de quebra de expectativa é predominante entre falantes mais escolarizados, o que reforça nossa hipótese de que seja uma forma não estigmatizada socialmente.

Por fim, nota-se, em todos os fatores extralinguísticos considerados, que a forma simples de *adversatividade* é mais frequente que a perifrástica. Num primeiro momento, parece-nos previsível que a forma conservadora ocorra consideravelmente mais que a

inovadora, inclusive porque esse é o caminho prototípico da mudança, pois, como dissemos, é natural ao item conservador desgastar-se justamente por ser muito usado, o que suscita o surgimento de novos termos que o substituam. Além disso,

É importante ressaltar que um processo de mudança em curso implica necessariamente que há competição entre duas ou mais formas variantes. No início desse processo, a forma inovadora é de uso menos recorrente e aparece em contextos restritos. À medida que os contextos de uso vão se expandindo, a frequência dessa forma vai aumentando, até que ela ultrapasse a da forma antiga. (COELHO *et al.*, 2015, pp. 73-74)

Nesse caso, *mas* ocorre aproximadamente quatorze vezes mais que *só que*. Parece-nos, inclusive, que os contextos de uso de *só que* já são os mesmos que os de *mas*, pois, em nosso corpus, não encontramos diferenças relevantes entre as duas formas no que se refere ao fator interno avaliado, que é a posição de ocorrência do item na cláusula. Diante disso, para refinar nossa análise, parece-nos pertinente lançar mão de um instrumento que nos mostre dados mais precisos. Nesse caso, Guy e Zilles (2007, pp. 105-106), ao recomendarem o uso dos programas estatísticos Varbrul, tecem os seguintes comentários:

O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes.

A opção pelo uso da estatística se justifica também pelo fato de reconhecermos a incompletude de nossos dados, já que selecionamos apenas 5 representantes do sexo feminino e 5 do sexo masculino para cada faixa etária considerada. Sobre isso Guy e Zilles (2007, p. 114) tecem o seguinte comentário:

Sem a distribuição completamente equilibrada das subamostras, perdemos um pouco da confiabilidade dos resultados, pelo fato de se reduzir a precisão da distinção feita nos resultados entre o efeito de uma dimensão (por ex., escolaridade) e outra (gênero). Mas o uso de métodos multivariados de análise, como o Varbrul, compensa um pouco esse problema, e ganhamos a vantagem de ter ampliado o escopo da investigação.

Os autores (2007 *apud* SALOMÃO, 2011, p. 192) explicam ainda que “os programas de análise multivariada são preferíveis, pois permitem a construção de um modelo completo e específico dos processos e efeitos que não aparecem num simples cálculo de porcentagens”. Portanto, após rodarmos nossas ocorrências no programa Goldvarb X, visando encontrar resultados mais robustos, expomos alguns resultados.

Inicialmente, tivemos como input 0.934, o que significa aproximadamente 93% de uso da forma *mas* sobre a forma *só que*, já que havíamos postulado a primeira como mais relevante antes de rodar os dados. Sobre isso, convém-nos inclusive demonstrar a codificação utilizada para a rodagem em questão, exposta no quadro a seguir.

#### Quadro 9: códigos utilizados na rodagem dos dados no Programa Goldvarb X

Código	Referência
1	mas
2	só que
m	sexo masculino
f	sexo feminino
a	idade entre 18-25 anos
b	idade entre 26-40 anos
c	idade entre 41-60 anos
d	idade maior que 60 anos
h	até 7 anos de escolarização
g	graduado
i	posição inicial de período
j	posição entre orações

Vejamos, em seguida, os resultados obtidos a partir do Goldvarb X. Vale lembrar que os valores referentes aos pesos relativos devem ser interpretados da seguinte maneira: valores acima de .50 favorecem a aplicação da regra, em nosso caso, favorecem o uso da perífrase; valores abaixo de .50, por sua vez, desfavorecem o uso da perífrase. Primeiramente, quanto ao fator sexo, não obtivemos grandes descobertas, pois, como dissemos, a quantidade de ocorrência da forma *só que* foi idêntica para ambos, ou seja, homens e mulheres realizaram a perífrase 7 vezes cada.

Já com relação ao fator faixa etária, conforme vimos nos percentuais anteriormente discutidos, as faixas A e D favoreceram a aplicação da regra. Observemos no quadro a seguir esses números:

**Quadro 10: Uso da perífrase *só que* em relação à faixa etária**

Faixa etária	% de uso	Peso relativo
A	42.9	.66
B	7.1	.39
C	7.1	.23
D	42.9	.63
<b>Total</b>	100	-

Em seguida, cabe-nos analisar o uso da perífrase em relação ao fator linguístico interno selecionado. Antes de expormos, propriamente os números obtidos, convém-nos dissertar um pouco sobre tal fator. Primeiramente, para os objetivos propostos nesta pesquisa, preferimos não nos ater demasiadamente em aspectos por vezes irrelevantes. Nesse sentido, optamos por analisar apenas a posição em que as duas formas adversativas ocorriam dentro das sentenças. Em todas as 14 ocorrências de *só que* encontradas, pareceu-nos possível o intercâmbio pela forma *mas*, daí o fato de não buscarmos esgotar os fatores internos, pois cremos que as duas formas, além de terem o mesmo valor de verdade, são praticamente idênticas do ponto de vista sintático, variando apenas em relação à quantidade de material linguístico, conforme prevê a iconicidade. Para uma possível verificação desse intercâmbio entre as formas, observe-se o anexo 1 deste trabalho.

Voltemos a nosso fator interno. Consideramos duas possíveis posições de *mas* e *só que* dentro da sentença, quais sejam:

i) posição entre orações, como em:

(46) esse aqui é mago / igual eu / *só que* é masculino.

ii) posição de início de período, como em:

(47) \*LCS: <Prudente de Moraes / cê pega direto> +

\*AJC: < *só que* eu vou [2] eu vou com cê no seu carro> / na Prudente / até lá.

A posição que chamamos de *início de período*, no exemplo (47), se justifica inclusive pela troca de turno, pois o falante AJC inicia sua fala usando a perífrase, após o falante LCS finalizar a sua. O que nos motivou a selecionar apenas o fator interno posição do item dentro

da cláusula foi o fato de as duas formas encaixarem-se no quadro teórico da coordenação, conforme visto no capítulo 2 deste trabalho. Desse modo, se considerarmos, como já dissemos, que “a construção coordenada consiste em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação” (PEZZATTI; LONGHIN-THOMAZI, 2008, p. 865), precisamos nos lembrar também de que essa combinação de termos, feita pelo elemento conjuncional, essencial à coordenação, pode se dar no início do período composto por coordenação (exemplo 47) ou no meio dele (exemplo 47).

Observemos, agora, os números resultantes da rodagem desse fator pelo programa Goldvarb:

**Quadro 12: Uso da perífrase *só que* em relação a sua posição na sentença**

Posição	% de uso	Peso relativo
<b>início de período</b>	14.3	.32
<b>entre orações</b>	85.7	.58
<b>Total</b>	100	-

Vê-se que, mesmo que o fator *entre orações* favoreça a ocorrência de *só que*, esse valor em si não se mostra tão preponderante, na medida em que está pouco acima de .50. Desse modo, confirmamos nossa visão inicial de que o fator linguístico não é tão relevante para confirmarmos a variação entre as duas formas, pois estas são praticamente idênticas do ponto de vista sintático. Por outro lado, esse mesmo fator nos ajudaria a demonstrar, mais uma vez, as similitudes entre as duas formas em questão, sobretudo se retormarmos a noção de quebra de expectativa, abordada no capítulo 2 deste trabalho.

Lakoff (1971 *apud* LONGHIN-THOMAZZI, 2002, p. 110), ao analisar a quebra de expectativa presente na conjunção adversativa *but* do inglês, afirma que não haveria, propriamente, um contraste entre as ideias ligadas por *but*, mas uma oposição dentro da percepção do falante. Transpondo essa noção para o PB e usando o *mas* como exemplo, teríamos:

(48) Joana é operária, *mas* ganha bem.

Nesse caso, não se vê uma oposição explícita entre *ser operário* e *ganhar bem*, mas sim uma associação subjetiva do falante entre os dois universos. E é justamente essa associação subjetiva – esse peso argumentativo e individual – que poderia explicar o fato de tanto *mas* quanto *só que* predominarem na posição *entre orações*, na medida em que as duas formas ocorreriam no meio das noções que conectam.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perífrase conjuncional *só que* da língua portuguesa é uma forma inovadora de *adversatividade*, fruto de um processo de gramaticalização, que uniu a partícula denotadora *só* e a conjunção integrante *que*. Definimos a gramaticalização como um processo em que há o “aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical” (Kurylowicz ([1965] 1975) *apud* ROSÁRIO, 2010, p. 4). Um dos conceitos que nos ajudaram a fundamentar nossa proposta de *só que* ser resultado da gramaticalização foram os princípios de Hopper (1991), abordados no capítulo 3 deste trabalho. Nesse sentido, cabe destacar a estratificação e a divergência. No primeiro caso, vemos a convivência entre as formas marcadoras da adversatividade: *mas* e *só que*. No segundo caso, vemos que *só que*, perífrase conjuncional, não exclui *só*, partícula denotadora de exclusão, sendo esta a forma que originou a perífrase.

Em nosso trabalho anterior, a monografia *A perífrase conjuncional só que: gramaticalização e variação linguística*, apresentada em 2013 na Faculdade de Letras da UFMG, sugerimos que *só que* provavelmente teria surgido no PB há menos de 45 anos. Isso porque, no corpus utilizado naquela pesquisa – 30 entrevistas coletadas na comunidade carioca, entre 1999 e 2000 – dentre os cinco idosos entrevistados, três deles não realizaram *só que*, isto é, 60% dessa faixa etária não havia feito uso da perífrase em questão. E os dois idosos que a realizaram fizeram-no apenas 3 vezes. Nossa idosa mais jovem entrevistada tinha 61 anos e não pronunciou *só que* em nenhum momento de sua gravação, por exemplo, o quer dizer que a locução possa ter surgido quando esta entrevistada já havia consolidado sua fala, ou seja, na segunda metade do século XX. Sobre esse processo de consolidação da linguagem Raumolin-Brunberg e Nurmi consideram:

People tend to have their individual preferences, which in turn are so delicate and personal that they cannot be analyzed by the research tools available today. As for the longitudinal aspects of adopting innovative forms or meanings, language acquisition and the early years of life have been shown to be crucial. On the basis of his study of sound changes in Philadelphia, Labov (2001: 415–97) argues that it is not the youngest generation but the next youngest, between 4 and 17 years old, that accounts for the largest increase in the use of the incoming variant. After this period, stabilization takes place in an individual’s language. Nevertheless, it has been demonstrated that this stabilization is not absolute, and that people can change (and some do change) their language even later in life (RAUMOLIN-BRUNBERG, NURMI, 2011, p. 253).



Portanto, as autoras, retomando os estudos de Labov, reafirmam que o indivíduo estabilizaria sua linguagem após os 17 anos e, nesse caso, a fala de um idoso de hoje refletiria a língua de aproximadamente 45 anos atrás. É evidente que precisaríamos de mais dados para afirmar precisamente quando a perífrase possa ter surgido no português brasileiro, mas, por hora, podemos considerá-la relativamente nova no PB.

Essa perífrase se encontra em um processo de variação linguística, coocorrendo, na perspectiva laboviana, com a conjunção *mas*, já que ambas podem funcionar com o mesmo valor de verdade, qual seja, quebra de expectativa, e são as formas mais usadas nesse sentido pelos falantes do PB. Definimos a quebra de expectativa como o cancelamento de uma informação pelo locutor, ao adicionar uma nova informação, que rompe o pressuposto criado na primeira mensagem.

Sobre a variação entre *mas* e *só que*, pode se tratar de um caso de variação estável – em que ambas as formas variam entre si por um longo período de tempo – ou se tratar de um caso de mudança linguística, em que, futuramente, a forma inovadora, em nosso caso, a perifrástica, suplantará a forma conservadora, a conjunção *mas*. Nesse ponto, poderíamos retomar o princípio da *estratificação (layering)*, segundo Hopper (1991), abordado no capítulo 3 deste trabalho. Consoante esse princípio, é possível que os itens inovadores surgidos por meio da gramaticalização não excluam outros itens pré-existentes na língua que desempenhem mesma função. No PB, é notável a ocorrência de duas formas – sendo a mais recente fruto de gramaticalização – sem que a inovadora elimine a conservadora, pelo menos não o fez até agora. É o que ocorre, por exemplo, com os pares *nós x a gente*.

Nesse sentido, ainda não temos elementos concretos que nos permitam afirmar o que ocorrerá com as duas formas aqui analisadas, mas podemos apontar, por hora, algumas tendências. A primeira delas é que a forma *só que* não parece ser estigmatizada socialmente, na medida em que é usada livremente por homens e mulheres de diversas faixas etárias. Apesar de essa forma se ligar mais a falantes mais escolarizados, por também ocorrer com falantes de menor escolaridade, reforça-se seu caráter não estigmatizado. Além do que, como sabemos, em nossa amostra houve mais representantes escolarizados. Outra possível tendência a ser apontada seria a possível eliminação de *mas* por *só que*. Sendo *mas* a forma mais usada para a adversatividade, é sim possível que ela se desgaste a ponto de desaparecer, cedendo lugar a *só que*. Ainda mais se pensarmos que é comum no PB que uma forma inovadora gramaticalizada perifrástica se sobreponha a uma sintética (*futuro perifrástico x futuro simples* → *vou fazer x farei*).

Como corpus para esta investigação, selecionamos 36 entrevistas realizadas com 40 moradores de diferentes bairros da Grande Belo Horizonte. Como critérios extralinguísticos de análise, selecionamos três células: sexo, idade e escolaridade dos falantes. Devemos reconhecer que o ideal seria ampliarmos o número de entrevistados para melhor atender aos critérios acima. Portanto, neste trabalho, convém reforçar que procuramos apontar apenas algumas tendências da variação entre *só que* e *mas*.

Por fim, ainda não temos, ao certo, evidências que nos expliquem por que um falante escolhe ora *mas* e ora *só que* em sua fala, mas podemos afirmar que as duas formas coocorrem como marcadoras da quebra de expectativa na língua portuguesa e apresentam-se dentro do paradigma da variação linguística laboviana.

**REFERÊNCIAS:**

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009. 37ª edição.

CEZARIO, Maria Maura da C.; ALONSO, Karen Sampaio B. Estudos em gramaticalização: uma homenagem a Mário Martelotta. In: RODRIGUES, Violeta Virgínia (org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem* Revista Eletrônica de Linguística. Volume 4, - nº 2 - 2º Semestre 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 09/01/17.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramaticalização – Uma Visão Teórico-Epistemológica. Palimpsesto. Nº 11. Ano 9. 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FRAJZYNGIER, Zygmunt. Grammaticalization, typology and semantics: expanding the agenda. In: In: LÓPEZ-COUSO, Maria José; SEOANE, Elena (eds.). *Rethinking Grammaticalization. New perspectives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

GOLÇALVES, Alcione. Estudo do processo de gramaticalização do verbo ir: uma análise diacrônica. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra A. The structure of discourse and ‘subordination’. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A (ed.). *Clause combining in*

grammar and discourse. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 1988.

HEINE, Bernd. *Auxiliares. Cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HOLMES, Janet. *An introduction to Sociolinguistics*. Third Edition. Longman, 2008.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to Grammaticalization*. Volume I. Theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991.

KATO, Mary Aizawa. *Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?* Cadernos de Estudos da Linguística. Unicamp: Campinas, 1989.

KLAUSENBURGUER, Jurgen. *Grammaticalization. Studies in Latin and Romance morphosyntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

KRUG, Manfred G. *Emerging English Modals. A Corpus-based Study of Grammaticalization*. New York: Mouton de Gruyter, 2000.

KUTEVA, Tania. On the frills of grammaticalization. In: LÓPEZ-COUSO, Maria José; SEOANE, Elena (eds.). *Rethinking Grammaticalization. New perspectives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. *A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'*. UNICAMP, SP: [s.n.], 2002. Tese de doutorado.

MARTELOTTA, M. Unidirecionalidade na Gramaticalização. In: VITRAL, L; COELHO, S. (orgs.). *Estudos de Gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*. 1996.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A mudança linguística: tempo real e tempo aparente. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

\_\_\_\_\_. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003

\_\_\_\_\_. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. As construções coordenadas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). *Gramática do Português Culto falado no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena; NURMI, Arja. Grammaticalization and language change in the individual. In: NARROG, HEIKO; HEINE, BERND (ed). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press. 2011.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana (orgs.) *C-ORAL-BRASIL I Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011.

SOUSA, Lilian; VITRAL, Lorenzo. Formas reduzidas do item 'não' no português brasileiro. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

VITRAL, L. *O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização*. Scripta, Belo Horizonte: PucMinas. 2006.

\_\_\_\_\_. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. In: VITRAL, L; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/FALE, 2006.

\_\_\_\_\_. VITRAL, L. A inovação linguística: subjetificação e luta por reconhecimento. *Revista de Estudos da Linguagem*. FALE/UFMG. Vol. 20. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/205>>. Acesso em: 05 out. 2016.

VITRAL, L; VIEGAS, M do C; OLIVEIRA, Alan Jardel. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In: VITRAL, L; COELHO, S. (orgs.). *Estudos de Gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

**ANEXOS:****Anexo 1: Ocorrências de *só que* coletadas para este trabalho.****ARQUIVO: BFAMCV09**

\*ADR: não / agora eu / já / virei filho do André negro + não // na verdade / eu virei irmã do André / filha da mãe / neta da avó / *só que* / como eu sou "la hermana louca"

**ARQUIVO: BFAMCV14**

\*LCS: <Prudente de Moraes / cê pega direto> +

\*AJC: < *só que* eu vou [/2] eu vou com cê no seu carro> / na Prudente / até lá

**ARQUIVO: BFAMDLO8**

\*AND: [126] era estágio de manhã / uma aula / uma hora / e depois quatro // \$

\*AND: [127] *só que* o &ho [/2] o &ho [/2] hoje / o estágio / a professora viajou // \$

**ARQUIVO: BFAMDLO5**

\*CES: [259] voltou no /1 no /1 no /1 no /1 no que cê já viu hhh // \$

\*ANE: [260] *só que* tá mais adiantado // \$

**ARQUIVO: BFAMDLO23**

\*BAR: [220] tem vários personagens / saca // \$

\*BAR: [221] esse aqui é mago / igual eu / *só que* é masculino // \$

**ARQUIVO: BFAMMN02**

\*LUC: [33] assim sem <&mai> // \$

\*LUC: [34] <pois é> // \$

\*DFL: [35] não / é *só que* eu ã tenho um tio / né // \$

**ARQUIVO: BFAMMN09**

\*MAU: [24] que o meu pobrema era / bebida // \$

\*MAU: [25] *só que* eu ã bebo / né // \$

\*MAU: [30] ela tá / mesma coisa que tá // \$

\*MAU: [31] e *só que* ela tá vindo com frequências maiores // \$

\*MAU: [79] aí / quando / eu comecei a pensar nisso / a /1 a /1 a /1 a sentir a minha /2 a minha incapacidade / entendeu / &f /1 de &n /2 de não conseguir sustentar eles / eu comecei a ficar desesperado // \$

\*MAU: [80] *só que* a [/1] a minha doença piorou // \$

\*MAU: [81] aí / *só que* eu tive uma crise à noite / e / eu fui internado às pressa // \$



**ARQUIVO: BFAMMN23**

\*MEL: [15] a gente queria mostrar o mapa da Europa / né / depois de mostrar o mapa-múndi / a gente queria mostrar a Europa / e depois a Itália // \$

\*MEL: [16] *só que* era / transparência / e o retroprojeto da escola não funciona // \$

\*MEL: [92] eu queria dar aula de literatura / né / *só que* [1] que a gente podia &es [1] até escolher / né / se ia dar literatura ou gramática / né // \$

**ARQUIVO: BFAMCV26**

pega esses carimbo e vai &fa [3] e vai fazer seu estágio //

\*EMF: <ah> //

\*FLL: ahn //

\*MIC: *só que* aí / ela / não sei por quê / ela resolveu ir na &faculda

**ARQUIVO: BFAMCV11**

\*TIT: a panela não encosta no vidro //

\*TIT: *só que* cê tem que escorrer bem a água dele / meu filho //

## Anexo 2: Ocorrências de *mas* coletadas para este trabalho.

### ARQUIVO: BFAMMN36

\*ADE: [31] não / até que eu ã comia siri não / porque eu nunca gostei de siri // \$

\*ADE: [32] caranguejo até &c [1] eu como / mas siri não // \$

\*ADE: [43] o [1] o barco que virou no réveillon / de / oitenta-e-oito // \$

\*ADR: [44] mas virou onde / em <Copacabana> // \$

\*ADE: [47] <morreu> [1] morreu inclusive uma [1] uma atriz / té famosa na época / ã [1] ã lembro o nome dela // \$

\*ADR: [48] mas era o [1] o que [2] um barco que tinha muito mais gente do que podia / era <isso> // \$

\*ADE: [62] <então> eles &j [2] eles já sabiam disso / e já [1] já fazem / <exatamente> + \$

\*ADR: [63] <e> + \$

\*ADR: [64] de <sacanagem> // \$

\*ADE: [65] é // \$

\*ADR: [66] mas [1] mas / ã &f [2] descer numa cisterna / cum cadáver lá dentro há muito tempo / ã tinha [2] como que é a proteção / assim / de cheiro / que eu tô falando // \$

\*ADE: [68] <o cheiro> [2] o cheiro / &he / pra gente acostumar com o cheiro / nesse dia / eles já fazem já de [1] pra [1] pra que a gente [4] pra testar / descí sem máscara // \$

\*ADE: [69] mas normalmente a gente desce com máscara de [1] de <filtro> // \$

\*ADE: [98] <no mar> / tive alguns / caso / de [1] de retirada / mas isso é / comum // \$

\*ADE: [102] uma vez eu fui fazer estatística / de um afogado em Cabo Frio / que mora [2] que morava / na rua / onde / minha família mora em Divinópolis / quase vizinho // \$

\*ADR: [103] mas cê conhecia a pessoa // \$

\*ADE: [104] não conhecia não // \$

\*ADE: [108] aí / falei / n' é possível / isso é / coincidência demais // \$

\*ADR: [109] mas tem [2] mas eu ouvi falar que quem mais [1] &he / mais se afoga / incidência de afogamento maior é de pessoas que sabem nadar // \$

\*ADE: [111] oitenta por cento dos afogado / são pessoas que sabem nadar // \$

\*ADR: [112] ué / mas por que / que isso acontece // \$

\*ADR: [132] hhh e / &he / esse negócio / de [1] da pessoa desesperar / porque eu fico sempre pensando que / beleza / deu câimbra // \$

\*ADR: [133] mas câimbra / é um negócio que se [1] dá assim / no pé / na [1] na perna / <no braço / ã dá em tudo> não / dá // \$

\*ADE: [134] <não / esse [1] esse tipo de câimbra> + \$

\*ADE: [140] é outro tipo de câimbra // \$

\*ADR: [141] mas é [2] mas dá em uma parte só do corpo // \$

\*ADE: [162] cê [/1] a gente vê jogadores de futebol / e em [/1] em / determinado momento / ele com câmbra // \$

\*ADE: [163] aí se ele deita e alguém / empurra o pé dele / pra cima / e / &fa [/1] faz esse tipo de coisa // \$

\*ADE: [164] mas a gente sabe [/1] aprende como lidar com ela // \$

### **ARQUIVO: BFAMCV09**

\*ADR: [25] eu / já tentei dormir no tapete / já tentei dormir no sofá / mas de repente tem uma / gemendo / e chorando do lado / do meu lado // \$

\*ADR: [198] ele só nã &s [/1] explorou bem o / lado diva dele / mas é uma diva // \$

\*GIL: [199] mas ele consegue ser bem charmosinho // \$

\*GIL: [206] <não / ele nã quis> casar comigo // \$

\*ADR: [207] mas cês tão casados // \$

### **ARQUIVO: BFAMMN33**

\*ADR: [39] aí / meu pai veio conversar comigo / assim / &e [/1] &nun [/1] &nun [/1] nunca tive problema com essas coisas / mas tipo / ele ficou chateado // \$

\*ADR: [59] ele me deu isso tem pouco tempo // \$

\*ADR: [60] mas eu tenho um / igual esse / aqui / assim / parecido com esse / lá na minha casa / só com coisas da Madonna / que ele me deu de presente // \$

\*CCA: [93] <ele tava> tentando te converter / bobo // \$

\*CCA: [94] <cê nã entendeu> // \$

\*ADR: [95] <também> // \$

\*ADR: [96] é // \$

\*ADR: [97] também // \$

\*ADR: [98] também // \$

\*ADR: [99] mas / aí / foi assim / eu tava na quinta série / lá no Centro Pedagógico / e as aulas de quinta à oitava iam terminar uma semana depois das de primeira à quarta // \$

\*ADR: [137] <mamãe virou falou assim / por que que você nã começa> a colocar isso numa pasta / mas com a notícia / também / do que tá falando / sem ser a foto // \$

\*ADR: [156] os que não tavam entendendo o português / eu tava escrevendo em inglês // \$

\*FLA: [157] hum hum // \$

\*ADR: [158] mas eu / deixava a pessoa escrever em espanhol // \$

\*ADR: [192] <tendeu / a> minha sobrinha de três anos / \$

\*FLA: [193] <hum hum> // \$

\*FLA: [194] hhh já sabe // \$

\*ADR: [195] / sabe disso // \$

\*ADR: [196] mas se bem que ela associa à Lady Gaga também // \$

**ARQUIVO: BFAMCV14**

- \*JSA: [15] porque / <assim / muita gente> canta / né // \$  
 \*LCS: [16] <aí dá mais trabalho> // \$  
 \*JSA: [17] mas ã canta o inglês certinho / né // \$
- \*JSA: [88] nesse repertório / eu ã coloquei não // \$  
 \*LCS: [89] hum hum // \$  
 \*JSA: [90] mas eu sei algumas // \$
- \*LCS: [105] tem essa caneta aqui também // \$  
 \*LCS: [106] mas ela tá <falhando> // \$
- \*JSA: [148] achei que era mais tarde / mas <sete e meia> // \$
- \*LCS: [155] <"favela"> / mesmo / não // \$  
 \*JSA: [156] <tá> // \$  
 \*LCS: [157] mas assim / é aqueas casinhas já / <humildes> // \$
- \*LCS: [176] <aí> ela teria que <entrar pro lado de> + \$  
 \*LCS: [177] <é> // \$  
 \*AJC: [178] <ah> // \$  
 \*AJC: [179] mas ela sai na Contorno indo pro [2] indo ao contrário / né // \$
- \*AJC: [190] <ea pode pegar / desce aqui> / <desce aqui e manobra> + \$  
 \*LCS: [191] <mas a questão é que a Conde> [2] a Conde de Linhares <também ã dá pa ela pegar a> Contorno direito [1] direito não // \$

**ARQUIVO: BFAMMN03**

- \*ALO: [16] <aí / os filho> vão lá buscar // \$  
 \*ALO: [17] a mulher que ele tá mulher morando com ela / ã + \$  
 \*ALO: [18] inventa de não deixar / trazer o /1 o /1 o /1 o corpo // \$  
 \*ANA: [19] o corpo // \$  
 \*ALO: [20] mas os filho também ã são fácil também / juntou os filho todo / foram lá e trouxeram o corpo na força // \$  
 \*ALO: [21] &pe /1 amarra lá / e trouxeram /1 levaram pa yyy // \$
- \*ALO: [25] falei o nome / mas deixa pra lá // \$
- \*ALO: [42] aí ea falou / não / vou lá não // \$  
 \*ALO: [43] mas ô mãe / mas ã fica bem / mãe // \$
- \*ALO: [96] e / e eu / cabei com a loja / mudei pra cá / tô negociando esses ano todo aí / eu / dei a conta pa /5 mandei / pessoal / cobrar lá / mas ã quis /2 né / ã quis &co /1 nem cobrar dela / porque eu sabia que era viúva / e tal / e dificuldade / muitos filho / dificuldade financeira / falei / ah / nts // \$
- \*ALO: [103] eu falei / ah / &Eu /1 Eustáquio / larga pa lá isso / uai // \$  
 \*ALO: [104] não / ã tô nem / pensando não // \$

\*ALO: [105] não / mas eu quero só saber d' ocê // \$

\*ALO: [141] porque / da minha parte / <nũ /1 nũ /1 nũ /1 da minha parte /3 já /1 da minha parte /3 da minha parte já tava> perdoado muito tempo // \$

\*ALO: [142] mas / se cê &f /1 diz que a /1 a menina faz questão / que tem que pagar / nũ /1 nũ quer deixar mesmo // \$

### ARQUIVO: BFAMMN21

\*ALO: [4] aí ele chegou no médico / o médico tá examinando ele / e tal / aquele negócio todo / aí / o médico falou assim / ô / sô João // \$

\*ALO: [5] mas / e como é que tá o senhor de / sua relação sexual / o sior / vai bem / e tal // \$

### ARQUIVO: BFAMCV20

\*CAI: [1] ô / a minha irmã comprou um laptop de dois-mil reais // \$

\*CAD: [2] aonde // \$

\*CAI: [3] aqui // \$

\*CAI: [4] é burra // \$

\*CAD: [5] mas a [2] mas a [1] a [1] a configuração dele deve ser ruim / sô // \$

\*ANC: [17] <tudo bem> que de vez em quando eu fico <atrapalhada> // \$

\*CAI: [18] minha <irmã> // \$

\*CAI: [19] <ô / ela [1] ela comprou> [2] \$

\*ANC: [20] <mas eu sei que que eu> tenho que fazer hhh // \$

\*CAI: [21] / ela comprou o laptop / mas ela nũ sabe mexer nele não // \$

\*ANC: [41] fala com ela que até meu sobrinho de um ano e sete meses sabe colocar o pen drive e tirar o pen drive do lugarzinho // \$

\*ANC: [42] onde coloca o mouse e tira // \$

\*ANC: [43] tá hhh // \$

\*CAI: [44] mas o meu amigo me falou que nũ tem [3] <que nũ [2] nunca falou que tem que desligar o pen drive não> // \$

\*ANC: [110] inda tava <com o sutiã> / <nũ sei o quê> // \$

\*CAD: [111] <não / mas morrendo de dor / né> // \$

\*CAI: [141] no início dá um pus normal / sai uma água mesmo // \$

\*CAI: [142] mas aí / tipo assim / rejeitou mesmo // \$

\*CAD: [156] <eu tenho vontade> mas eu tenho tanto medo // \$

\*CAI: [160] <eu nũ tenho> medo não // \$

\*CAI: [161] mas eu tenho / consciência o seguinte // \$

\*CAD: [169] eu tenho medo assim / eu já vi muito caso do organismo rejeitar / e cê desencadear / um monte de <doença> // \$

\*ANC: [170] <é> // \$

\*ANC: [171] aí é complicado <mesmo / né> // \$

- \*CAD: [172] <por causa disso> // \$  
 \*CAI: [173] <mas é> difícil / acontecer isso // \$  
 \*CAI: [183] eles ã falam pr' ocê quando eles já tão com a ferida ão // \$  
 \*ANC: [184] <ãõ> // \$  
 \*CAI: [185] <mas a maioria> + \$  
 \*CAI: [186] mas se ocê sentar e perguntar / entãõ tá // \$
- \*CAI: [204] por isso que ãõ deu problema // \$  
 \*ANC: [205] ah / mas a questãõ da tatuagem / ãõ é nem o organismo ãõ rejeitar ãõ // \$
- \*ANC: [216] porque ela também tem alergia // \$  
 \*CAD: [217] a da perna // \$  
 \*ANC: [218] é // \$  
 \*CAD: [219] mas ãõ <descoloriu> // \$
- \*ANC: [229] <o negócio> de [1] de esses trem de cirurgia plástica <é ter cuidado> // \$  
 \*CAI: [230] <hum hum> // \$  
 \*CAI: [231] <ô / mas ô> / todos esses trem + \$  
 \*CAI: [232] o povo acha + \$  
 \*CAI: [233] igual tatuagem também // \$
- \*CAI: [238] cê tem que tomar <cuidado> // \$  
 \*CAD: [239] <ah> / mas tem que fazer / ué // \$
- \*ANC: [240] ãõ pode tomar sol / um tanto de coisa / né // \$  
 \*CAD: [241] mas é / ué // \$  
 \*CAD: [242] mas ainda tenho vontade // \$
- \*ANC: [265] <como é> que ele enfia pelo umbigo // \$  
 \*ANC: [266] pa chegar lá em cima // \$  
 \*CAD: [267] ãõ sei // \$  
 \*CAD: [268] mas ele enfia pelo umbigo // \$
- \*ANC: [273] um negócio desse tamanho / cem <mililitros / enfiar pelo umbigo> // \$  
 \*CAD: [274] <ãõ> // \$  
 \*CAD: [275] mas só que> [3] mas ãõ enfia ãõ // \$
- \*CAD: [279] <cê enfia o saquinho vazio / e depois> / enche hhh // \$  
 \*CAI: [280] ô / mas tem um gel agora também // \$

### **ARQUIVO: BFAMDL08**

- \*AND: [8] eu posso té ir // \$  
 \*AND: [9] mas cê ãõ vai conseguir ãõ // \$
- \*BRU: [15] entãõ vamo // \$  
 \*BRU: [16] e pa voltar // \$  
 \*AND: [17] por [1] mesmo jeito / ué // \$  
 \*BRU: [18] mas aí eu tenho que ir por / Prudente de Moraes // \$

- \*AND: [38] Bruna / eu te ensino pelo Anel / mas cê vai ver que cê vai ficar perdida // \$
- \*AND: [42] porque cê tem que entrar no [1] no Anel / por aqui / depois tem que pegar [1] sair do Anel / e entrar / na zero quarenta por outro caminho // \$
- \*BRU: [43] então // \$
- \*BRU: [44] mas a do Anel / nũ é aqui / o' // \$
- \*AND: [72] velocidade / cê pode ir até cem // \$
- \*AND: [73] mas / nũ [1] aqui cê nũ vai ficar fazendo cem // \$
- \*BRU: [108] não / porque cê falou que era pra ter <cuidado> // \$
- \*AND: [109] <não / eu> falei / mas / se tomou / nũ chegou ainda não // \$
- \*AND: [153] <tomar cuidado é com o> sono / viu / Bruna // \$
- \*BRU: [154] não / eu nũ vou + \$
- \*BRU: [155] é // \$
- \*BRU: [156] mas / &he + \$
- \*AND: [157] se ocê ver que cê não vai agüentar a hora que der o sono / pára o carro // \$
- \*AND: [158] nũ tenta ir não / que é pior // \$
- \*BRU: [159] eu acho que / eu vou [1] vou arrumar alguém pra ir comigo / pra ir / conversando comigo // \$
- \*AND: [189] eu avisei pra ea / pa não tirar nenhum patrocinador // \$
- \*BRU: [190] né / nós nũ tiramo não // \$
- \*AND: [191] mas tirou as manga // \$
- \*AND: [218] terminou // \$
- \*BRU: [219] ahn hhh // \$
- \*AND: [220] mas ainda nũ encontrei com ele não // \$
- \*AND: [330] no [1] no [1] nos sinais / é setenta // \$
- \*AND: [331] mas no Anel mesmo pode andar a oitenta // \$
- ARQUIVO: BPUBCV03**
- \*FER: [47] então / se eles têm a responsabilidade de escolher / as músicas <que querem> tocar / a gente sabe que nũ é uma só que toca num recreio // \$
- \*AND: [48] <hum hum> // \$
- \*AND: [49] <hum hum> // \$
- \*FER: [50] <mas> pelo menos uma / a gente imagina que seja uma dessas que tão aí na parada musical em inglês // \$
- \*AND: [109] <é / porque eles gostam> das letra / quer <ver a tradução> // \$
- \*FER: [110] <&com [1] quem não gosta> // \$
- \*FER: [111] gosta da &l [2] de &ou [2] de &can [2] gosta de ouvir aquela música / mas nũ sabe <cantar / de repente tem a letra> + \$
- \*JUL: [125] <dá pra fazer várias coisas com a música> // \$
- \*AND: [126] <não / mas aí cê nũ faz [3] cê> nũ [2] igual faz a + \$
- \*AND: [127] essa [1] essas traduções já vêm <pronta / lá> // \$

- \*FER: [128] <pois é> // \$  
 \*FER: [129] mas aqueas traduções <às vezes são> + \$  
 \*AND: [130] <mas são ruins> // \$
- \*AND: [131] <são> chula // \$  
 \*FER: [132] <a> + \$  
 \*AND: [133] ah / mas aí <a gente dá uma mudadinha / né> // \$
- \*JUL: [149] <tem umas nada a ver> // \$  
 \*FER: [150] <ah / mas> + \$  
 \*FER: [151] no próprio site / né / vem> a / em inglês / e em português // \$
- \*FER: [306] é melhor às <duas horas / né / assim> / lá pras dez pras duas / cinco pras duas // \$  
 \*AND: [307] <então> // \$  
 \*AND: [308] <então esperar> // \$  
 \*AND: [314] mas eu acho melhor um mês / porque / &he / eu [/1] eu nã + \$  
 \*AND: [315] todos os dias é pouquinho tempo / porque toca // \$
- \*FER: [344] a gente vai <participar> // \$  
 \*AND: [345] <uhn> // \$  
 \*FER: [346] mas vai participar / dando autonomia a eles também // \$

### ARQUIVO: BFAMDL05

- \*CES: [12] de lá tem / mas de cá nã tem // \$
- \*CES: [112] aqui o' / aquela ali / aquea ali que é a Joaquim Nabuco // \$  
 \*CES: [113] vão ver que número que ela é aqui // \$  
 \*ANE: [114] ah / mas é porque aqui ea deve ser outro nome / então // \$  
 \*ANE: [177] nós tamo /2 nós nã tamo procurando apartamento sem elevador // \$  
 \*CES: [178] pois é // \$  
 \*CES: [179] e ele /2 e ele + \$  
 \*CES: [180] mas ele tinha que ter elevador // \$
- \*ENC: [199] tem <elevador> // \$  
 \*CES: [200] <tem / né> // \$  
 \*ENC: [201] mas ele nã tá ativo ainda não / ele só tá instalado / só // \$
- \*ENC: [205] a porta tá fechada mas cê pode abrir // \$
- \*CES: [277] <é> esse / né // \$  
 \*ANE: [278] é // \$  
 \*ANE: [279] e /1 mas / esse / esse / eu não marquei pra você pra gente ir ver // \$
- \*ANE: [285] <eu lembro dele> / porque tinha essa bancadinha // \$  
 \*ANE: [286] <é> // \$  
 \*CES: [287] <uhn> // \$  
 \*ANE: [288] mas engraçado que a Alcione que deu ele a &direç + \$



\*CES: [373] que aí pode derrubar e nũ tem problema / aí aumenta a cozinha / e fica bem maior // \$

\*CES: [374] né // \$

\*CES: [375] mas / só que a área de serviço ficou muito pequena // \$

\*CES: [408] <aqui> / ele é maior / <do que aqui> // \$

\*ANE: [409] <é> // \$

\*ANE: [410] <não> // \$

\*CES: [411] <mas aqui é> maior // \$

#### **ARQUIVO: BPUBCV04**

\*WIL: [13] dona Antônia // \$ [14] dona Cléo tá ali // \$ [15] precisando da [1] do troco // \$ [16] ela teve aqui / Éder // \$ [17] que eu / cheguei aqui // \$

\*EDE: [18] não // \$

\*ANT: [19] não // \$

\*WIL: [20] não // \$

\*ANT: [21] mas pode / olhar aí pra mim / William // \$

\*ANT: [92] <ai> // \$ [93] dói muito / William // \$

\*WIL: [94] <yyyy> // \$

\*ANT: [95] <Nossa> // \$ [96] mas também &t +\$ [97] cê fez que hora / a cirurgia // \$

\*ANT: [126] <conta da> yyy vir seiscentos reais / é doido / eu / hein // \$

\*WIL: [127] não / esse aqui deu pior / <aqui o'> // \$

\*ANT: [128] <não / mas> ele falou que tem um negócio <aí que vai olhar> // \$

\*CAS: [163] <No' / que> tanto de sertralina> // \$ [164] três sertralina / pra quê // \$

\*ANT: [165] não / mas aí nũ é dela só / <não> // \$

\*ANT: [182] Nossa // \$ [183] caro / esse trem / né / oitenta reais // \$

\*CAS: [184] mas nũ é essa // \$ [185] essa nũ é oitenta não / né // \$ [186] nũ é [2] nũ é aquela de <cinquenta> // \$

\*CAS: [189] <ah / é> // \$ [190] tá certo // \$ [191] que aliás / a menina falou comigo outro &di [2] outro dia / que era cinquenta / nũ é cinquenta não / é quarenta / né // \$

\*ANT: [192] ah / mas essa sibutramina também aqui é da colega dela // \$ [193] mandou pedir // \$

\*WIL: [194] aqui o' // \$ [195] dela tá ficando com desconto / <quatrocentos-e-oitenta-e-cinco> // \$

\*WIL: [209] e hoje é só / cloridrato // \$

\*ANT: [210] hoje é / mas esse aí é meu / viu // \$ [211] esse aí é pra mim // \$ [212] minha conta // \$ [213] ah é // \$ [214] ô [1] ô [1] ô / William // \$ [215] <a Isa> veio aqui pegar o Lorax // \$

\*WIL: [216] não veio // \$

\*ANT: [217] não / mas ela [1] ela [1] eu falei com ela / que eu tinha deixado a receita aqui com você // \$

**ARQUIVO: BFAMDL16**

- \*ASI: [125] tem um pouquinho de feijão // \$  
 \*ASI: [126] mas o feijão é pouco // \$
- \*CRI: [191] outra moto // \$  
 \*CRI: [192] ah / mas ã tem como / <né> // \$
- \*ASI: [204] / no freezer // \$  
 \*CRI: [205] mas e / pra janta // \$
- \*CRI: [225] agora / se não for ela / é uma outra // \$  
 \*CRI: [226] que tava lá na frente // \$  
 \*CRI: [227] mas ela não cumprimentou nós não // \$
- \*CRI: [228] ea nem chegou perto // \$  
 \*ASI: [229] não / mas essa / eu acho que falou pa dona Nininha que cumprimentou / nós // \$
- \*CRI: [232] é / ea cumprimentou mesmo // \$  
 \*CRI: [233] mas ocê respondeu / uê // \$
- \*CRI: [234] <nã respondeu> // \$  
 \*ASI: [235] <pois é> / mas ã lembro da pessoa // \$
- \*ASI: [240] cê ã repara não / mas // \$  
 \*ASI: [241] ã tem jeito / tem que lavar mesmo // \$
- \*CRI: [255] dizem que é ótimo // \$  
 \*CRI: [256] mas diz que é no máximo quinze minutos // \$

**ARQUIVO: BFAMCV13**

- \*ATA: [6] <quatro meses> // \$  
 \*JON: [7] <mas n' é aqui> não // \$
- \*MNV: [38] começou a doer / eu falei / uai // \$  
 \*MNV: [39] que negócio é esse // \$  
 \*MNV: [40] aí / eu + \$  
 \*ATA: [41] mas antes de operar a primeira vez / né // \$
- \*MNV: [54] <aí / eu> / fui lá <ni> Tajubá co doutor Luciano / mas ele tirou a chapa / que tem que operar / seu Mané // \$  
 \*JON: [55] <ahn> // \$  
 \*JON: [56] <mas> + \$  
 \*MNV: [57] <falei> / ih / e é urgente / ainda / né // \$
- \*JON: [89] <cê leu lá na sua folha> // \$  
 \*MNV: [90] ah <não / mas tudo que / &he> / na prancheta / <fica marcado / ã> + \$  
 \*ATA: [91] <é / mas tem que chegar> / lá / avisar / velho // \$

CASOS EXCLUÍDOS: \*MNV: [143] pegou ele / mas pegou até yyyy // \$

\*MNV: [163] agora e' tá lá no asilo / em <Pedralva> // \$

\*ATA: [164] <mas e' tá> andando sozinho / não // \$

\*MNV: [170] pessoal fala c' ele e' fala com pessoal / mas nũ [1] \$

\*ATA: [171] Nossa // \$

\*MNV: [172] / nũ fala nada / né // \$

\*MNV: [276] <é> // \$

\*MNV: [277] mas eu <sou uma> pessoa assim / que carquer lugar tá <bom> // \$

### ARQUIVO: BFAMDL19

\*AVI: [41] nũ posso dormir aqui hoje não / sô // \$

\*AVI: [42] uai / mas por quê // \$

\*AVI: [50] nũ tem nada aí / e tal // \$

\*AVI: [51] falou / nem / mas cê &f [1] tem que ficar // \$

\*AVI: [52] nós dorme os três nessa cama só / mas cê tem que ficar // \$

\*AVI: [56] lavou os pé / tinha um negócio de lavar os pé de noite pa deitar / né / lavou / comeu os negócio lá e tá e pimba na cama // \$

\*AVI: [57] mas a canseira dele era tanta que / hhh / caiu na cama e dormiu // \$

\*AVI: [63] é a última vez que cê me vê na sua casa / pode até me ver / mas / &por [1] quando cê for abrir a boca pa falar negócio de dormir / eu nũ durmo na sua casa mais não // \$

\*AVI: [68] eu digo / mas nũ venho // \$

\*AVI: [69] mas então cê tem que falar por quê // \$

\*MUD: [108] falou / mãe / mas a senhora vem deitar logo aqui / tal coisa // \$

\*MUD: [110] aí ela virou e falou assim / mas tem &c [1] dez ano que eu nũ converso com meu genro // \$

\*MUD: [115] nós devemos falar de três assuntos / evidentemente / né // \$

\*MUD: [116] que é política / religião / \$

\*AVI: [117] não / mas deixa eu contar // \$

\*AVI: [120] a [1] a [1] o cara tá lá com um [2] na casa dele / num sitiozinho / bem arrumado / e tal + \$

\*MUD: [121] mas nũ é o cigano motorista da prefeitura <não / né> // \$

\*AVI: [125] o [1] o [1] o [1] o [1] e' falou / ô / meu filho / nós precisa de vender aquele cavalo // \$

\*AVI: [126] é / mas é difícil // \$

\*AVI: [129] aí / é difícil vender porque e' tá cego dum olho / tal / e [1] e / bonito / e tal / mas

tá cansado // \$

\*AVI: [130] falou / não / mas nós vamo dar um jeito de vender // \$

\*AVI: [152] todo mundo vai ficar chateado se o senhor vender / e tal // \$

\*AVI: [153] ah / mas eu tenho que &ve [ / 3 ] eu vou vender // \$

\*AVI: [205] <o mundo inteiro tá em guerra> // \$

\*MUD: [206] não // \$

\*MUD: [207] mas guerra é Vietnã // \$

### **ARQUIVO: BFAMDL23**

\*JAN: [16] cê falou que cê tocava só violão // \$

\*BAR: [17] mas eu tenho uma guitarra // \$

\*BAR: [45] tô tentando falar com esse cara aqui / que tá online / na minha lista de amigos // \$

\*BAR: [46] mas ele tá em outra cidade / então ã tem como eu ir pra lá / porque se for pra lá eu vou gastar dinheiro / sabe

\*BAR: [57] tão / tipo / eu jogo no servidor grátis há muito [ / 2 ] &he / tipo / há pouco tempo // \$

\*BAR: [58] mas / com personagens que eu ã vou / ter futuro // \$

\*BAR: [60] tanto que eu &cli [ / 3 ] que eu / criei / classes diferentes // \$

\*BAR: [61] mas só pra ver como que é // \$

\*BAR: [63] aí / tipo / eu vou passar tudo que esses personagens meus / que eu não quero / têm / pro meu outro personagem / e vou jogar só com ele // \$

\*JAN: [64] hum hum // \$

\*BAR: [65] mas os meus personagens mesmo são / no servidor pago / tal // \$

\*JAN: [66] mas que missão / que cê tem que fazer nesse jogo // \$

\*BAR: [74] no caso / eu posso virar buxa [ / 1 ] bruxa / com level quarenta // \$

\*BAR: [75] mas eu vou virar com &l [ / 2 ] com level cinqüenta / pra eu ganhar o [ / 1 ] o máximo de pontos / de / habilidades

\*BAR: [82] eu tenho personagem casada / mas / aqui eu ã vou casar não // \$

\*BAR: [96] porque / tipo assim / tem um armazém / que todas &o [ / 1 ] as / personagens dividem // \$

\*BAR: [97] mas o dinheiro não é dividido // \$

\*BAR: [109] cê nunca jogou // \$

\*JAN: [110] mas eu &nu [ / 2 ] eu nunca tive muita aptidão pra jogos / não // \$

\*JAN: [156] nem todos os homens são escrotos // \$

\*BAR: [157] não / nem todos / mas a maioria // \$

\*BAR: [158] mas ele / é uma pessoa supersensível / e tem / catorze anos // \$

\*BAR: [211] então / eu não tenho essa habilidade de &ven [ / 1 ] abrir uma lojinha e vender

coisas // \$

\*JAN: [212] mas cê &co [2] cê começou como uma maga // \$

\*BAR: [213] nesse servidor grátis / sim // \$

\*BAR: [214] não / mas eu / tinha feito uma noviça / deletei // \$

### ARQUIVO: BFAMDL02

\*BAL: [49] por isso que elas cham daquele jeito / e <nũ /2 e nũ /2 nũ> rendem tanto // \$

\*BEL: [50] <gente> // \$

\*BAL: [51] se elas forem <ligadas> + \$

\*BEL: [52] <mas eu nũ sabia> + \$

\*BAL: [81] porque eu nunca confundo Letras com <informática> / nũ tem nem como // \$

\*BEL: [82] <hum hum> // \$

\*BAL: [83] mas / eu ia me sobrecarregar // \$

\*BEL: [119] eu fiquei chocada // \$

\*BEL: [120] mas &a [1] &e [1] &he / em compensação / eu [1] eu tava lendo no deá + \$

\*BAL: [127] <cê pode> deixar o cabo bater no chão // \$

\*BAL: [128] mas essas pontas jamais // \$

\*BAL: [131] <dá mau> contato // \$

\*BAL: [132] eu já &pe [3] eu já <quase> &per + \$

\*BAL: [133] mas isso / tipo assim / é só soldar de novo // \$

\*BAL: [134] mas até achar <alguém que vai> <soldar isso> / cobrando só cinco reais // \$

\*BEL: [135] <ah não> // \$

\*BEL: [136] <mas também / é> // \$

\*BAL: [137] <vão> falar que é outro problema / vão cobrar vinte // \$

\*BEL: [181] então é completamente diferente / assim // \$

\*BEL: [182] mas esse negócio d' a /2 d' a igreja / tar fazendo a /1 a justiça / julgar &im /1 &he / tipo / improcedente / às vezes // \$

\*BAL: [195] na parte maior // \$

\*BEL: [196] ah não / na parte maior / é os + \$

\*BAL: [197] não / mas é porque eu tô pensando assim // \$

\*BAL: [225] eu [1] e eu não sou assim com tudo // \$

\*BEL: [226] <No'> // \$

\*BAL: [227] <mas tem> <coisas> + \$

### ARQUIVO: BPUBCV01

\*MAR: [50] <a> gente que fala “macarrão” // \$

\*BRU: [51] <oi> // \$

\*BRU: [52] ah / <tá> // \$

\*MAR: [53] <mas> é reconhecido como equipo // \$

\*BRU: [60] <porque podia ser no / computador> // \$

- \*FLA: [61] é / <só que> +\$  
 \*EMM: [62] <mas isso> <vai mudar> //\$  
 \*MAR: [63] <o problema tá> é nisso //\$  
 \*MAR: [70] por isso que ainda se usa o caderno //\$  
 \*BRU: [71] entendi //\$  
 \*BRU: [72] mais <seguro mesmo> //\$  
 \*FLA: [73] <é> //\$  
 \*MAR: [74] <mas com o tempo / enquanto cê> tiver +\$  
 \*FLA: [75] <uma coisa que fica mais confiável> //\$  
 \*MAR: [76] cê lavou / já acabou //\$
- \*FLA: [162] <esse vai> ser congelado / <e ele é usado> +\$  
 \*MAR: [163] <é / esse vai ser> //\$  
 \*BRU: [164] mas como é que faz separar / o plasma da plaqueta //\$
- \*FLA: [250] é um [1] uma doença sexualmente transmissível também //\$  
 \*MAR: [251] é //\$  
 \*FLA: [252] mas / mata / isso aí / será //\$  
 \*MAR: [253] ahn //\$  
 \*FLA: [254] <agateelevê> mata //\$  
 \*EMM: [255] <não> //\$  
 \*EMM: [256] o [1] o gateelevê / ele nũ chega a matar //\$
- \*EMM: [257] mas ele / principalmente pa mulher / ele pode causar infertilidade //\$
- \*FLA: [299] não / congela / <mas tem que congelar rápido> //\$
- \*MAR: [301] <congela / mas é mais lento> //\$
- \*MAR: [322] então tinha aquelas balas / aqui <dentro> //\$  
 \*EMM: [323] <hum hum> //\$  
 \*BRU: [324] mas o /\$  
 \*MAR: [325] e nũ teve mais / graças a Deus //\$  
 \*BRU: [326] / <o problema> de congelar / é &des [2] assim / esse problema do tempo / é desde quando tirou / o sangue / <até> congelar / ou é desde quando separou até congelar //\$

## **ARQUIVO: BFAMCV12**

- \*VER: [11] &he / aí eu quero +\$  
 \*GIL: [12] uai / mas nũ ia ter o lance do quarto //\$
- \*VER: [13] vai ter o quarto pra ele sim //\$  
 \*CAR: [14] mas eu nũ vou tar aqui mais quando esse quarto tiver pronto hhh //\$
- \*VER: [21] e colocar outro //\$  
 \*VER: [22] mas eu preciso que ele faça o projeto / final de conta ele é dono //\$
- \*GIL: [51] aí é fantástico //\$  
 \*VER: [52] tendeu //\$  
 \*GIL: [53] mas que trem de pressão // \$

- \*VER: [74] a /1 a [/1] o reservatório tá lá em cima / no teto // \$  
 \*CAR: [75] &el /1 <ela vem> + \$  
 \*VER: [76] <mas a água> que vem pro nosso apartamento / entra ali na altura do tanque // \$
- \*VER: [85] por causa da pressão // \$  
 \*GIL: [86] só // \$  
 \*VER: [87] mas eu quero pôr isso / um aquecedor solar / lá em cima // \$
- \*GIL: [108] <té veio> um especialista aqui uma vez // \$  
 \*VER: [109] ele veio / <mas aí foi no> + \$  
 \*GIL: [110] <mas ele> + \$  
 \*VER: [111] ele nã é engenheiro // \$
- \*GIL: [126] <é> concreto armado / né // \$  
 \*GIL: [127] aí vai // \$  
 \*VER: [128] é // \$  
 \*VER: [129] mas aquilo <ali> foi muito <malfeito> // \$
- \*GIL: [162] o problema é que precisa de um telhado também // \$  
 \*CAR: [163] <é / xxx> // \$  
 \*VER: [164] <mas assim> / o projeto lá / que o João fez / &e [/1] ele podia assim / finalizar ele / né // \$  
 \*VER: [165] mas / ele acha que ele nã pode finalizar // \$
- \*GIL: [174] <saquei> // \$  
 \*VER: [175] <pode> // \$  
 \*GIL: [176] <ah / mas isso> é complicado // \$
- \*CAR: [181] é muito mais leve do que um <telhado> // \$  
 \*GIL: [182] <mas> é menos resistente // \$
- \*CAR: [185] tem umas lonas dessa que eles põem pa qualquer coisa // \$  
 \*GIL: [186] mas e com [/2] e &ap [/2] depois dos anos / isso vai acabar / deteriorando fácil // \$  
 \*CAR: [187] põe outra // \$  
 \*GIL: [188] ah / mas aí é [/1] é [/1] é &co [/2] nã é &d [/3] nã é fácil // \$
- \*CAR: [212] é aqui // \$  
 \*GIL: [213] mas aí é complicado subir aquele quarto / <né> // \$
- \*CAR: [219] <ela nã tem um> acesso interno // \$  
 \*GIL: [220] <ah> // \$  
 \*VER: [221] ah / tem mas / &he / &te [/1] o povo ali <desses dois apartamento> / es têm uma [/1] um negócio com isso aí

#### **ARQUIVO: BFAMMN05**

- \*CAR: [4] porque / até então / nã tava no meus plano // \$  
 \*CAR: [5] mas depois que eu perdi a minha /2 &me /1 meu bebê / &mai /1 &m /1 com oito ano de idade / aí eu peguei um bebezim com / três mês de idade / que é a Mislaine hoje

// \$

\*CAR: [6] mas eu fico muito feliz porque ela tá / me dando / &he / bons retornos // \$

\*CAR: [11] e / e eu achei que ia me dar trabalho // \$

\*CAR: [12] mas não // \$

\*CAR: [13] mas eu peguei ela de uma mãe / nã peguei ela &n /1 de /1 de + \$

\*CAR: [14] eu nã entrei em fila // \$

\*CAR: [58] não falo porque eu acho muito pesado // \$

\*CAR: [59] mas eu falo com ela que ela + \$

\*CAR: [60] quando ela tinha dois aninho de idade / ela chegou perto de mim / falou comigo assim / mamãe // \$

\*CAR: [61] como é que / eu [1] eu / nasci da senhora // \$

\*CAR: [68] falei pra ela / e eu [1] você é muito mais especial do que qualquer outra criança pra mim // \$

\*CAR: [69] meu filho é especial / a minha filha que foi é especial / mas você é muito especial // \$

\*CAR: [76] quando eu falo / “a sua mãe” / ea fala assim / não / a minha mãe é a senhora // \$

\*CAR: [77] mas eu nunca quero tirar o direito / que até os / &quat [1] cinco ano nós levamo ela / pra mãe ver / levamo ela pra avó ver / porque a avó amputou as duas perna / <câncer> no calcanhar / \$

\*CAR: [91] aí jogou o papel pra lá / nã entregou nem na mão da gente / assinou e jogou / essas pessoa assim / &hum [1] humilde / mas umas pessoa muito mal-educados // \$

\*CAR: [92] mas / eu / uma coisa eu falo pra minha filha // \$

\*CAR: [93] pra Mislaine // \$

\*CAR: [94] eu falo / Mislaine // \$

\*CAR: [95] a mamãe ama sua mãe // \$

\*CAR: [100] é uma história muito triste / mas uma história muito bonita / ela nã /2 ela nã me tirou / o direito de ser mãe /

\*CAR: [147] essa história &de [1] da menina / eu tenho certeza que e' nã te conta não // \$

\*CAR: [148] mas a história da filha / atual / ele te conta // \$

\*CAR: [150] porque ele ama / ele chama ela de / "fuminho" / né / "meu pretinho" / papai nã güenta carregar mais / mas / nã güenta pegar mais / porque tá muito grande / mas é /1 é essa é a história / e é a vida / que nós temos aqui em casa // \$

1 nã tá percebendo que a gente tá cobrando / porque hoje tá tudo muito tranqüilo // \$

\*CAR: [152] mas se tivesse fazendo qualquer raiva / cê tava escutando meus grito aqui // \$

## ARQUIVO: BFAMCV06

\*DUA: [31] cabe duas pessoas no Smart / <no Cinquecento quatro> // \$

\*SEL: [32] <ah> // \$

\*JOL: [33] <é duas pessoa> // \$

\*SEL: [34] <duas pessoas> // \$



\*CEL: [35] gente / mas <carro tem que ser assim> // \$

\*JOL: [62] <deve lançar esse ano ainda> // \$

\*JOL: [65] mas é / <ano que vem / janeiro / fevereiro> // \$

\*CEL: [69] <vive fechado / quando abre / hhh> // \$

\*SEL: [70] <nunca uso> // \$

\*DUA: [71] mas se ocê entrar no site da FIAT / cê ã &con [3] cê ã acha <Uno / cê acha Mille> // \$

\*SEL: [202] <é / FIAT cento-e-quarenta-e-sete> // \$

\*GUS: [203] <é / mas a tia Selma ã passa quarta> // \$

### ARQUIVO: BFAMCV30

\*CLA: [9] <o [1] o Huck tem um táxi> // \$

\*RAQ: [10] <e' na mó intimidade / né> // \$

\*RAQ: [11] <Angélica> // \$

\*CLA: [12] <hum hum> // \$

\*RAQ: [13] <mas ele fica> fingindo que não é ele // \$

\*CLA: [17] <tinha Táxi do Gugu> // \$

\*CLA: [18] <gente / cês assistem hhh> // \$

\*RAQ: [19] <não / mas pra [1] qual que é o sentido> do Huck ficar andando de <táxi com a Angélica yyy hhh> // \$

\*CLA: [30] <"Arquivo do Faustão" / porém num táxi> // \$

\*TUT: [31] <é / mas as pessoas entram> no táxi // \$

\*TUT: [70] <não / eu via> a Mara Maravilha / <mas eu> tinha <preconceito com a Angélica> // \$

\*RAQ: [72] <a Mara / eu também tinha> o disco da Mara / <mas a Angélica / eu super tinha preconceito> // \$

\*TUT: [90] aí falou / eu sou [2] nós somos a xis e a ípsilon <hhh> // \$

\*RAQ: [91] <ah> / que <ridículo / mas ã deviam nem ter feito isso> // \$

\*TUT: [92] <gente / elas são minhas irmãs hhh> // \$

\*TUT: [93] que coisa / não hhh // \$

\*CLA: [95] <sério> // \$

\*CLA: [96] <isso aconteceu tudo> na televisão / de verdade / <assim / tipo> // \$

\*RAQ: [97] <não / mas> + \$

\*TUT: [98] <mas é o tipo da> coisa que ele podia ter tirado / <na edição> / \$

\*RAQ: [100] <pois é / editado> // \$

\*RAQ: [101] se ã é <ao vivo hhh> // \$

\*TUT: [102] / <mas ele quis sacanear ela hhh> // \$

\*CLA: [103] que isso / gente / ã acredito que fez isso // \$

\*RAQ: [104] ah / mas sacaneou ela não / sacaneou as amigas / <coitadas / porque era

ridículo> // \$

\*CLA: [107] <mas ela também conta> // \$

\*TUT: [114] não / ela <já tava puta com a surpresinha / que ela ã gosta dessas coisa> // \$

\*RAQ: [115] <foi &descon> + \$

\*RAQ: [116] <não / mas [/1] mas ela fingiu que> gostou // \$

\*RAQ: [136] <não sei quem são / mas tudo> bem // \$

\*CLA: [137] que horror // \$

\*RAQ: [138] é // \$

\*CLA: [139] mas ele faz isso &sem [/4] ele faz esse treco do [/1] do <táxi é só / por ela> // \$

\*TUT: [144] <em homenagem a ela> // \$

\*CLA: [145] ah // \$

\*TUT: [146] <mas eu nunca tinha visto / eu ã sei como que é / normalmente> // \$

\*CLA: [166] <entre a Mara e a Angélica> / eu preferia a <Angélica> // \$

\*RAQ: [167] <não sei / mas> + \$

\*RAQ: [168] <ã sei> // \$

\*TUT: [169] <não / e o> + \$

\*CLA: [170] <mas eu só gostava de Xuxa> // \$

\*CLA: [221] ela era tipo / <pessoa como / eu / como você> // \$

\*TUT: [222] <mas ela era uma fada> // \$

\*CLA: [232] porque era <tipo / final da manhã> // \$

\*RAQ: [233] <tá> // \$

\*RAQ: [234] <mas cê já tinha passado da idade de assistir isso> // \$

### **ARQUIVO: BFAMDL17**

\*DAN: [122] eu falei / mas eu ã tem mais [/4] eu ã tenho mais dinheiro / como é que eu vou te dar // \$

\*DAN: [143] os dois tracadim / e passa o busão / velho // \$

\*JUN: [144] não / mas o Bolota tem o crachá / uai // \$

\*DAN: [181] e começou a chupar os dente de novo hhh // \$

\*JUN: [182] hhh mas aí cês <vieram embora> / normal // \$

\*JUN: [219] e o Cristiano / tipo assim / ele [/1] ele ã é magro / mas também <ã é> aquilo tudo / né // \$

\*DAN: [241] <de> breja lá na [/1] na [/1] na [/1] <na> + \$

\*JUN: [242] <mas> aquele <latão> // \$

\*JUN: [301] n' é tirando cento-e-cinco não / Zé / mas cento-e-cinco é lixo demais // \$

**ARQUIVO: BFAMMN02**

\*DFL: [30] falei / irmão // \$

\*DFL: [31] ué / mas sio' fala isso com essa <tranqüilidade> // \$

\*DFL: [59] <ele> teve / &he / um professor // \$

\*DFL: [60] que foi em casa / que o instruiu // \$

\*DFL: [61] tinha uma &la /1 caligrafia maravilhosa / <que mamãe> tinha até o cartão dele / mamãe falava que ele tinha um português correto // \$

\*LUC: [62] <hum hum> // \$

\*DFL: [63] mas ele quis que todos os filhos estudassem // \$

\*DFL: [87] então / eu era assim / nã digo que eu era a predileta da vovó não / mas ela tinha + \$

\*DFL: [88] a filha do tio Carlos chamava Maria Julieta / <tinha uma> filha do meu /2 do /1 do meu tio que &chama /1 chama Julieta / até que é viva / mora lá em Itabira / mas &e /1 eu / era a única que tinha o nome da mãe dela // \$

\*DFL: [130] papai fundou um <jornalzinho lá> na &i /6 ele fundou um jornalzinho lá na Itabira / e tudo mais / mas / de &po /2 de pouca /1 poucos números // \$

\*DFL: [145] e papai veio por uns tempos / e ele também / foi pro Rio por uns tempos / mas / <esse uns> <tempos dele> / foi o resto da vida / \$

\*DFL: [168] se sabia / falava / <mas se nã sabia / né> // \$

\*DFL: [183] eu &f /1 tinha uma certa inveja <da Maria Julieta> / porque tinha um pai brincalhão // \$

\*LUC: [184] <ham ham> // \$

\*DFL: [185] e o meu era / caladão / né // \$

\*DFL: [186] mas ela era a única filha / né / e nós éramos / dez hhh // \$

**ARQUIVO: BFAMD15**

\*ECR: [21] de vez em quando mexe aí mas pouco // \$

\*ECR: [22] agora tá quieto em Mariana / foi atrás dele pa lá // \$

\*DML: [23] mas tem uma coisa também / o Ítalo é desse tipo que / igual ele faz negócio com o carro / ele vai juntando / daí a pouco ele / vai fazer uma casa / né hhh // \$

\*ECR: [29] e é um lucro pra ele / uai // \$

\*DML: [30] &ma pois é mas &e [1] e <ele é> [1] é um menino inteligente // \$

\*ECR: [39] <é> / e' levou o pai dele pra lá // \$

\*ECR: [40] mas <o pior> é que o pai dele &levo [1] foi pra lá / assim / com uma molecada junto // \$

\*DML: [50] <o &An> [2] o Antônio nã é de troca não / mas ele também / ele [1] ele nã tá com / idéia de fazer outra casa já // \$

\*ECR: [66] e Leno tá morando lá / agora é capaz d' e' querer fazer casa / mesmo / pa morar lá também perto // \$

\*DML: [67] <mas es tão na Vera> ainda / né // \$

\*ECR: [85] aí Antônio Miguel mais Gabriel / falou / ah não / nós &vo [2] eu vou / Antônio Miguel já ia mesmo / mas Gabriel falou / ah / eu vou / que eu vou / comprar uma foicinha lá pra nós // \$

\*ECR: [95] diz que é dez e cinqüenta as três // \$

\*DML: [96] uai / mas e [1] e [1] e o Antônio [1] Antônio Miguel ainda tá com a égua // \$

\*ECR: [99] <é égua> // \$

\*ECR: [100] já tem o + \$

\*ECR: [101] mas tem egüinha também // \$

\*ECR: [107] falei / nũ <pode abrir> / que ela voa e vai embora // \$

\*DML: [108] <&ma> [1] mas <é boa> // \$

\*ECR: [109] <mas e' tentou> assim mesmo abrir // \$

\*ECR: [114] agora es <encantou com a codorninha> // \$

\*DML: [115] <mas ele tem de gaiola> / ele tem também // \$

\*ECR: [118] a &gen [2] comprou a codorninha / mas es ia comprar é foice // \$

\*ECR: [122] era uma canarina / mas <morreu> // \$

\*ECR: [124] <é Salvador que> me deu // \$

\*DML: [125] <quem que deu> // \$

\*DML: [126] <ahn> // \$

\*ECR: [127] <mas ela> morreu também // \$

\*ECR: [153] hhh engraçado mesmo // \$

\*ECR: [154] <mas é bom> / né // \$

\*DML: [163] o Antônio // \$

\*DML: [164] é // \$

\*ECR: [165] mas Antônio tranca os passarim // \$

\*ECR: [167] <aí / ele> [1] e' <gosta de uma pesca / viu> // \$

\*DML: [168] <é> // \$

\*DML: [169] <mas eu nũ sei // o> Antônio / eu acho que cuida / né // \$

\*ECR: [176] é Léo que cuida mais / mas mesmo assim / es já deixaram muito passarinho morrer // \$

\*ECR: [190] <mas> / sortou os passarim todo // \$

\*ECR: [192] <es tão sortando os [1] os canarim> / tá sortando tudo mesmo // \$

\*DML: [193] mas é o melhor / né> // \$

\*ECR: [196] ele falou / o dia que eu [4] que eu [2] o dia que eu vi cantando eu &pe [2] o canarim cantando / ele falou / ah / que se tivesse um jeito / eu pegava ele / e guardava lá / pa trás da casa / pra ir ninguém &pe [4] polícia nũ vinha pegar hhh // \$

\*ECR: [197] <mas o pior é que> / às vezes vê cantando / <e sabe que tá preso> // \$

\*ECR: [238] <agora tá lá> a gaiola vazia // \$

\*ECR: [239] mas eu deixo lá // \$

### **ARQUIVO: BFAMCV27**

\*LIV: [35] <da penúltima> cê fez isso / <cê> nũ + \$

\*LET: [36] <não / mas> é porque essa aí / <cê> nũ + \$

\*LET: [171] a gente viu que cê / nũ queria mais // \$

\*LIV: [172] <tá> // \$

\*RIC: [173] <mas você> pode olhar as peças do colega // \$

\*GUI: [181] cinco numeral // \$

\*LET: [182] mas aí tem / tipo / <mil tipos de> jogos que valem esse multiplicador / <aí cê tem> + \$

\*GUI: [231] ea <finge de amiga> / mas / cê <vê / né> // \$

\*RAL: [232] <foi por querer> / xxx // \$

### **ARQUIVO: BFAMMN17**

\*HBF: [8] e na cidade vizinha / chamada Osório / \$

\*JAN: [9] uhn // \$

\*HBF: [10] / também muito plana / mas ela tinha um morrinho / chamado Burrúcia / sabe // \$

\*HBF: [18] vendo o restaurante lá / falei assim / um dia eu vou vim aqui nesse restaurante / mas eu quero subir esse morro a pé // \$

\*HBF: [27] Cíntia nũ ia pedir colo mesmo / né // \$

\*HBF: [28] mas nem eu nem a Cíntia / nũ ia agüentar &fic [1] subir o morro carregando criança / né // \$

\*HBF: [45] e todo dia / aquela chuva danada / e a gente saía / pa passear debaixo de chuva // \$

\*HBF: [46] mas a paisagem era até bonita // \$

\*HBF: [63] já tava ficando de noite / nũ tava // \$

\*HBF: [64] ou era só a chuva que fazia aquilo tudo ficar / assim / escurecido // \$

\*HBF: [65] mas foi uma farra // \$

### **ARQUIVO: BPUBCV02**

\*OSV: [8] diz que o /1 o pessoal da CEMIG / ele foi lá /3 ele ligou p' pessoal da CEMIG / tinha uma porrada de conta atrasada // \$

\*OSV: [9] mas eu tinha visto que não // \$

- \*OSV: [13] ele até admirou por que que cortou aqui de cima e da de baixo não // \$
- \*OSV: [14] as /1 as duas atrasada // \$
- \*OSV: [15] tanto / a de baixo / como a de cima aqui // \$
- \*CAR: [16] aqui / mas / a /1 a prefeitura / &he / &he / já levou lá // \$
- \*CAR: [24] então / e tá ali ainda naquele [1] naquele fio ainda / <ligado> / contrário // \$
- \*JEA: [25] <tá> // \$
- \*OSV: [26] <tá> / tá // \$
- \*JEA: [27] só <vieram fazer a leitura> // \$
- \*OSV: [28] <mas ali nũ tem problema não> / que ali é só extensão / né <hhh> // \$
- \*CAR: [51] &he / é a administração <que paga> // \$
- \*TIQ: [52] <Carlão> / fala + \$
- \*TIQ: [53] mas e ocê pediu pra / colocar [1] &he / fechar as porta lá no petebê // \$
- \*CAR: [64] <é / porque> aí / ele fica dando problema no nome dele // \$
- \*OSV: [65] é // \$
- \*CAR: [66] mas nũ vai &pa [3] nũ vai [2] nũ vai [2] nũ dá problema de pagar <mais não> // \$
- \*OSV: [77] já tá [2] já tá registrado lá já / na prefeitura // \$
- \*OSV: [78] o do <telefone> // \$
- \*CAR: [79] <não> // \$
- \*CAR: [80] <mas o> /1 o /1 a /1 o &tele /2 os telefone da &p /2 da prefeitura / é /1 é /1 vai todos numa conta só da prefeitura // \$
- \*OSV: [102] apesar que essa última veio pra cá // \$
- \*OSV: [103] mas ele falou que geralmente / a /1 a do caixa um / nũ vem pra cá não // \$
- \*CAR: [126] cê já leu / Jeane // \$
- \*JEA: [127] já // \$
- \*JEA: [128] mas eu nũ entendi muita coisa não // \$
- \*CAR: [176] &no [1] pessoal nosso fez vistoria lá já // \$
- \*OSV: [177] ô / foi o Wiliam // \$
- \*OSV: [178] <acho que foi> o Wiliam // \$
- \*JEA: [179] <já> // \$
- \*OSV: [180] o povo <é> + \$
- \*CAR: [181] <mas> o Wiliam nũ [1] nũ dá <não> // \$
- \*CAR: [206] <então era melhor até> sair as casa / do Minha Casa Minha Vida // \$
- \*OSV: [207] mas se for só o dela então / eu tiro // \$
- \*CAR: [208] se for só o dela // \$
- \*CAR: [213] eu nunca fui na casa lá dela não / mas diz que é <muito ruim> / lá o local // \$
- \*OSV: [272] se for o caso só dela mesmo / esses caso que / não tiver jeito / d' a /2 d' a gente fazer / tira ela então / né / no caso // \$
- \*OSV: [273] por [1] mas <por enquanto nũ fala nada> com ela não / né // \$

**ARQUIVO: BFAMMN09**

\*MAU: [77] aí / &po [1] por eu ser duma cidade / e ela / daquela que eu tava trabalhando / então ficava aquela fama meia / coisa // \$

\*MAU: [78] mas aí / eu assumi numa boa // \$

\*MAU: [114] ela conheceu a fome // \$

\*MAU: [115] mas ã reclamava // \$

**ARQUIVO: BFAMMN23**

\*MEL: [4] &he / e / dá o [2] dá trabalho / né / a gente tem que preparar as aulas / mas toda segunda e quarta eu dou aula / a gente tem que preparar / e eu nunca tinha feito isso / então / deu um trabalho danado / no começo / principalmente / eu fui / &he / recolher material / recolher exercícios / eu montei / duas apostilas / pra [1] né / pra / entregar pro meus alunos / então / deu muito trabalho mas / agora eu já peguei o ritmo hhh / então eu vou continuar semestre que vem / mas semestre que vem eu devo pegar uma turma de italiano um de novo / então / aí dá pra eu continuar / né / eu [1] já tá tudo pronto / né / basicamente // \$

\*MEL: [5] e / eu também pretendo pegar a minha turma de novo / essa turma / né / que eu tô dando aula agora / pegar ela / de novo no semestre que vem / mas no italiano dois // \$

\*MEL: [10] então eu já dei / duas aulas / né / amanhã vai ser minha terceira aula / mas pelo menos / também / a gente ã fica sozinho / né // \$

\*MEL: [19] aí / nts / ã deu certo mas / tudo bem porque eu também tinha / montado um [1] um [1] era / um texto / pra entregar pra eles / e junto com esse texto / eu coloquei / um mapa da Itália / né // \$

\*MEL: [21] aí ficou sem o mapa da Europa / mas / tudo bem // \$

\*MEL: [44] aula já é curta / já é uma hora de aula / né / a gente até / conseguir falar alguma coisa / até eles deixarem / dez / quinze minutos / inda bate cinco minutos antes // \$

\*MEL: [45] aí / mas deu pra ver o texto quase todo // \$

\*MEL: [57] e / e aí / &he / a gente continuou essa aula / foi / por causa da indisciplina hhh / deu pra fazer assim mas cê [1] pra você fazer uma coisa / pequena / pouca coisa / gasta já a aula inteira porque eles não prestam atenção / é uma bagunça / nts / é // \$

\*MEL: [58] mas a gente vai tentar / né // \$

\*MEL: [74] então / a gente queria / fazer pizza hhh / mas a gente ã pode fazer pizza / porque / vai dar confusão lá na escola / né / ã sei // \$

\*MEL: [75] a gente queria / né / mas / no final das contas ã vai dar certo ão / então ã vai ter mais pizza hhh // \$

\*MEL: [82] vai ser isso // \$

\*MEL: [83] ai ai // \$

\*MEL: [84] mas vai ser bom // \$

\*MEL: [85] agora / depois só fazer o relatório / né / que é a pior parte hhh // \$

\*MEL: [86] fazer o relatório // \$

\*MEL: [87] mas / eu tô indo bem / porque também semestre passado eu fiz a prática de ensino de português / então / já / levei o primeiro choque hhh // \$

### ARQUIVO: BFAMCV26

\*MIC: [14] eu queria trocar mas nã dá // \$

\*FLL: [49] <o primeiro> casal / de <padrinhos> // \$

\*LUC: [50] <nós> dois lá // \$

\*MIC: [51] <mas por que> que cês são o primeiro // \$

\*FLL: [71] ela odeia &nã /1 não tanto / mas odeia um pouco // \$

\*MIC: [72] mas é porque tava dentro do script ela ser dama / né // \$

\*MIC: [99] não sei / mas eu acho que rola // \$

\*MIC: [115] <não / mas eu fiz> muito tempo / minha amiga foi &faz + \$

\*MIC: [165] <Nossa / mas isso> <é desde nova> // \$

\*FLL: [205] isso é porque a &facu [2] a / faculdade é / como é que é / metodista // \$

\*MIC: [206] mas &to + \$

\*MIC: [207] é // \$

\*LUC: [208] ah / mas po' saber // \$

\*LUC: [209] Aff' // \$

\*MIC: [210] essas são as <piores> // \$

\*EMF: [224] ah / sessenta / né // \$

\*FLL: [225] mas / <pra quem que cê paga isso> // \$

\*EMF: [228] não sei // \$

\*FLL: [229] mas / &c [1] cê conhece gente que faz isso hhh // \$

\*LUC: [256] <vai> aumentando / né // \$

\*FLL: [257] <mas presta atenção> // \$

\*EMF: [258] <dá uns mil-e-quinhetos> // \$

### ARQUIVO: BFAMCV19

\*MAE: [33] as / cores que eu tenho / o tecido que eu tenho / são / tecidos / assim / diferente do dela / né // \$

\*MAE: [34] do &q [2] dos que ela usou // \$

\*MAE: [35] então + \$

\*RAQ: [36] mas é melhor ou pior // \$

\*MAE: [40] porque / as [1] as lojas / que vendem tecidos / geralmente / a gente acha muita loja de [1] que vende retalho // \$

\*MAE: [41] mas tudo assim / na base de &se [2] de sintético / e de malha // \$



**CASOS EXCLUÍDOS:** \*PAI: [44] <hoje> eu passei perto daquea loja que abriu ali de retalho / mas tem cada / &he / <cada pano> bonito / lá hhh // \$

\*MAE: [47] ali perto do EPA // \$

\*PAI: [48] é // \$

\*MAE: [49] pois é / mas ali você acha mais é malha // \$

\*PAI: [54] não / é retalho em termo / né // \$

\*PAI: [55] <maneira de dizer> // \$

\*MAE: [56] não / mas aí depende // \$

\*PAI: [75] quer dizer / a gente / percebe que só colocou ali pra encher / <e> + \$

\*MAE: [76] <pois> é / mas / &he / fuxico / né / é só assim não // \$

\*MAE: [79] porque aquele / processo de / cortar os círculos / e / franzir / né / aquilo é fuxico // \$

\*MAE: [80] mas só que é de uma maneira mais sofisticada // \$

\*MAE: [83] cê tá lembrado daqueas almofada que eu fiz // \$

\*PAI: [84] estou // \$

\*PAI: [85] mas já vi / também / assim / olhando no ônibus / vi umas pessoa com uns trem muito malfeito // \$

\*PAI: [87] <parece que faz> só pra vender <mesmo / né> // \$

\*MAE: [88] <pois é / mas> a gente vê / trabalho de todo jeito / né // \$

\*MAE: [89] mas / &he / a gente nũ encontra / cem por cento algodão não // \$

\*MAE: [92] eu tentei aproximar das cores dela // \$

\*MAE: [93] mas ela usou muito / assim / &he / aquele / &he / tecido / chamado / &he / "popeline" / né // \$

\*MAE: [99] eu até tinha uns retalhos aí de popeline / sabe // \$

\*MAE: [100] mas / eles estavam / assim / já / pelo [1] hhh pelo tempo / já estavam / assim / levemente podres <hhh> // \$

\*PAI: [126] <aí ligaram> pra ele / e ele falou / ué / mas tô em lua-de-mel / e / eu nũ estou nem no Brasil / e tal tal // \$

\*MAE: [199] aí eu fui à farmácia / mas só que eu fui assim / com o pé atrás / né // \$

### **ARQUIVO: BFAMMN13**

\*REN: [1] Germânio / meu filho // \$

\*REN: [2] mas cê foi de novo / lá no /1 na /1 no / ieneesseesse // \$

\*REN: [3] que que tá havendo com essa perna sua // \$

\*GER: [4] ih / minha filha // \$

\*GER: [5] acidente meu / virou uma novela // \$

\*GER: [6] acabou que / hoje eu nũ fui no ieneesseesse não // \$

\*GER: [7] fui no / iemele // \$

\*GER: [8] fazer exame de corpo delito // \$

\*GER: [9] pra / recorrer ao meu / direito do / DPVAT // \$

- \*REN: [10] uhn // \$
- \*REN: [11] e aí // \$
- \*GER: [12] e aí / passei por / &he / uma junta médica / fui avaliado por / dois médico do iemele / e / constataram a minha lesão / no fêmur // \$
- \*GER: [13] fizeram / a [1] o [1] &he / mediram [1] mediram as [1] os [1] os corte de &s [2] cirúrgico / &he / me avaliaram / os dois médicos / e / assim que / foi feito a avaliação / &c [1] &con [1] &consta [1] constataram meu direito / né / e me encaminhou / prum / médico / &d [1] da seguradora // \$
- \*GER: [14] pra liberar / meu DPVAT // \$
- \*GER: [15] e o [1] o &dinhe [2] o valor / assim que / &v [1] &he / &f [1] fizer o laudo / o valor estimado / no meu caso / pode chegar até / três-mil-e-quinhentos reais // \$
- \*GER: [16] dependendo do [1] da gravidade / do acidente // \$
- \*GER: [17] só que eu / com quem eu tá me acompanhando / &he / já passou por algum [2] por situação igual / recebeu dois-mil-e-quinhentos reais // \$
- \*REN: [18] é mesmo // \$
- \*GER: [19] é // \$
- \*REN: [20] Nossa / mas que novela / né // \$
- \*REN: [21] diz que problema / quando vem / vem em penca // \$
- \*GER: [26] no mesmo [2] na mesma data do meu acidente // \$
- \*GER: [27] dia vinte-e-dois de outubro // \$
- \*REN: [28] mas em [1] no outro ano // \$
- \*GER: [30] em dois-mil-e-sete // \$
- \*GER: [31] mas eu em dois-mil-e-seis [1] dois-mil-e-seis tive o acidente &d [1] com moto / e em dois-mil-e-sete / fomos assaltado // \$
- \*GER: [42] &d [1] nem devia ter entrado / né / mas entrei // \$
- \*GER: [59] té / né / a gente / trabalha / compra outro / mas / a sensação de / insegurança é muito grande / viu // \$
- \*GER: [70] começou a passar mal // \$
- \*GER: [71] fiquei // \$
- \*GER: [72] <mas> + \$
- \*REN: [73] <que que cê> acha que é isso / hein / Germânio // \$
- \*GER: [74] ah / eu acredito que seja cansaço / né // \$
- \*GER: [92] eu já falei com ela // \$
- \*GER: [93] mas / tá achando que [3] tá pondo os / carro na frente dos boi / né // \$
- \*REN: [103] é / <estudar é muito bom> // \$
- \*GER: [104] <&ne [1] é / &m [1] &ma> + \$
- \*REN: [105] <mas tem que ter> os limites / né // \$
- \*GER: [119] e é [1] seria coisa simples / né // \$
- \*REN: [120] nts // \$
- \*REN: [121] <é verdade> // \$
- \*GER: [122] <no entanto não> é // \$
- \*REN: [123] mas aqui / no meio dessas coisas todas / fiquei sabendo que cê deu uma de

pedreiro lá / e fez <uma revolução> lá na sua <casa> // \$

\*REN: [156] e ainda entra num mercado novo hhh // \$

\*GER: [157] com certeza // \$

\*GER: [158] no aprendizado aí / o' hhh // \$

\*REN: [159] hhh desse jeito // \$

\*REN: [160] mas depois eu vou lá / pr' eu poder ver // \$

### ARQUIVO: BFAMCV02

\*TER: [19] <vai ganhar / mas> + \$

\*JAE: [20] <ea nã tem nada> na mão // \$

\*TER: [70] conta ocê / Rute // \$

\*TER: [71] mas ea tem quarenta-e tantos // \$

\*TER: [72] sei o tanto não // \$

\*TER: [87] a mãe da &Fa [2] da + \$

\*JAE: [88] mas é lógico que ea vai pôr ocês / uai // \$

\*TER: [118] lado des também nã é rico não // \$

\*TER: [119] mas é controlado // \$

\*RUT: [144] <é pobre mas &so> [2] mas <sofá nã deve ser> barato não // \$

\*TER: [149] não / mas ea tá é brincando / <né / Rute> // \$

\*TER: [179] fica <assim> // \$

\*RUT: [180] <mas eles> também deve ter condições / uai // \$

\*TER: [186] do lado da mãe / da Fafica / tudo pobrezim // \$

\*TER: [187] mas é gente controladim / também // \$

\*TER: [225] <hhh> eu falei com a Dani assim / convida o Natalino // \$

\*TER: [226] o <Natalino> // \$

\*RUT: [227] <ah / é> // \$

\*JAE: [228] xxx // \$

\*RUT: [229] mas eu morro de vergonha // \$

\*JAE: [239] rico é pior // \$

\*TER: [240] ô + \$

\*TER: [241] não / mas nã é não / &Ru [1] Jael // \$

\*RUT: [243] <nem é tanto por causa> de presente / mas / <de> vergonha de entrar na igreja // \$

\*JAE: [247] <mas lá nã vai ser igreja não> // \$

\*RUT: [297] assim / eu gosto de me arrumar / <mas yyyy> // \$

\*TER: [298] <é> // \$

\*JAE: [299] <yyyy> // \$  
 \*TER: [300] <mas quando a Paulinha> casar / cê <vai ter que entrar> // \$  
 \*RUT: [301] <vou ser obrigada> / né // \$

\*TER: [303] então // \$  
 \*RUT: [304] mas do jeito que a <Paulinha é> [/6] do jeito que a Paulinha é <capaz até que ela> vai querer ir só lá na igreja ela <e o> padre e eu e o pai hhh // \$

### ARQUIVO: BFAMCV11

\*ONO: [8] <quase morri / também> / nesse sofá // \$  
 \*TIT: [9] pois é // \$  
 \*CAR: [10] <quê / pai / aconteceu> // \$  
 \*TIT: [11] <mas eu ã sou culpada> // \$

\*ONO: [21] tem que deitar empinado // \$  
 \*TIT: [22] mas ele come fora de hora porque quer // \$

\*TIT: [24] a janta tava pronta // \$  
 \*ONO: [25] eu cheguei aqui onze hora // \$  
 \*TIT: [26] mas ocê ã quis // \$

\*TIT: [73] falei que aqui ã podia ficar essa roupa / mas ã tem <jeito> // \$

\*TIT: [125] tem que escorrer a água dele bem aí / já pode pôr // \$  
 \*CAR: [126] pode // \$  
 \*TIT: [127] pode // \$  
 \*ONO: [128] <gordura> + \$  
 \*TIT: [129] <mas aí> cê ã deixa pingar pro chão <afora a água> dele não / uai // \$

\*ONO: [143] pior que a Maria Eduarda foi embora // \$  
 \*ONO: [144] <ela> + \$  
 \*TIT: [145] <mas> <ela vai> voltar // \$

\*ONO: [147] ea vai voltar / mas eu queria dar comer ela / <tadinha> // \$

\*CAR: [215] ele bebe <também> // \$  
 \*TIT: [216] <ele> não / ela só // \$  
 \*TIT: [217] ela é / evangélica // \$  
 \*ONO: [218] mas ele é um preto bom // \$

\*TIT: [222] <bebe> // \$  
 \*TIT: [223] <bebe> // \$  
 \*TIT: [224] mas trabalhador // \$  
 \*ONO: [225] mas n' é [/2] n' é ruim nada / <não> // \$

\*ONO: [236] eu já vi ele mas ã conheço // \$

\*TIT: [280] aí hoje eu falei assim / eu tô aqui mas ã acho que eu ã vou sujar o [/] no [/1] &massoc [/1] / o ôñibu que evem não // \$

\*TIT: [284] aí eu falei / não / mas eu [/1] essa parte aí ã pertence nem eu nem você não // \$  
 \*TIT: [291] tem dia que a conversa dele tá cem por cento // \$  
 \*TIT: [292] mas tem dia // \$  
 \*TIT: [293] tá falando mal do [/1] \$

\*TIT: [311] diz e' que tá sofrendo demais / meu filho // \$  
 \*CAR: [312] é mesmo // \$  
 \*TIT: [313] é // \$  
 \*TIT: [314] mas aí eu ã gosto de [/1] de / \$  
 \*CAR: [315] eu vou <perguntar ele / o que> que eu tenho com isso // \$  
 \*TIT: [316] / <medir> // \$

### ARQUIVO: BFAMCV34

\*NAN: [1] os anos oitenta / foi uma desgraça // \$  
 \*BAL: [2] <hhh concordo> // \$  
 \*TOM: [3] eu <lembro> // \$  
 \*TOM: [4] <eu lembro> / mas os anos oitenta foram também anos / muito ricos / <em outros> aspectos // \$  
 \*NAN: [38] os cara eram [/3] os cara + \$  
 \*NAN: [39] mas só que os cara <era assim / sabe> // \$  
 \*BAL: [40] <Orfeu é aquele que o> [/1] o Toni Garrido fez [/1] &co [/1] atuou / ã foi // \$

\*BAL: [48] <isso foi> refilmado / é // \$  
 \*NAN: [49] é // \$  
 \*NAN: [50] mas / &e [/1] essa turma / cara // \$  
 \*NAN: [51] yyyy + \$  
 \*NAN: [52] Tommaso / nós somos fichinha perto deles // \$

\*NAN: [80] nós tamos iniciando um processo de <liberdade> // \$  
 \*TOM: [81] <mas por> &in [/2] por incrível <que &p> + \$  
 \*NAN: [82] <só> dentro disso que é possível as coisas acontecerem // \$  
 \*TOM: [83] mas / em termos de música / eu tô vendo / uma decadência // \$

\*NAN: [84] não / mas tem pessoas interessantes acontecendo // \$  
 \*TOM: [85] <é / mas elas não aparecem> // \$

\*NAN: [103] tem muita gente que veio / assim / entendeu // \$  
 \*NAN: [104] mas eu acho &q [/1] &s [/1] que surgem pessoas interessantes // \$

\*NAN: [108] aqui mesmo a gente tem gente &intere + \$  
 \*NAN: [109] mas tudo isso vai depender / de toda uma / estrutura // \$

\*NAN: [148] porque musicalmente é uma coisa maravilhosa // \$  
 \*TOM: [149] não / mas não só <musicalmente> // \$

\*NAN: [151] é / assim / eu tô falando / <várias coisa> // \$  
 \*BAL: [152] <culturalmente> // \$  
 \*NAN: [153] mas tô falando musicalmente / por exemplo / a contribuição que deu / pra música mundial / é muito grande // \$

\*TOM: [165] na época / em que eles faziam as coisas melhores / eu levava os discos lá pra Itália / ninguém / <dava> +\$

\*NAN: [166] <mas eles> já produziram //\$

\*NAN: [171] e é assim que <vem> //\$

\*TOM: [172] <é> //\$

\*TOM: [173] mas a impressão que eu tenho é que agora / quem tem / em mãos / o &su [2] o poder de vender / não é mais quem produz //\$

\*TOM: [174] e [1] &he / e não / tá se dando espaço / pros novos //\$

\*NAN: [175] não / mas tá mudando //\$

\*TOM: [203] hhh o cara nã sai do [1] do [1] do [1] do [1] de Belo Horizonte / mas viaja o mundo inteiro //\$

\*NAN: [219] justamente / é isso / mas cê nã sabe o que que a meninada sabe //\$

### ARQUIVO: BFAMCV03

\*TON: [23] jogar p' ela morrer eu joguei / né //\$

\*TON: [24] mas nã quis //\$

\*CAR: [98] <eu> consigo / né //\$

\*CAR: [99] mas nã é pa qualquer um isso não //\$

\*TON: [272] ou senão só encostar aqui também o' //\$

\*CEL: [273] não / mas aí vai dar [2] vai &di [1] ser pior pa nós / uai //\$

\*CEL: [276] porque / mesmo que ele errando de bola / &he / vai ficar ruim no quatro //\$

\*CAR: [277] não / mas nã podia abrir pra ele matar não / meu filho //\$

\*CAR: [291] então bate aí o' //\$

\*CEL: [292] <mas nã deu> sinuca aí //\$

### ARQUIVO: BFAMCV25

\*MAL: [42] ele é [1] é &com [2] <ele é muito gente boa> //\$

\*MAH: [43] <mas se bem que depois que o pai [4] depois que o> pai dele morreu ele parou de acampar na casa das pessoas //\$

**CASOS EXCLUÍDOS:** \*MAL: [45] mas enfim / vamo parar de falar mal das pessoas e começar a falar mal de outra coisa //\$

\*MAH: [49] falar mal de quem tá aqui pra se defender //\$

\*MAH: [50] mas que nã consegue //\$

\*MAH: [53] ela está aqui pra se defender / mas ela <nã consegue> //\$

\*MAL: [114] e eu também nunca dou motivo pa ela brigar comigo //\$

\*VOH: [115] <nã / mas eu dava / porque> +\$

\*MAL: [116] <a bicha é linda> // \$

\*VOH: [185] então / o cara que morou aqui comigo / <yyy> / ele [1] todo mundo acha que ele é veado // \$

\*MAH: [186] <eu acho lindo> // \$

\*VOH: [187] mas ele namora uma menina // \$

\*VOH: [200] e ele / falou / oi [1] oi <gente / tudo bem / eu tô> sumido / mas / &he / eu tô estudando muito / tô morando no interior agora / mas se vocês quiserem saber novidades / assistam Ana Maria Braga na sexta-feira de manhã // \$